

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA
UNIARA**

**PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE**

**A água como elo de identidades sociais no semi-
árido paraibano: estudo de caso, Cabaceiras**

José Rocha Cavalcanti Filho

Orientador: Prof. Dr. Zildo Gallo

Araraquara / SP
Maio de 2010

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA
UNIARA**

**PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE**

**A água como elo de identidades no semi-árido
paraibano: estudo de caso, Cabaceiras.**

José Rocha Cavalcanti Filho

Orientador: Prof. Dr. Zildo Gallo

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CENTRO
UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA - UNIARA,
COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA A
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E MEIO
AMBIENTE.



Centro Universitário de Araraquara

Rua Voluntários da Pátria, 1309 - Centro - Araraquara - SP
CEP 14801-320 - Caixa Postal 68 - Fone/Fax: (16) 3301-7100

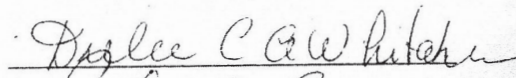
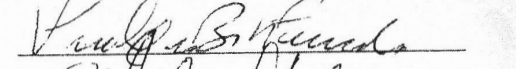
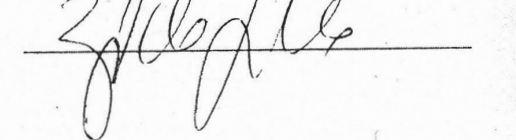
www.ifa.org.br

ATA DE COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELO CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA PARA JULGAMENTO DA PROVA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E MEIO AMBIENTE PELO(A) MESTRANDO (A) **JOSÉ ROCHA CAVALCANTI FILHO**. Aos 28 dias do mês de maio do ano de 2010 em sessão pública, no Centro Universitário de Araraquara, na presença da Banca Examinadora, composta pelos(as) docentes: **Profa. Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker**, docente na UNESP de Araraquara; **Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante** e **Prof. Dr. Zildo Gallo**{orientador [a]}, ambos docentes neste Programa; tiveram início os trabalhos de julgamento da Prova de Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, pelo(a) mestrando(a) José Rocha Cavalcanti Filho. Os examinadores, observando o tempo regulamentar, argüiram o(a) candidato(a) sobre a dissertação que o(a) mesmo(a) havia apresentado, intitulada "*A água como elo de identidades sociais no semi-árido paraibano: Estudo de caso, Cabaceiras*", tendo o(a) candidato(a) procurado explicar e/ou rebater as críticas formuladas pelos argüidores. Após a conclusão da prova de Dissertação, foi suspensa a sessão pública e em sessão secreta, os argüidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a sessão pública, foram anunciados os resultados: **Profa. Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker**, Aprovado; **Profa. Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante**, Aprovado; **Prof. Dr. Zildo Gallo**, Aprovado. Média Final: **APROVADO**, fazendo jus, portanto ao título de **Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente**, de acordo com o Artigo 33 do Regulamento Geral do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata que vai assinada pelos senhores membros da Comissão Examinadora, aos 28 dias do mês de maio do ano de 2010.

Profa. Dra. Dulce C. Andreatta Whitaker

Profa. Dra. Vera L. S. Botta Ferrante

Prof. Dr. Zildo Gallo



**PROVA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E MEIO AMBIENTE**

Candidato(a) : **José Rocha Cavalcanti Filho**

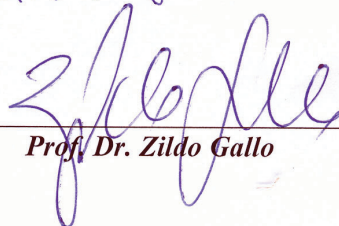
Área de Concentração **Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade**

Linha de Pesquisa: **Gestão do Território**

Conceito:

APROVADO

Examinador:


Prof. Dr. Zildo Gallo

Araraquara, 28 de maio de 2010



**PROVA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E MEIO AMBIENTE**

Candidato(a) : **José Rocha Cavalcanti Filho**

Área de Concentração **Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade**

Linha de Pesquisa: **Gestão do Território**

Conceito:

aprovado

Examinador:

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante
Profa. Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante

Araraquara, 28 de maio de 2010



Centro Universitário de Araraquara

Rua Voluntários da Pátria, 1309 - Centro - Araraquara - SP
CEP 14801-320 - Caixa Postal 68 - Fone/Fax: (16) 3301-7100

www.uniara.com.br

**PROVA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E MEIO AMBIENTE**

Candidato(a) : **José Rocha Cavalcanti Filho**

Área de Concentração: **Dinâmica Regional e Alternativas de Sustentabilidade**

Linha de Pesquisa: **Gestão do Território**

Conceito:

APROVADO

Examinador:

Dulce C Whitaker

Profa. Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker

Araraquara, 28 de maio de 2010



Centro Universitário de Araraquara

Rua Voluntários da Pátria, 1309 - Centro - Araraquara - SP
CEP 14801-320 - Caixa Postal 68 - Fone/Fax: (16) 3301-7100

www.uniara.com.br

BANCA DE DEFESA

Profa. Dra. Dulce Consuelo Andreatta Whitaker
UNESP - Araraquara

Profa. Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante
UNIARA - Araraquara

Prof. Dr. Zildo Gallo
UNIARA - Araraquara

"Por isso, em todo lugar por onde passar a torrente, os seres vivos que a povoam terão vida. Haverá abundância de peixes, pois onde quer que essa água chegue, ela levará vida, de modo que haverá vida em todo lugar que a torrente atingir."
Ez. 47,9.

Dedicatória

Aos meus pais, José Rocha Cavalcanti e Zuleide Magno Ayres Cavalcanti, por todo o bem que realizaram em minha vida (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Zildo Gallo, por sua dedicação e empenho na orientação da minha Dissertação de Mestrado. .

À Professora Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante, por seu profissionalismo, amizade, carinho, seriedade e dedicação com que atendeu a mim e a todos os alunos desta turma.

Aos Professores Doutores da Universidade de São Paulo, Eduardo Marques e Ruth de Gouvêa Duarte, pelas sugestões dadas a este trabalho de pesquisa.

Às amigas Lúcia de Marilac, Jaqueline Fonseca e Cecília Gatti que auxiliaram a execução deste trabalho.

À Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e São Bento, nas pessoas do Pároco João Bosco Felix; de Josefa Pereira Ramos da Silva, professora e agente pastoral e de Lenivaldo Gomes Correia, funcionário público e agente pastoral – os quais nos acompanharam em todo o trabalho de levantamento de dados na Comunidade São Francisco e Sítio Poço Comprido.

À Comunidade São Francisco e Sítio Poço Comprido, aos entrevistados, respondentes dos questionários, e às suas famílias, pela gentileza no atendimento e pelo exemplo de vida e religiosidade.

A todos os meus professores da UNIARA pelo testemunho e militância na questão da educação ambiental.

Aos Passionistas e à Paróquia do Sagrado Coração de Jesus e de São Sebastião, em São Carlos, pela oportunidade que me deram para realizar este mestrado, tão importante para a minha formação.

Aos muitos amigos que me motivaram e contribuíram para que eu concluísse este trabalho.

Índice

INTRODUÇÃO	6
CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO	8
JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA	11
O ECOSISTEMA EM ESTUDO.....	11
OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	16
CRITÉRIOS PARA A ABORDAGEM DA PESQUISA	18
CABACEIRAS: COMUNIDADE SÃO FRANCISCO E SÍTIO POÇO COMPRIDO.....	18
I. O SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO: ESPAÇOS E LUGARES(A DIVERSIDADE DÁ O TOM)	22
II. CABACEIRAS: HISTÓRIA E ESTÓRIA.....	51
III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O ENCONTRO COM A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.	97
IV. UM RETRATO DOS SUJEITOS INVESTIGADOS: HOMENS E MULHERES DE CABACEIRAS- PB.....	113
V. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ÁGUA PARA OS ENTREVISTADOS DA COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO, CABACEIRAS - PB.....	123
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159
VII.1. APÊNDICE - <i>FORMULÁRIO APLICADO PARA A COLETA DE DADOS</i>	164
VII.2. ANEXO 1 - <i>O CASO WALLIG NORDESTE</i>	167
VII.2. ANEXO 2 - <i>RESOLUÇÃO CONAMA</i>	169

Índice de Figuras

Figura 01 Primeira Missa no Brasil	09
Figura 02 Mapa Geográfico da Paraíba e suas Microrregiões	12
Figura 03 Mapa da Mesorregião da Paraíba	12
Figura 04 Portal de Entrada da Cidade de Cabaceiras	15
Figura 05 Concentração de Católicos Romanos no Brasil	19
Figura 06 Ipê do Cerrado	22
Figura 07 Jumento	22
Figura 08 Macambira	23
Figura 09 Xique-Xique	23
Figura 10 Mapa do Semi-Árido Brasileiro	28
Figura 11 Mapa do Semi-Árido Brasileiro - Desertificação	30
Figura 12 Festa do Bode-Rei	32
Figura 13 Festa de São João	33
Figura 14 Vaqueiro	33
Figura 15 Cisterna de Placas de Cimento	35
Figura 16 Armação da Parede e Reboco Externo da Cisterna de Placas	36
Figura 17 Estrutura da Cisterna	36
Figura 18 Cisterna Pronta	37
Figura 19 Cisterna em construção	37
Figura 20 Mapa do Semi-Árido Paraibano	39
Figura 21 Aroeira do Campo	40
Figura 22 Juazeiro	44
Figura 23 Coroa de Frade	44
Figura 24 Umbuzeiro	45
Figura 25 Jurema	49
Figura 26 Mandacaru	49
Figura 27 Mapa do Estado da Paraíba - Cabaceiras	51
Figura 28 Artesanato em Couro	53
Figura 29 Artesanato em Barro	53
Figura 30 Artesanato em Couro	54
Figura 31 Artesanato em Pedraria e Tecido	54
Figura 32 Lajedo de Pai Mateus	55
Figura 33 Portal de Entrada da Cidade na festa do Bode Rei	55
Figura 34 Artesanato em Tecido	56
Figura 35 Mapa de Indicadores Sociais	57
Figura 36 Igreja Matriz de Cabaceiras	58
Figura 37 Igreja Matriz de Cabaceiras	59
Figura 38 Lamparina	72
Figura 39 Carrapateira	73

Figura 40 Capela da Comunidade São Francisco	78
Figura 41 Entrevistados	114
Figura 42 Credo Religioso Gênero Masculino	115
Figura 43 Credo Religioso Gênero Feminino	115
Figura 44 Faixa Etária Gênero Masculino	115
Figura 45 Faixa Etária Gênero Feminino	115
Figura 46 Escolaridade Gênero Masculino	116
Figura 47 Escolaridade Gênero Feminino	116
Figura 48 Estado Civil por Pessoa	116
Figura 49 Ocupação Aposentado/Pensionista	117
Figura 50 Ocupação Agricultor(a)	117
Figura 51 Ocupação Não Informado	117
Figura 52 Imagem de uma Residência do Lugar	118
Figura 53 Imagem do Rio Direito	124
Figura 54 Ciclo Hidrológico	127

RESUMO

A dissertação teve por proposta resgatar as características centrais do semi-árido brasileiro e paraibano, passou em revista o perfil de Cabaceiras, universo da investigação e verificou as principais instâncias religiosas da Paraíba. Tomou como referencial analítico a teoria das representações de Moscovici, para estabelecer um diálogo entre o vivido e o concebido. O trabalho testou a hipótese que a escassez de água no semi-árido brasileiro e as extemporâneas enchentes que fizeram parte do difícil cotidiano da população que atualmente tem mais de 50 anos, teria exercido relevante papel nas representações da água nas identidades sociais, no cristianismo popular dos grupos minoritários do semi-árido paraibano; mais especificamente, a região de Cabaceiras-PB – geograficamente, o território com o menor índice pluviométrico do Brasil. Também teve como objetivo identificar como são as representações da água para as pessoas pertencentes às populações menos favorecidas da referida população e a maneira pela qual elas são influenciadas por suas condições econômicas e práticas religiosas. Para cumprir a proposta foram levantados dados para caracterizar os indivíduos que compõem o espaço amostral e expor suas condições de vida e o que sentem e pensam quanto ao valor da água e à sua escassez – dados esses que permitiram comprovar a hipótese e compreender que a cosmovisão que rege as vidas dos entrevistados de São Francisco e Poço Comprido está baseada na lógica cíclica da natureza marcada por duas sações: o verão que pode chegar a até 10 meses por ano e o esperado inverno, período de dois a quatro meses, no máximo cinco meses, com possíveis chuvas. Esta realidade permitiu perceber a religiosidade como ponto fundante que marca o tempo através das festas de santos católicos. Uma religiosidade devocional, na qual os santos estão estreitamente ligados à natureza e são intercessores para a chuva. O elemento religioso foi encontrado nas várias atitudes de resignação e na passividade diante da realidade secular da escassez da água. Outro importante elemento detectado foi a enorme e sempre presente solidariedade afetiva quer nos momentos de enfermidades; escassez da água; nos vários trabalhos, não só no campo mas na casa; no nascimento de uma criança, na doença de membros da comunidade. A suposta identificação de disputas entre grupos radicados nas práticas hegemônicas e o grupo vulnerável investigado, não foi confirmada o que corrobora a solidariedade cristã por eles percebida no seu mais profundo sentido. Os entrevistados foram unânimes em dizer que não presenciaram nem ouviram contar de qualquer tipo de discórdia, menos ainda de brigas e disputas por água, mesmo nos momentos de maior escassez. Antes de qualquer outro comentário, em sua sabedoria de vida e em sua luta pelo precioso líquido, os entrevistados se referem à água como fonte de vida, origem e princípio de todas as coisas. Este estudo pretende contribuir para que esta população do semi-árido seja melhor compreendida e, quiçá, serem beneficiados em políticas de inclusão social.

Palavras-Chave: semi-árido, Cabaceiras, PB, escassez de água, seca, cristianismo popular, representações sociais.

ABSTRACT

The objective of this research is to rescue the major characteristics of the semi-arid region of Paraíba State, Northeastern Brazil, outline the profile of the city of Cabaceiras, the subject of this study, and investigate the instances of religion in the state of Paraíba. Moscovici social representations were used as the analytical approach to establish a dialogue between real experiences and conceived ideas. This study tested the hypothesis that the water scarcity in the semi-arid regions in Brazil and the unseasonable floods that caused considerable hardship endured by the population for over 50 years played a relevant role in the representations of water in the social identities of the popular Christianity of the minority groups in the semi-arid region of the state of Paraíba, mainly the region of Cabaceiras-PB, which, geographically, is the territory with the lowest precipitation index in Brazil. This study also aimed at identifying how the less privileged population see the representations of water and how they are influenced by their economic conditions and religious practices. Hence, data characterizing the individuals in the sample, their life conditions, and their views about the value of water and its scarcity were collected. Those data allowed proving the hypothesis and understanding that the Christian World View that leads the life of the respondents in the cities of São Francisco and Poço Comprido is based on the seasonal cycle of nature characterized by two seasons: summer, which can last up to 10 months, and the expected winter, which lasts from 2 to 4 months or 5 months maximum, when there is possibility of rain. Such reality allowed perceiving religiosity as the basis that defines the calendar based on the feast days of catholic saints. It is a devotional religiosity, in which the saints are related to nature and can intercede to send the desired rains. The religious element was found in the resignation and passivity towards the century-long reality of water scarcity. Another important element detected was the great and very frequent solidarity expressed during time of water scarcity, in the country field and at home, at the birth of a child, or with sick community members. The supposed identification of disputes between the groups rooted in the hegemonic practices and the vulnerable group studied was not confirmed corroborating the Christian solidarity expressed among them in its most profound sense. The respondents were unanimous in stating that they had never experienced or heard of discord, disputes, or disagreements over water, even during the times of acute scarcity. Due to their wisdom and struggle for the precious liquid, the interviewees see water as the source of life; as the origin and beginning of everything. This research aimed at contributing towards a better understanding of the reality of the people of semi-arid regions, so that they can benefit from social inclusion policies.

Keywords: semi-arid, Cabaceiras, PB, water scarcity, drought, popular Christianity, social representations.

“Então o povo discutiu com Moisés,
dizendo: dê-nos água para beber.
Javé respondeu a Moisés:
você baterá na rocha,
e dela sairá água para o povo beber.”
(Ex 17,2.5.6).

INTRODUÇÃO

A hipótese que gerou o tema deste trabalho é que a escassez de água no semi-árido brasileiro e as extemporâneas enchentes que fizeram parte do difícil cotidiano da população que atualmente tem mais de 50 anos, teria exercido papel relevante nas representações sobre a água, nas identidades sociais, no cristianismo popular dos grupos minoritários que habitam essa região.

Para testar a hipótese, esta dissertação de mestrado teve por proposta levar a efeito um estudo sociológico das representações da água por grupos minoritários, entendidos como vulneráveis pelo Programa Nacional de Direitos Humanos. Para tanto foi escolhido trabalhar com uma amostra representativa da população formada pelas minorias religiosas pertencentes aos grupos de cristianismo popular do semi-árido paraibano, mais especificamente, a região de Cabaceiras – PB, estado ao qual pertence o autor deste trabalho. Estudar um local que é ao mesmo tempo, lugar de referência e de identidade representa, fortemente um desafio e uma difícil, mas privilegiada experiência.

Essa região do semi-árido paraibano apresenta altos níveis de degradação os quais, segundo Souza *et al* (2007) são resultantes da extrema carência das camadas pobres da população e somente um adequado manejo dos recursos naturais – com a recuperação das áreas degradadas e desertificadas – poderia garantir sustentabilidade à agricultura familiar e reduzir as vulnerabilidades a níveis aceitáveis.

Segundo Lima *et al* (1994), os projetos sociais que têm o objetivo de desenvolver as áreas carentes do semi-árido de maneira geral são ineficientes, por não atenderem às necessidades e não se adequarem à realidade da população que vive nestas regiões. A grande maioria dos projetos visa apenas prestar assistência imediata, como o abastecimento temporário de água por carros pipas, doações de cestas básicas e frentes de emergência.

A partir dessas considerações, nasceu a proposta de um trabalho sobre as representações da água para as populações menos favorecidas da região de Cabaceiras – PB e a maneira pela qual elas são influenciadas por suas condições econômicas e práticas religiosas.

Esta dissertação se propôs levantar dados em uma amostra da população em estudo para testar a hipótese do trabalho motivada pelas considerações de Valencio et al (2001a) que incentiva o processo acadêmico que propõe um conhecimento com retorno social.

Mais especificamente, pretende:

- Caracterizar o grupo de estudo com relação às práticas e manejo da água e correlacionar essas informações com a condição social, cultural e religiosa;
- Verificar se a escassez de água é tão ou mais importante que a própria água;
- Fundamentar o problema do acesso e uso da água pelas minorias religiosas do semi-árido à luz da Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2003) e da abordagem fenomenológica dos significados da água nas formas em que se apresenta no meio e no imaginário social;
- Verificar como esse grupo percebe os benefícios provenientes da construção dos açudes e cacimbas;
- Formular os vários significados da água: água do mar; água do rio; água da chuva; água do poço; água potável; água dos açudes e cacimbas; água insalubre; água do batismo; água benta; lágrimas; saliva, urina; suor e outros.
- Identificar disputas entre grupos radicados nas práticas hegemônicas e o grupo vulnerável investigado;

Contextualização do Trabalho

“Nem toda nuvem gera tempestade”

Shakespeare (1564-1616)

O Catolicismo no Brasil

A vinda dos portugueses para garantir a posse das terras brasileiras, além do significado político propriamente dito, tem outro significado subjacente: o início do cristianismo da Igreja Católica Apostólica Romana. Com os colonizadores vieram os primeiros missionários católicos, frades Franciscanos e, a partir de então, se fez presente a Igreja Católica no Brasil. A história da colonização portuguesa está estreitamente ligada à presença hegemônica do catolicismo durante os últimos cinco séculos da história do país. A influência da Igreja Católica Apostólica Romana foi tão forte que o primeiro nome dado às terras descobertas foi “Ilha de Vera Cruz”, depois mudado para “Terra de Vera Cruz” e, em seguida, “Terra de Santa Cruz”. Mais que isso, com frequência há rios, serras, cidades e estados brasileiros que receberam nomes de santos.

Os missionários que aqui chegaram tiveram papel fundamental na dinâmica da colonização. Eles vieram com a missão de se aproximarem dos povos autóctones (indígenas) pré-colombianos, o que ocorreu nas diversas regiões do território. Os missionários católicos foram os primeiros a estabelecer contato com os indígenas através de aldeamento das missões nas quais realizavam a catequese, o ensino da língua portuguesa e a doutrinação ao catolicismo através da iniciação aos sacramentos: batismo, eucaristia e crisma. Também promoveram o ensino de várias orações, novenas, terços e algo de profundo êxito – as festas religiosas do calendário litúrgico da Igreja Católica até hoje muito populares em todo o Brasil. Podemos citar como exemplo as Festas Juninas: Santo Antonio, São João e São Pedro, o nascimento de Jesus, o Natal, a Festa de Reis, o tempo da Quaresma, tempo de preparação para a Festa da Páscoa etc. Todos esses eventos, com maior ou menor intensidade, são vivenciados praticamente em todas as regiões do país.

A chegada dos portugueses deu-se na região nordeste, no estado da Bahia em Porto Seguro. O início desta presença da Igreja é marcado com a celebração da

primeira missa no Brasil realizada pelo frade Henrique de Coimbra em 26 de abril de 1500, e descrita por Pêro Vaz de Caminha na carta que enviou ao rei de Portugal, D. Manuel I (1495-1521), dando conta do descobrimento do Brasil, então Terra de Vera Cruz, pela armada de Pedro Álvares Cabral. No Museu Nacional de Bellas Artes, no Rio de Janeiro, está o quadro dessa missa, de autoria de Victor Meirelles. Em 1980, Glauco Rodrigues, pintou o quadro *A Primeira Missa no Brasil*, uma espécie de releitura da obra de Vitor Meireles, oferecida pelo governo brasileiro ao Papa João Paulo II.



Fig. 01 - Primeira Missa no Brasil, 1861

Fonte: www.moderna.com.br/.../datas/indio.htm

Vale lembrar, também, que nessa carta¹, assim escreveu Caminha a respeito de nossa terra:

¹ Carta a El-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil, popularmente conhecida como Carta de Pero Vaz de Caminha, é o documento no qual Pero Vaz de Caminha registrou as suas impressões sobre a terra que posteriormente viria a ser chamada Brasil. É o primeiro documento escrito da história do Brasil, portanto, é o marco inicial da obra literária no país. Escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, Caminha redigiu a carta para o rei D. Manuel I (1495-1521) para comunicar-lhe o descobrimento das novas terras. Datada de Porto Seguro, no dia 1 de Maio de 1500, foi levada a Lisboa por Gaspar de Lemos, comandante do navio de mantimentos da frota.

Esta terra, Senhor, me parece que será tamanha, que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa; traz ao longo do mar grandes barreiras, e a terra muito cheia de grandes arvoredos; é toda praia muito formosa. Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro. Porém, a terra, em si, é de muito bons ares. Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. Porém, o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel. Acesso em 20 março 2010.

A partir de então temos a presença do catolicismo, seja com a participação do clero ou dos leigos, na maioria das vezes organizados em diversas confrarias que tiveram um papel importante na proliferação e expansão do catolicismo no nordeste e para as várias outras regiões do país.

No semi-árido nordestino, o catolicismo chegou de forma mais significativa com a ocupação do interior, geralmente iniciada pelos Bandeirantes e medrou para boa parte do semi-árido, principalmente nas regiões dos cariris velhos onde está localizado o Município de Cabaceiras. Assim, o catolicismo chegou com os bandeirantes e com a bovinocultura, na qual a presença dos missionários e leigos das confrarias tem função significativa para amenizar os conflitos com as populações autóctones.

Este catolicismo do semi-árido foi profundamente marcado por procissões, festas de santos, romarias, novenas, missas e outros atos religiosos que marcaram o caririzeiro² paraibano. Essa expressão religiosa possibilitou a construção da identidade do homem e da mulher do semi-árido paraibano onde dois elementos são fundamentais: água e práticas religiosas. Em muitos ritos a água é representada na benção, no batismo e na água benta utilizada por vários rituais. Ela é utilizada no nascimento ou na morte do caririzeiro, em movimentos marcantes da vida individual ou coletiva, nas quais cumpre lembrar o casamento, a benção da casa, de criação³, de grávidas e tantos outros gestos do cotidiano destes grupos do semi-árido.

A carta conservou-se inédita por mais de dois séculos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Foi descoberta em 1773 por José de Seabra da Silva, noticiada pelo historiador espanhol Juan Bautista Muñoz e publicada, pela primeira vez no Brasil, pelo padre Manuel Aires de Casal na sua *Corografia Brasileira* (1817).

² Caririzeiro – homem que habita a região do Cariri. Cariri é a designação da principal família de línguas indígenas do sertão do Nordeste.

³ Criação – é o mesmo que dizer caprinocultura, ovinocultura.

Justificativa da Escolha do Tema

A opção pela temática para este trabalho de mestrado – que enfoca as representações sociais da água na dimensão comunitária do cristianismo no semi-árido paraibano – é relevante devido primeiramente ao fato de o semi-árido ser uma das regiões mais populosas do Brasil e um dos maiores do mundo. Temos o menor índice pluviométrico do país e o não manejo dos recursos ambientais de forma racional denigre, de forma preocupante, os conseqüentes problemas de assoreamento, a extinção de várias espécies da fauna e flora e, especialmente, o fato de esses problemas todos serem potencializados pelo processo acelerado de desertificação.

Grande parte da população do semi-árido é constituída por comunidades sem infra-estrutura básica, ou seja, sem água potável, eletrificação rural, habitação, estradas e conservação, assistência médica hospitalar e com falta de empregos. Nessa região existe elevado índice de desnutrição, analfabetismo, violência, êxodo rural, pobreza, falta de políticas públicas eficazes, corrupção, latifúndios e monocultura. Essas são as plangentes realidades de uma região tão hostilizada e contudo, a região do semi-árido abriga uma das mais ricas expressões culturais do nosso país.

Por isso, uma dissertação como esta justifica que o autor se debruce de forma multidisciplinar para compreender a lógica que rege os modos de ser e de viver das populações do semi-árido e, de forma mais específica, o semi-árido paraibano.

O Ecossistema em Estudo

Os sistemas ambientais representam entidades organizadas na superfície terrestre, de modo que a espacialidade se torna uma das suas características inerentes. A organização desses sistemas vincula-se à estruturação e funcionamento de (e entre) seus elementos, assim como resulta da dinâmica evolutiva. Em virtude da variedade de elementos componentes e dos fluxos de interação, constituem exemplos de sistemas complexos espaciais. Os ecossistemas são entidades representativas de sistemas ambientais (CHRISTOFOLETTI, 1999).

O conceito de ecossistema foi proposto por TANSLEY (1935) e teve como objetivo principal definir a unidade básica resultante da interação entre todos os

seres vivos que habitam uma determinada área ou região, com as condições físicas ou ambientais que as caracterizam.

A definição de ODUM (1988) é muito precisa, salientando que o ecossistema é constituído por “qualquer unidade que inclui a totalidade dos organismos em uma determinada área interagindo com o meio ambiente físico, de modo que um fluxo de energia promove a permuta de materiais entre os componentes vivos e abióticos” (apud Scatena, 2005).

A abordagem ecossistêmica apresenta sintonização holística, pois salienta como relevância maior a interação entre os componentes e não o tratamento direcionado para cada aspecto característico individualizado. Outra característica essencial corresponde ao fato de que são entidades que devem corresponder a unidades espaciais discerníveis na superfície terrestre, que devem ser identificadas e circunscritas pelas suas fronteiras (CHRISTOFOLETTI, 1999).

O Estado da Paraíba está situado no Nordeste do Brasil entre os paralelos de 6°02'12" e 8°19'18" de latitude sul e os meridianos de 34° 45'54" e 38°45'45" de longitude a oeste de Greenwich (Inglaterra). Limita-se a leste com o Oceano Atlântico, onde está situado o ponto mais oriental das Américas (Ponta do Seixas), a oeste com o Estado do Ceará, ao norte com o Estado do Rio Grande do Norte e ao sul com o Estado de Pernambuco.



Fig. 02 - Mapa Geográfico da Paraíba e suas Microrregiões

Fonte: Wikipédia

A região na qual foi realizado o trabalho de campo – portanto ecossistema deste estudo – é o Município de Cabaceiras-PB, localizado na microrregião do cariri

oriental, conhecido como região dos cariris velhos, na área mais baixa do Planalto da Borborema. Geograficamente, é o território com o menor índice pluviométrico do Brasil, o qual varia entre 280 a 400mm anuais com duas estações: verão, época de seca e inverno, época de chuvas. Essa divisão em estações freqüentemente se restringe à teoria porque o período de estiagem muitas vezes abrange dez meses do ano.

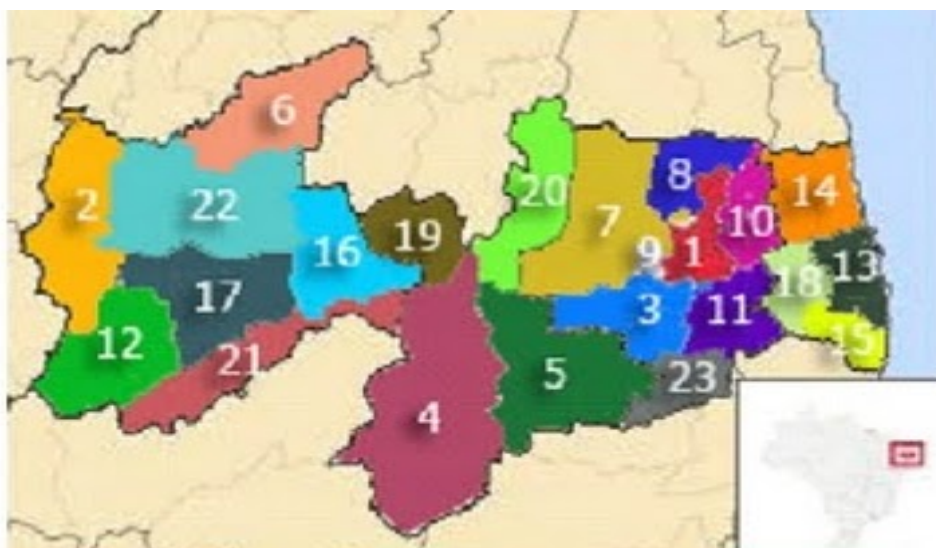


Fig. 03 - Mapa das Mesorregiões da Paraíba

Fontes: Wikipédia e IBGE

1. Brejo Paraibano - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 114.418 habitantes e está dividida em oito municípios: - Alagoa Grande - Alagoa Nova - Areia - Bananeiras - Borborema - Matinhas - Pilões - Serraria. Possui uma área total de 1.174,168 km².
2. Cajazeiras - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Sertão Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 161.485 habitantes e está dividida em quinze municípios: - Bernardino Batista - Bom Jesus - Bonito de Santa Fé - Cachoeira dos Índios - Cajazeiras - Carrapateira - Monte Horebe - Poço Dantas - Poço de José de Moura - Santa Helena - Santarém - São João do Rio do Peixe - São José de Piranhas - Triunfo - Uiraúna. Possui uma área total de 3.423,125 km².
3. Campina Grande - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 492.019 habitantes e está dividida em oito municípios: - Boa Vista - Campina Grande - Fagundes - Lagoa Seca - Massaranduba - Puxinanã - Queimadas - Serra Redonda. Possui uma área total de 2.113,326 km².
4. Cariri Ocidental - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Borborema. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 114.164 habitantes e está dividida em dezessete municípios: - Amparo - Assunção - Camalaú - Congo - Coxixola - Livramento - Monteiro - Ouro Velho - Parari - Prata - São João do Tigre - São José dos Cordeiros - São Sebastião do Umbuzeiro - Serra Branca - Sumé - Taperoá - Zabelê. Possui uma área total de 6.983.601 Km².
5. Cariri Oriental - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Borborema. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 61.388

habitantes e está dividida em doze municípios: - Alcantil - Barra de Santana - Barra de São Miguel - Boqueirão - Cabaceiras - Caraúbas - Caturité - Gurjão - Riacho de Santo Antônio - Santo André - São Domingos do Cariri - São João do Cariri. Possui uma área total de 4.242,135 km².

6. Catolé do Rocha - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Sertão Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 108.186 habitantes e está dividida em onze municípios: - Belém do Brejo do Cruz - Bom Sucesso - Brejo do Cruz - Brejo dos Santos - Catolé do Rocha - Jericó - Lagoa - Mato Grosso - Riacho dos Cavalos - São Bento - São José do Brejo do Cruz. Possui uma área total de 3.037,976 km².
7. Curimataú Ocidental - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 110.457 habitantes e está dividida em onze municípios: - Algodão de Jandaíra - Arara - Barra de Santa Rosa - Cuité - Damião - Nova Floresta - Olivedos - Pocinhos - Remígio - Soledade - Sossêgo. Possui uma área total de 3.878,476 km².
8. Curimataú Oriental - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 96.388 habitantes e está dividida em sete municípios; - Araruna - Cacimba de Dentro - Campo de Santana - Casserengue - Dona Inês - Riachão - Solânea. Possui uma área total de 1.363,492 km².
9. Esperança - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 49.605 habitantes e está dividida em quatro municípios: - Areial - Esperança - Montadas - São Sebastião de Lagoa de Roça. Possui uma área total de 274,930 km².
10. Guarabira - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2007 pelo IBGE em 163.264 habitantes e está dividida em quatorze municípios: - Alagoinha - Araçagi - Belém - Caiçara - Cuitegi - Duas Estradas - Guarabira - Lagoa de Dentro - Logradouro - Mulungu - Pilõesinhos - Pirpirituba - Serra da Raiz – Sertãozinho. Possui uma área total de 1.289,506 km².
11. Itabaiana - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 105.567 habitantes e está dividida em nove municípios: Caldas Brandão - Gurinhém - Ingá - Itabaiana - Itatuba - Juarez Távora - Mogeiro - Riachão do Bacamarte - Salgado de São Félix. Possui uma área total de 1.652,197 km².
12. Itaporanga - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Sertão Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 82.841 habitantes e está dividida em onze municípios: Boa Ventura - Conceição - Curral Velho - Diamante - Ibiara - Itaporanga - Pedra Branca - Santa Inês - Santana de Mangueira - São José de Caiana - Serra Grande. Possui uma área total de 3.053,916 km².
13. João Pessoa - e é uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Zona da Mata Paraibana. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 983.925 habitantes e está dividida em seis municípios: Bayeux - Cabedelo - Conde - João Pessoa - Lucena - Santa Rita. Possui uma área total de 1.262,316 km².
14. Litoral Norte - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Zona da Mata Paraibana. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 135.467 habitantes e está dividida em onze municípios: Baía da Traição - Capim - Cuité de Mamanguape - Curral de Cima - Itapororoca - Jacaraú - Mamanguape - Marcação - Mataraca - Pedro Régis - Rio Tinto. Possui uma área total de 1.960,503 km².
15. Litoral Sul - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Zona da Mata Paraibana. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 102.988 habitantes e está dividida em quatro municípios: Alhandra - Caaporã - Pedras de Fogo - Pitimbu. Possui uma área total de 1.042,989 km².

16. Patos - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Sertão Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 124.018 habitantes e está dividida em nove municípios: Areia de Baraúnas - Cacimba de Areia - Mãe d'Água - Passagem - Patos - Quixabá - Santa Teresinha - São José de Espinharas - São José do Bonfim. Possui uma área total de 2.483,972 km².
17. Piancó - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Sertão Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 69.538 habitantes e está dividida em nove municípios: Aguiar - Catingueira - Coremas - Emas - Igaracy - Nova Olinda - Olho d'Água - Piancó - Santana dos Garrotes. Possui uma área total de 3.285,713 km².
18. Sapé - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Zona da Mata Paraibana. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 126.115 habitantes e está dividida em nove municípios: Cruz do Espírito Santo - Juripiranga - Mari - Pilar - Riachão do Poço - São José dos Ramos - São Miguel de Taipu - Sapé - Sobrado. Possui uma área total de 1.139,588 km².
19. Seridó Ocidental - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Borborema. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 37.163 habitantes e está dividida em seis municípios: Junco do Seridó - Salgadinho - Santa Luzia - São José do Sabugi - São Mamede - Várzea. Possui uma área total de 1.738,436 km².
20. Seridó Oriental - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Borborema. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 70.892 habitantes e está dividida em nove municípios: Baraúna - Cubati - Frei Martinho - Juazeirinho - Nova Palmeira - Pedra Lavrada - Picuí - Seridó - Tenório. Possui uma área total de 2.608,719 km².
21. Serra do Teixeira - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Sertão Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 109.759 habitantes e está dividida em onze municípios: Água Branca - Cacimbas - Desterro - Imaculada - Juru - Manaíra - Maturéia - Princesa Isabel - São José de Princesa - Tavares - Teixeira. Possui uma área total de 2.651,051 km².
22. Sousa - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Sertão Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 175.204 habitantes e está dividida em dezessete municípios: Aparecida - Cajazeirinhas - Condado - Lastro - Malta - Marizópolis - Nazarezinho - Paulista - Pombal - Santa Cruz - São Bentinho - São Domingos de Pombal - São Francisco - São José da Lagoa Tapada - Sousa - Vieirópolis - Vista Serrana. Possui uma área total de 4.784,729 km².
23. Umbuzeiro - É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 52.345 habitantes e está dividida em cinco municípios: Aroeiras - Gado Bravo - Natuba - Santa Cecília - Umbuzeiro. Possui uma área total de 1.167,974 km².

A análise qualitativa, cerne do trabalho, buscou respaldo na teoria das representações sociais do psicólogo social Serge Moscovici (Moscovici, 2003) aplicada em grupos religiosos do cristianismo popular, com vistas a uma decodificação da cosmovisão de homens e mulheres com mais de 50 anos, sob as mais diversas representações dos vários tipos de água e, também, como é a própria representação da ausência da água na região rural de Cabaceiras-PB. Esta diretriz tem o propósito de decodificar as representações sociais sustentadas pelas influências sociais da comunicação. Elas constituem as realidades de nossas vidas

cotidianas e servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos relacionamos uns com outros.

As representações sociais são compreendidas em Moscovici como a substância simbólica que entra em elaboração e que, por outro modo, é a prática específica que produz essa substância, da mesma maneira como a ciência e mesmo o mito produzem uma prática científica ou mítica.

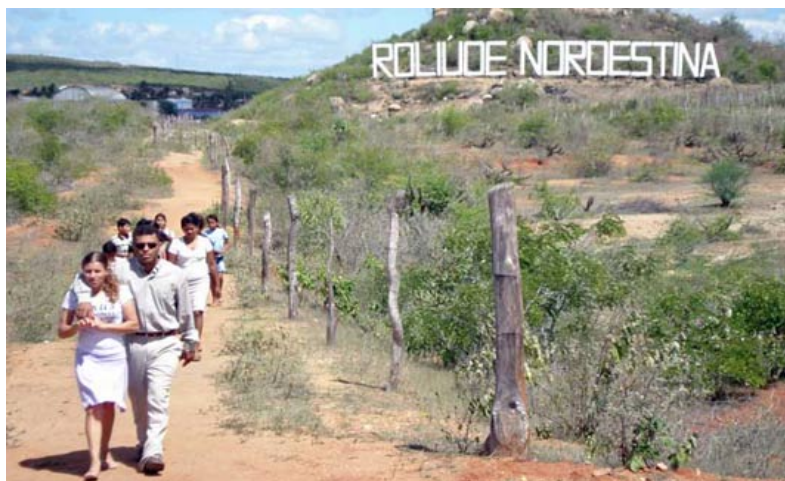


Fig. 04 - Portal de entrada da Cidade de Cabaceiras – PB
Fonte: g1. globo.com

Os Caminhos da Pesquisa

A coleta de dados foi realizada no município de Cabaceiras-PB na comunidade rural São Francisco composta pelos sítios Gerimun, Alto Fechado, Malhada Comprida, Rio Direito e Carotá de Dentro, localizada a 15 km do centro da cidade e no Sítio Poço Comprido, localizado a 20 km também do centro da cidade. Segundo dados do IBGE, o município tem uma população média de 5000 habitantes. Deste total, aproximadamente, apenas 10% acima de 60 anos de idade, o que reflete bem a expectativa de vida ou vida média de apenas 51,2 anos. No trabalho de campo foram entrevistadas 55 pessoas acima de 50 anos a partir de um questionário semi-aberto em forma de entrevista.

Esse trabalho foi realizado no período de uma semana, trabalhando de manhã, à tarde e à noite. Vale dizer que os coletores de respostas foram recebidos de forma profundamente acolhedora nas diversas residências visitadas.

Para o levantamento de dados foi aplicado um questionário (Apêndice, p. 163) – totalmente elaborado pelo autor deste trabalho – composto por cinquenta questões divididas em quatro blocos; 1) identificação dos entrevistados(as) – quatro perguntas; 2) água e suas representações – vinte e uma perguntas; 3) religiosidade – quinze perguntas; 4) água e sociedade – dez perguntas⁴.

Em todas as casas em que havia pessoas no momento de nossa chegada, os aplicadores puderam gravar as perguntas e respostas sem problema algum. Posteriormente as questões foram transcritas e digitadas para documentação do trabalho de campo realizado, análise dos resultados e para verificar a existência ou não de algo comum com o referencial teórico de Serge Moscovici.

Além das questões gravadas, foi realizado um diálogo com base em objetos encontrados na residência – fotos, quadros de Santos, potes de água etc. – o que permitiu conhecer e compreender as representações sociais e costumes daquela população.

Na realização de uma pesquisa podem ser considerados dois tipos de abordagem: qualitativa e quantitativa.

O método qualitativo, diferente do quantitativo que exige regras precisas – como problemas, hipóteses e variáveis antecipadas; também é peculiar na forma de coleta e análise de dados, pelo não emprego de instrumentos estatísticos, pela ênfase na perspectiva do objeto em estudo e por sua proximidade a ele.

De modo diverso, no método quantitativo, os pesquisadores usam grandes amostras e informações numéricas; isso lhes permite, dentro de certos limites, a generalização dos resultados e sua replicação, enquanto no método qualitativo as amostras são reduzidas e os instrumentos de coleta não são estruturados; a preocupação está antes voltada em analisar e interpretar aspectos mais profundos e mais detalhadamente (BRYMAN, 1989; MARCONI & LAKATOS, 2004)

⁴ O autor contou com o auxílio de colaboradores, a saber: Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e São Bento, nas pessoas do Pároco João Bosco Felix; Josefa Pereira Ramos da Silva, professora e agente pastoral e Lenivaldo Gomes Correia, funcionário público e agente pastoral, que nos acompanharam em todo o trabalho de levantamento de dados na Comunidade São Francisco e Sítio Poço Comprido.

Crêterios para a Abordagem da Pesquisa

Martins (1999) sugere cr terios para escolha da abordagem de pesquisa, conforme quadro 1.

Cr�terio	Características da Pesquisa	Abordagem Quantitativa	Abordagem Qualitativa
Adequa�o aos conceitos	Necessidade de presença do pesquisador Necessidade de captar percep�o das pessoas Variáveis difíceis de quantificar Tamanho da amostra pequeno	incomum impossível inadequado insuficiente	comum possível possível possível
Adequa�o aos objetivos	Contribui�o para formula�o da teoria Compreensão profunda sobre o uso da informa�o Elucidar rela�o de causa e efeito	inadequado inadequado possível	adequado adequado possível
Validade de constru�o		possível	possível
Validade interna		possível	possível
Validade externa	Generaliza�o da teoria	possível	possível
Confiabilidade		possível	possível

Fonte: Martins (1999)

Considerando esses cr terios e devido   necessidade da presença do pesquisador e ao tamanho da amostra, a abordagem qualitativa   a mais adequada, al s de suma importância, porque essa avalia o está contida na proposta do trabalho, o que poderá ser muito bem trabalhada pelo fato de o pesquisador ter tido amplo acesso   popula o estudada. Assim, a abordagem   do tipo participante total. No entanto, a quantidade dos respondentes e das questões, bem como as características das perguntas, permitem uma análise quantitativa, a qual serviu para nortear e enriquecer as observa es do autor na análise qualitativa.

Cabaceiras: Comunidade São Francisco e Sítio Poço Comprido

Esta pesquisa, baseada em Duarte (2002), foi realizada no município de Cabaceiras-PB, na Comunidade São Francisco e no Sítio Poço Comprido e os respondentes que compuseram a amostra, formada por homens e mulheres com mais de 50 anos, pertencem a grupos autóctones da região, ligados predominantemente por laços familiares, como também pela pertencen a religiosa de grande maioria católica e que fazem parte da Paróquia de Nossa Senhora da Concei o e São Bento.

A história da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e São Bento, no município de Cabaceiras, localizada no semi-árido do estado da Paraíba, confunde-se com a própria história deste município. Esta paróquia abrange dois municípios: Município de Cabaceiras e o Município de Santo André. Nesses municípios há duas comunidades urbanas e nove comunidades rurais, nas quais, predominantemente, a população é católica, pois o estado da Paraíba é o terceiro estado do Brasil com maior números de católicos, perdendo apenas para o Piauí, que possui o maior número de católicos do país; perde também para o Ceará.

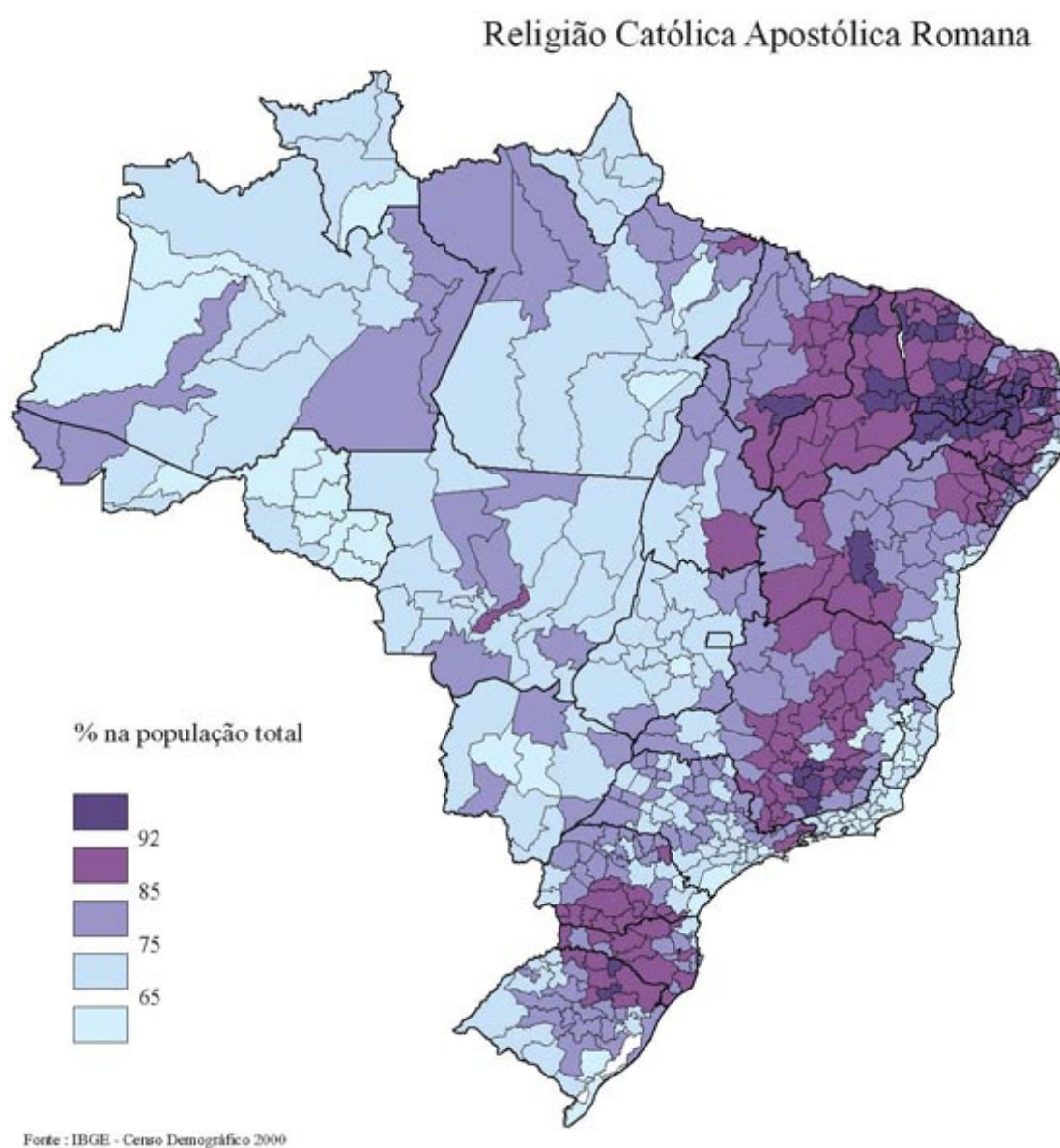


Fig. 05 – Concentração de Católicos Romanos no Brasil

Fonte: ibge, 2000

<http://br.monografias.com/trabalhos917/territorialidade-catolica-brasil/territorialidade-catolica-brasil2.shtml>

Faz parte da proposta desta dissertação interpretar as relações que as minorias religiosas de Cabaceiras têm com a água a partir de dois aspectos:

- O que caracteriza essas minorias religiosas? O que as diferencia dos demais usuários com relação ao acesso e ao manejo da água? Esta questão foi formulada para compreender como esses indivíduos constroem seu conhecimento e definem suas práticas de manejo da água e verificar quais são suas relações com a escassez de água a partir da sua condição social, cultural e religiosa. Serão utilizados os conceitos da Teoria das Representações Sociais de MOSCOVICI, (1989);
- De que forma o aspecto religioso influencia a relação desses indivíduos entre si e com outros grupos, com a constante ameaça de escassez de água? Questão formulada para verificar a maneira como a água se apresenta para estes indivíduos e que tipo de interpretação a seca ou sua iminência provoca em seu imaginário. Para cumprir esta etapa, foi realizada pesquisa qualitativa com os indivíduos do grupo investigado. Nesta pesquisa foi priorizada a linguagem oral, a partir de entrevistas individuais e em grupo.

Foram estudados os vários significados da água dentro do contexto do semi-árido paraibano e foi dada especial atenção àqueles relacionados, principalmente, com os aspectos religiosos.

No capítulo primeiro, são apresentadas as diferentes dimensões do semi-árido brasileiro, seus espaços e lugares, sendo privilegiado como recorte o resgate de suas diversidades e a intervenção institucional.

O segundo capítulo resgata a trajetória de Cabaceiras, priorizando-se a história oral para descrever a origem da paróquia e das comunidades. Igualmente, cabe ressaltar uma exaustiva garimpagem em arquivos de dioceses, em um trabalho artesanal de reunir informações esparsas para reconstruir a história. A linguagem, mantida, mostra traços de uma época em que se faz muito presente a influência religiosa. É importante ser frisado que este capítulo foi construído, passo a passo, dada a inexistência de bibliografia. Através das falas de Severina, Josefa, Sebastiana, Maria dos Anjos, Maria do Céu, José Galdino e de tantas outras, foi possível resgatar a história das comunidades.

O capítulo terceiro apresenta o referencial teórico – a teoria das representações sociais – que deve ser lido como um convite ao diálogo com as representações colhidas na comunidade – as quais compõem o capítulo quarto – a partir de um instigante e cuidadoso trabalho de campo e de coleta de depoimentos, tomados neste trabalho, como expressões da relação entre o vivido e o percebido.

Segue-se a discussão dos resultados, uma caracterização quantitativa que é complementada em um fértil encontro com a análise qualitativa dos elos de identidades sociais da comunidade investigada. As fotos, imagens vivas, falam muito sobre o tempo de vida, de trabalho e de festa da comunidade investigada. São expressões do mundo vivido escolhidas com carinho e esmero.

As considerações finais buscam arrolar aspectos relevantes, ainda que não conclusivos, do trabalho, já que o ponto de chegada sugere o reinício de um novo ponto de partida.

I. O Semi-Árido Brasileiro: espaços e lugares (a diversidade dá o tom)

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”

Euclides da Cunha (1866-1909)

O semi-árido é definido segundo quatro dos principais sistemas de circulação atmosférica que, ao passarem pela região, provocam longos períodos secos e chuvas ocasionais concentradas em poucos meses do ano. A precipitação pluviométrica é em média cerca de 750 mm/ano, de forma bastante irregular no espaço e no tempo. As altas temperaturas (cerca de 26° C) com pequena variação interanual exercem forte efeito sobre a evapotranspiração que, por sua vez, determinam o déficit hídrico como o maior entrave à ocupação do semiárido e ressaltam a importância da irrigação na fixação do homem nas áreas rurais da Região Nordeste em condições sustentáveis.

O semi-árido brasileiro é um dos maiores, mais populosos e, também mais úmidos do mundo – por isso não é região classificada como deserto – com 974.752 Km², concentrados no Nordeste, onde ocupa 86,48% da região.

No dizer de Euclides da Cunha, em seu ensaio *Cruzadas nos Sertões*, “As secas do extremo norte delatam, impressionadoramente, a nossa imprevidência, embora sejam o único fato de toda a nossa vida nacional ao qual se pode aplicar o princípio da previsão”. <http://www.dnocs.gov.br/~conviver/artigos.php?id=32>. Acesso em 10 janeiro 2010.

O clima semi-árido é definido por quatro dos principais sistemas de circulação atmosférica. Ao circularem pela região, esses sistemas provocam longos períodos secos e chuvas ocasionais concentradas em poucos meses do ano. A precipitação pluviométrica é em média cerca de 750 mm/ano, de forma bastante irregular no espaço e no tempo. As altas temperaturas (cerca de 26°C com pequena variação interanual) exercem forte efeito sobre a evapotranspiração que, por sua vez, determina o déficit hídrico como o maior entrave à ocupação do semi-árido e ressalta a importância da irrigação na fixação do homem nas áreas rurais da Região Nordeste em condições sustentáveis.



Fig. 06 - Ipê do Cerrado – *Tabebuia ochracea*
Fonte: www.camaraunai.mg.gov.br



Fig. 07 - Jumento
Fonte: www.fotodependente.com/postcard.img17516.htm



Fig. 08 - Macambira (*Bromelia laciniosa*)
Fonte: commons.wikimedia.org



Fig. 09 - Xique – Xique (*Pilosocereus gounellei*)
Fonte: www.isoft.com

O clima semi-árido é caracterizado por baixa umidade e pouco volume pluviométrico. Na classificação mundial do clima, o semi-árido é aquele que apresenta precipitação de chuva média entre 300mm e 800mm. (WIKIPEDIA, 2009). Ele está presente no Brasil nas regiões Nordeste e Sudeste e corresponde a uma área de 982.563,3 quilômetros quadrados e constitui a região semi-árida mais populosa do mundo, com 36 milhões de pessoas.

O Semi-Árido brasileiro é o cenário geográfico no qual ocorrem as secas, também denominado Sertão. Abrange os seguintes Estados do Brasil: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, além do Vale do Jequitinhonha, no Norte de Minas Gerais, e parte da região Norte do Espírito

Santo. Nessa área o regime pluvial é irregular, com 400 a 800mm anuais. Seus solos são rasos, com ocorrência de vegetação do tipo Xerofílica, ou seja, com plantas xerófilas⁵ resistentes a longos períodos de estiagem (INSA, 2009). Estas condições intrínsecas de solo e água servem de base para a sua classificação em zonas de: caatinga⁶, seridó⁷, cerrado⁸ e agreste⁹. As estiagens prolongadas ocorrem ciclicamente, com efeitos nocivos sobre a economia da região e, com isto, acarreta custos sociais elevados. A economia do semi-árido, hoje mais industrializada do que há anos, está baseada no setor primário com um complexo de pecuária extensiva e agricultura de baixo rendimento. (INSA, 2009)

1.1. Antecedentes: A intervenção do Estado na delimitação do semi-árido

Em 2001, constata-se a extinção da autarquia criada pela Lei nº 7.827, de 27 de dezembro de 1989, que criou e estabeleceu as condições de aplicação dos recursos dos Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte (FNO), do Nordeste (FNE) e do Centro-Oeste (FCO), e que definira como semi-árido “A região inserida na área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste–SUDENE¹⁰, tem precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800mm

⁵ Designação das plantas que estão adaptadas a habitats secos e que sobrevivem com quantidades de água reduzidas. As xerófilas vivem em condições de secura quer em relação ao solo quer em relação à atmosfera. Apresentam adaptações especiais do ponto de vista estrutural e funcional. Os caules apresentam normalmente uma morfologia que lhes permite armazenar água e nutrientes. As raízes são grandes, para uma captação mais eficiente de água. As folhas são freqüentemente reduzidas a espículos, quase inexistentes, e são carnudas, podendo ainda estar protegidas por uma grossa cutícula que impede a perda excessiva de água por transpiração, como os cactos dos desertos. [www.infopedia.pt/\\$xerofila](http://www.infopedia.pt/$xerofila)

⁶ Caatinga – Em Tupi significa mata branca. É o único bioma genuína e exclusivamente brasileiro. Vegetação típica das regiões semi-áridas.

⁷ Seridó – Área de solo de baixa fertilidade, localizado em pleno semi-árido.

⁸ Cerrado – Segunda maior formação vegetal brasileira e mais rica do mundo em biodiversidade. Apresenta duas estações bem marcadas: inverno seco e verão chuvoso.

⁹ Agreste – Região de transição entre a zona da mata e o sertão e tecnicamente compõe o bioma caatinga.

¹⁰ A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), com sede em Recife, capital do estado de Pernambuco, é uma entidade de fomento econômico desenvolvimentista brasileira, destinada a promover soluções sócio-econômicas à Região Nordeste do Brasil, periodicamente afetada por estiagens e com populações com baixo poder aquisitivo e pouca instrução educacional.

Criada originalmente pela Lei 3.692, de 1959, o órgão foi idealizado no governo do presidente Juscelino Kubitschek, tendo à frente o economista Celso Furtado, como parte do programa desenvolvimentista então adotado.

Seu principal objetivo era encontrar soluções que permitissem a progressiva diminuição das desigualdades verificadas entre as regiões geoeconômicas do Brasil. Para tal fim, foram engendradas ações de grande impacto, tais como a colonização do Maranhão, os projetos de irrigação em áreas úmidas, o cultivo de plantas resistentes às secas, entre outras. Absorvida pelas administrações que se seguiram, durante a Ditadura militar de 1964 foi tendo cada vez mais seu uso desviado dos objetivos iniciais, sendo considerada uma entidade que, além de não realizar os fins a que se propunha, era um foco de corrupção. Por conta disso e após uma sucessão de escândalos, em 1999 a imprensa iniciou um debate sobre a existência do órgão, extinto finalmente em 2001 por Fernando Henrique Cardoso.

(oitocentos milímetros), definida em portaria daquela Autarquia” (inciso IV do art. 5 do Capítulo II Dos Beneficiários). O Ministério da Integração Nacional (MI) assumiu a atribuição de posicionar-se acerca dos pleitos de inclusão de municípios interessados em beneficiar-se do tratamento diferenciado das políticas de crédito e benefícios fiscais conferidos ao semi-árido brasileiro. (MI, 2009)

Desta forma, o Ministério da Integração Nacional, visando melhor redistribuir verbas, propôs a criação de um grupo de trabalho, integrado por instituições do Governo Federal, com vistas a redelimitar a área geográfica de abrangência do semi-árido brasileiro, decorrente da constatação da inadequabilidade do critério anteriormente adotado, em vigor desde 1989, que levava em conta apenas a precipitação média anual dos municípios dessa região.

A última atualização dos municípios do semi-árido foi realizada em 1995 por força da Portaria nº 1.181 da antiga SUDENE. A constatação da insuficiência do índice pluviométrico como critério exclusivo de seleção dos municípios foi a questão crucial que levou o Ministério da Integração Nacional (MI) a buscar instituir uma base técnica mais consistente, que subsidiasse os posicionamentos sobre os pleitos de inclusão na lista dos municípios do semi-árido.

Os conhecimentos acumulados sobre o clima permitiram concluir não ser a falta de chuvas a responsável pela oferta insuficiente de água na região, mas sua má distribuição, associada a uma alta taxa de evapotranspiração, que resultam no fenômeno da seca, a qual periodicamente assola a população da região. Com base nessas constatações, o Ministério da Integração Nacional convocou ministérios e instituições envolvidas com as diferentes questões atinentes ao semi-árido brasileiro e, em março de 2004, foi instalado o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), incumbido de redelimitar o espaço geográfico dessa área.

Pela Portaria Interministerial Nº 6, de 29 de março de 2004, assinada pelos ministros da Integração Nacional, Ciro Gomes e do Meio Ambiente, Marina Silva, foi

A retomada das propostas de Juscelino e Furtado, porém, foi defendida e finalmente o órgão foi, em 2002, recriado, desta feita com o nome de Agência do Desenvolvimento do Nordeste e a sigla Adene.

A Adene foi criada pela medida provisória número 2.146-1, de 4 de maio de 2001, alterada pela medida provisória número 2.156-5, de 24 de agosto de 2001 e instalada pelo decreto número 4.126, de 13 de fevereiro de 2002. Com a lei complementar 125/07^[2], a SUDENE foi reimplantada e a Adene foi extinta.

A SUDENE tem como finalidade promover o desenvolvimento incluyente e sustentável de sua área de atuação e a integração competitiva da base produtiva regional na economia nacional e internacional.

Até hoje a SUDENE não alcançou os resultados esperados. Criou-se a expressão “indústria da seca” para justificar a existência do órgão e da promoção de muitos políticos.

instituído o GTI para, em 120 dias, apresentar estudos e propostas de critérios que definissem a área compreendida pelo semi-árido brasileiro. Essa delimitação foi considerada instrumental para a adoção de políticas de apoio ao desenvolvimento da região.

O GTI, coordenado pelo Ministério da Integração Nacional, reuniu técnicos dos Ministérios do Meio Ambiente, da Ciência e Tecnologia e da Integração Nacional; da Agência de Desenvolvimento do Nordeste (ADENE), da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), da Agência Nacional de Águas (ANA) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Participaram igualmente, a convite, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o Instituto Nacional do Semi-Árido (INSA), o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa) e o Banco do Nordeste (BNB)

Para a nova delimitação do semi-árido brasileiro, o Grupo de Trabalho Interministerial – GTI – do novo Semi-Árido Brasileiro tomou por base três critérios técnicos:

- Precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros;
- Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período entre 1961 e 1990; e
- Risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990.

Esses três critérios foram consistentemente aplicados em todos os municípios que pertencem à área da antiga SUDENE, inclusive os municípios do norte de Minas e do Espírito Santo.

Em 10 de março de 2005, o Ministro da Integração Nacional assinou, na cidade de Almenara, no nordeste de Minas Gerais, portaria que instituiu a nova delimitação do semi-árido brasileiro (figura 11), atualizando o mapa geográfico e social do semi-árido brasileiro resultante do trabalho do GTI que estabeleceu os critérios de seleção e os municípios que passam a fazer parte dessa região.

Além dos 1.031 municípios já incorporados, passam a fazer parte do semi-árido outros 102 novos municípios enquadrados em pelo menos um dos três critérios utilizados. Com essa atualização, a área oficialmente classificada como semi-árido brasileiro aumentou de 892.309,4 km para 969.589,4 km, um acréscimo de 8,66%.

Minas Gerais teve o maior número de inclusões na nova lista - dos 40 municípios anteriores, vai para 85, variação de 112,5%. A área do Estado que fazia anteriormente parte da região era de 27,2%, tendo aumentado para 51,7%.

O aquecimento global tornará o semi-árido brasileiro ainda mais seco. De acordo com as previsões do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), a área que está pintada de amarelo escuro no mapa ao lado se transformará em um grande deserto nos próximos 100 anos. No interior dos estados nordestinos, a paisagem será de areia, rochas, erosões e poucas plantas esturricadas – o que se vê hoje em Irauçuba, Seridó, Cabrobó e Gilbués. Além de improdutiva, a região será inóspita por conta das altas temperaturas e da falta de chuvas.

“A recuperação da caatinga é urgente. Entre as áreas passíveis de desertificação, ela é a mais povoada do mundo”, afirma Marcos Oliveira Santana, do Ministério do Meio Ambiente. Um cálculo aponta a taxa de ocupação de 20 pessoas por quilômetro quadrado como limite para essas áreas. No semi-árido brasileiro, essa taxa é de 23 pessoas por quilômetro quadrado. “O painel prevê essa situação para daqui a 100 anos, mas o processo está tão acelerado que o prazo pode ser reduzido para a metade”, lamenta Romélia Moreira de Souza, do IICA. (EM) www.ecodebate.com.br. Acesso 26 março 2010.

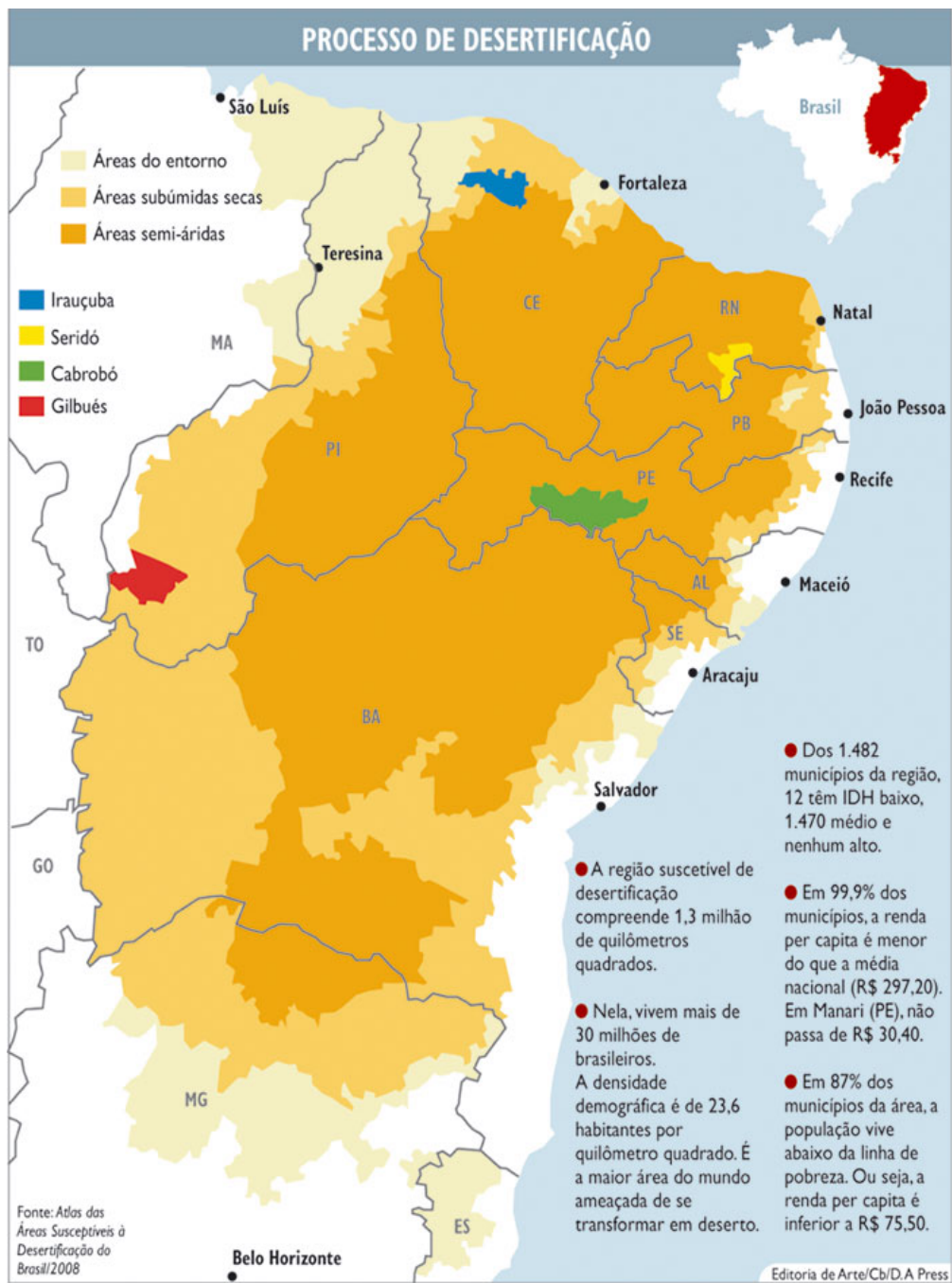


Fig. 10 - Mapa Semi-Árido Brasileiro

Fonte: www.ecodebate.com.br

Segundo dados da Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação (UNCCD), apenas na América Latina, a desertificação afeta ¼ do território e cerca de 500 milhões de pessoas que vivem nessa região. Os países mais atingidos são Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Cuba, Peru e México.

Para avaliar a suscetibilidade de uma região, ou o quanto ela já foi atingida pela desertificação, são levados em consideração alguns fatores. Os indicadores biofísicos, por exemplo, avaliam a porcentagem de cobertura vegetal; os sociais e econômicos, a taxa de migração e o volume da produção agrícola; enquanto os institucionais e organizacionais, avaliam o nível de envolvimento do governo e da sociedade civil no combate à desertificação.

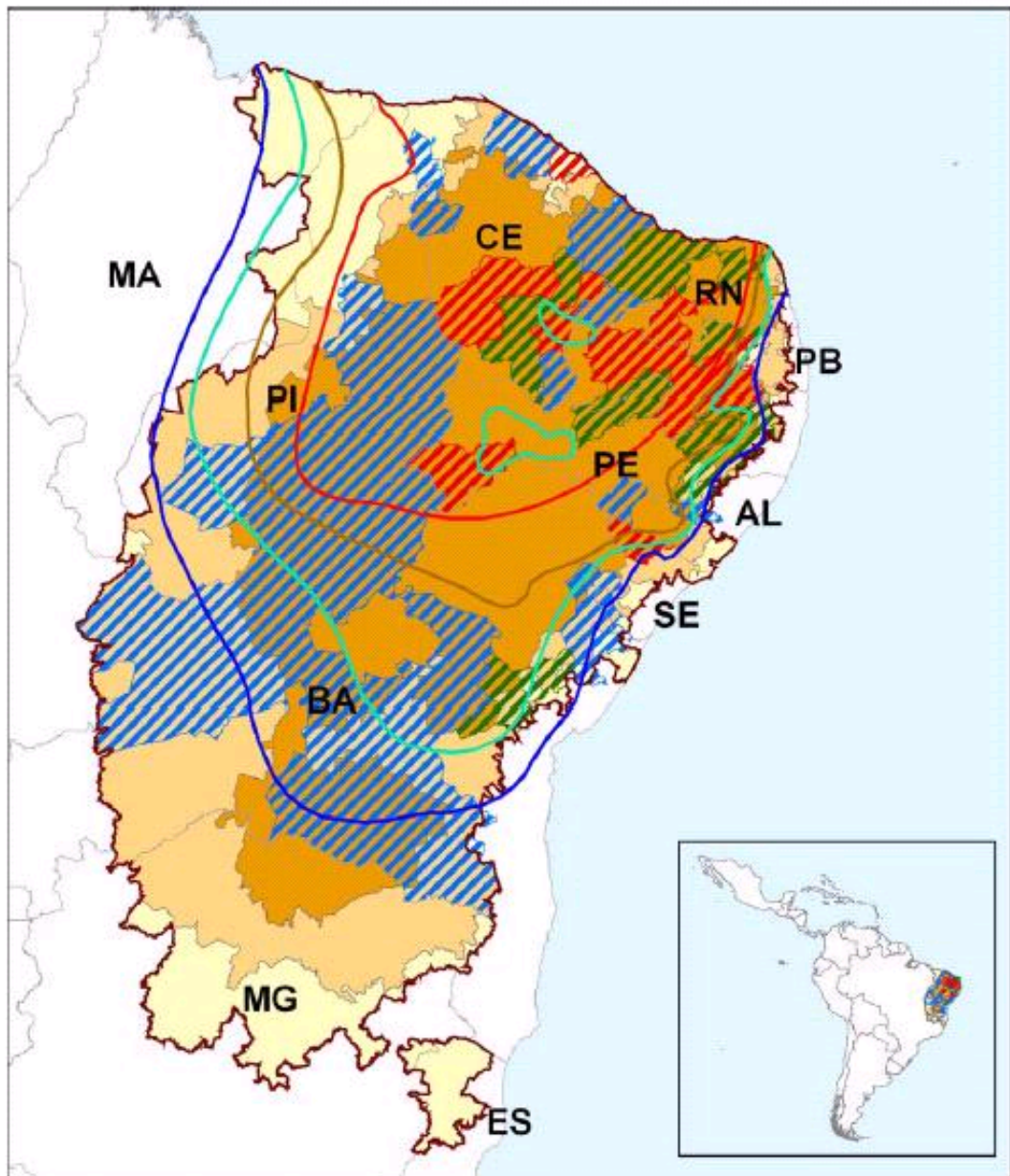
Fazer esse tipo de avaliação ainda é complexo porque são muitos fatores a serem considerados, em diferentes níveis. No Brasil, sabe-se que o ideal é que a área *[vulnerável]* seja intocada, e tem-se o extremo, que é uma área muito degradada. Porém, não temos um padrão de intermediação. É preciso definir um padrão comum a todos os países, salienta Silvio Santana.

De acordo com o Plano de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAN), uma área de 1.338.076 km², o que representa 15,72% do território nacional, está ameaçada. Essa superfície corresponde ao semi-árido, que reúne todos os estados do Nordeste e Minas Gerais e a uma área sub-úmida seca, que compreende o Espírito Santo.

O município de Irauçuba, no Ceará, é um dos que mais tem sofrido com o processo de desertificação. Juntamente com os municípios de Gilbués (PI), Seridó (RN) e Cabrobó (PE), Irauçuba faz parte do chamado *núcleo de desertificação*, cujo grau de desertificação encontra-se em estágio avançado.

Para Silvio Santana, os núcleos não são o maior problema. Mais grave é quando existe uma degradação generalizada ao longo do tempo. Os núcleos são áreas fisicamente específicas e bastante determinadas. “Você tem, por exemplo, o núcleo de Gilbués, no Piauí, que é uma área grande, mas que se de alguma maneira você cerca aquilo, resolveu o assunto”, explica Santana. Ele também salienta que existem regiões em processo de desertificação bastante avançado, porém não são consideradas núcleos, a exemplo do Cariri paraibano.

Preocupado com o futuro, o Brasil, assim como outros países, tem se dedicado à luta pelo combate à desertificação e já pensa em estratégias de prevenção a esse problema global. www.asabrazil.org.br/portal/Informacoes.asp?c. Acesso 26 março 2010.



Áreas Susceptíveis à Desertificação

- Áreas Semi-Áridas
- Áreas Subúmidas Secas
- Áreas do Entorno
- Limites das ASD

Áreas Afetadas por Processos de Desertificação

- Moderada
- Grave
- Muito Grave

Isolinhas de Incidência de Secas

- 20%
- 40%
- 60%
- 80%



0 100 200 400 Km

Fig. 11 - Mapa Semi-Árido Brasileiro
 Fonte: www.asabrasil.org.br

I₂. Semi-Árido Nordestino

O semi-árido é a área de maior abrangência territorial entre os espaços naturais que conformam a região nordeste do Brasil. Do ponto de vista físico-climático, esta região se caracteriza por apresentar médias térmicas elevadas (acima de 26°C) e duas estações bem distintas: uma seca na qual chove muito pouco e uma úmida quando ocorrem precipitações irregulares que vão de um mínimo de 300 mm a um máximo de 800 mm. (MDS, 2009)

A ausência, escassez, irregularidade e má distribuição das precipitações pluviométricas na estação chuvosa, a intensa evaporação durante o período de estiagem e o elevado escoamento superficial das águas conjugam-se para conformar uma acentuada deficiência hídrica. O não acesso à água em quantidade, qualidade e regularidade pela população rural constitui importante fator limitante da sustentabilidade da vida no semi-árido.

Os problemas sociais desta região, entretanto, não decorrem automaticamente de suas condições ambientais, mas principalmente de fatores de ordem socioeconômica e política, como a concentração fundiária e a histórica desigualdade econômica e social.

O semi-árido não constitui um espaço homogêneo, tampouco desértico ou impróprio à vida, pelo contrário, apresenta alta diversidade ecológica e possui ricos recursos naturais.

I₃. O Semi-Árido Nordestino como sinônimo de beleza e construção de conhecimentos

De acordo com Antônio Gomes Barbosa, sociólogo e coordenador do P1+2¹¹, o Semi-Árido é, sem dúvida, um dos ecossistemas mais intrigantes e fascinantes do planeta! Esta expressão, que caracteriza admiração e encantamento, é a de quem passa a observar de perto esta região, sobretudo, estudiosos da Biologia, Botânica, Antropologia, Geografia, Paleontologia, História, Sociologia, Jornalismo, Fotografia, dentre tantas outras áreas do conhecimento. (RTS, 2007)

¹¹ P1+2 – Programa Uma Terra e Duas Águas, que visa desenvolver tecnologias de captação de água para produção de alimentos.

Rico em biodiversidade, o Semi-Árido, que alguns preferem denominar “sertão”, para diferenciá-lo do litoral – apresenta mais de 160 microclimas, de acordo com a Embrapa Semi-Árido, todos caracterizados por alto poder de resistência e resiliência – elasticidade. Mesmo com longos períodos de estiagem, plantas e animais resistem e apresentam grande capacidade de regeneração. Basta caírem as primeiras chuvas e tudo que era cinza e parecia morto, vira verde e esbanja vida.

De acordo com a pesquisadora Niéde Guidon é também no semi-árido, que são registradas as primeiras marcas de ocupação humana das Américas. Ou seja, podemos dizer que a riqueza dessa região não se expressa apenas em sua fauna, flora, pinturas rupestres e/ou formações rochosas (cristalino na maior parte). O maior patrimônio do semi-árido é, principalmente, a diversidade cultural de seu povo: agricultores/as, vaqueiros/as, ribeirinhos/as, quilombolas, indígenas, extrativistas, quebradeiras de coco; que cultivam, criam, extraem, cantam, dançam, observam e produzem conhecimentos.



Fig. 12 - Festa do Bode Rei

Fonte: www.brasilsolidario.org.br



Fig. 13 - Festa de São João

Fonte: www.brasilsolidario.org.br



Fig. 14 - Vaqueiro

Fonte: www.brasilsolidario.org.br

Portadores de vasto saber, - a exemplo do Sr MCR, 90 anos e um dos entrevistados quando disse assim: “até o dia dezenove de março se não chovesse, eles não plantavam, o ano não chovia mais. Plantava dia de São José e se colhia no dia vinte e três de junho, tinha milho, feijão etc”. Esse saber foi adquirido ao longo dos tempos, pois homens e mulheres aprenderam a arte de conviver com o meio ambiente, pela observação dos ciclos das chuvas, do comportamento das plantas, dos animais e das características do clima e do solo. Foi esse conhecimento que construiu as melhores estratégias de convivência com o semi-árido e favoreceu o armazenamento de água, reservadas em cisternas para o consumo da família, dos animais e das plantas por meio dos barreiros, tanques de pedra, caldeirões, barragens subterrâneas, a estocagem de comida (bancos de sementes, paiol, armazéns etc.) e forragem para os animais (pastagens nativas, silos, fenos).

Pelo respeito e valorização desses saberes a Articulação no Semi-Árido Brasileiro (ASA) - rede com mais de 750 entidades que atuam na região - tem pautado sua ação em políticas que garantam água para o consumo humano e para a produção de alimentos. Na primeira linha está o Programa de Formação e Mobilização Social: Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC), que possibilitará que cerca de 1 milhão de pessoas tenham, ao lado de suas casas, água de qualidade para beber. O impacto social e econômico desse programa é incalculável. Conforme dados da própria ASA, até 20/04/2010 haviam sido construídas 288.459 cisternas rurais.

Na segunda linha está o Programa de Formação e Mobilização Social: Uma Terra e Duas Águas – P1+2, que visa promover a segurança alimentar e geração de renda das famílias do Semi-Árido através do manejo e acesso sustentáveis da terra e da água para produção de alimentos.

No P1+2 serão realizados encontros estaduais, microrregionais, municipais, oficinas de convivência com o Semi-Árido, intercâmbios, sistematização de experiências e a implementação de tecnologias hídras apropriadas à região. Na fase demonstrativa serão implementadas 65 barragens subterrâneas, 71 cisternas adaptadas para roça, três barreiros¹² e cinco tanques de pedra, os quais beneficiarão 818 famílias de dez estados (AL, BA, CE, MA, MG, PB, PE, PI, RN, SE) do Semi-Árido.

O P1+2 é uma iniciativa da ASA e conta com financiamento da Fundação Banco do Brasil e Petrobras, e apoio da Rede de Tecnologias Sociais – RTS. Esse conjunto de ações, somado a outras importantes iniciativas que surgem em toda a região semi-árida brasileira – desenvolvidas por agricultores, agricultoras e organizações sociais – apontam para um projeto de desenvolvimento sustentável para o Semi-Árido baseado na convivência com a região.

I4. Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com o Semi-Árido: Um Milhão de Cisternas Rurais (P1MC)

Iniciado em julho de 2003, o Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semi-Árido: um Milhão de Cisternas Rurais - P1MC tem desencadeado um movimento de articulação e de convivência sustentável com os ecossistemas do semi-árido, através do fortalecimento da sociedade civil, da mobilização, envolvimento e capacitação das famílias, com uma proposta de educação processual. O objetivo do P1MC é beneficiar cerca de 5 milhões de pessoas em toda região semi-árida, com água potável para beber e cozinhar, através das cisternas de placas.

A cisterna de placa é um tipo de reservatório de água cilíndrico, coberto e semi-enterrado, que permite a captação e armazenamento de águas das chuvas a partir

¹² Barreiros – local para armazenagem de água

de seu escoamento nos telhados das casas, por meio da utilização de calhas de zinco ou PVC. O reservatório, fechado, é protegido da evaporação e das contaminações causadas por animais e dejetos trazidos pelas enxurradas. www.fazfacil.com.br/reforma_construcao/cisternas_4.html. Acesso 17 março 2010.



Fig. 15 - Cisterna de placas de cimento

Fonte: www.fazfacil.com.br/reforma_construcao/cisternas_4.html

A cisterna fica enterrada no chão até mais ou menos dois terços da sua altura. Consiste em placas de concreto com tamanho de 50 por 60 cm e com 3 cm de altura constituída de cimento e areia, na proporção de areia de 1: 4, e curvadas de acordo com o raio projetado da parede da cisterna, o qual varia em função da capacidade prevista.

Mas existem variações, por exemplo, placas de concreto menores, porém com maior espessura feitas com traço de concreto¹³ mais fino. Estas placas são fabricadas no local de construção em moldes de madeira e adquiridas prontas para uso.

A parede da cisterna é levantada com essas placas finas, a partir do chão cimentado. Para evitar que a parede venha a cair durante a construção, ela é sustentada com varas até que a argamassa esteja seca.

¹³ O concreto é um material da construção civil composto por uma mistura de cimento, areia, pedras britadas e água; para determinados usos ele possui materiais eventuais, os chamados aditivos. Sua resistência e durabilidade dependem da proporção entre os materiais que o constituem. A mistura entre os materiais constituintes é chamada dosagem ou traço. Para obtenção de um bom concreto e, de acordo com sua finalidade, é muito importante que a quantidade de água da mistura esteja correta. Tanto o excesso como a falta são prejudiciais ao concreto.

Excesso de água diminui a resistência do concreto. Falta de água deixa o concreto cheio de buracos. As britas (seixos ou pedras) quando expostas a grande insolação devem ser umedecidas para não alterar o abatimento do concreto. Qualquer material (água ou areia) contendo SAL é um inimigo do concreto.

Depois disso, um arame de aço galvanizado (nº12 ou 2,77 mm) é enrolado no lado externo da parede, a qual é, então, rebocada. Em um segundo momento, constrói-se a cobertura com outras placas pré-moldadas em formato triangular, colocadas em cima de vigas de concreto armado, e rebocadas por fora.

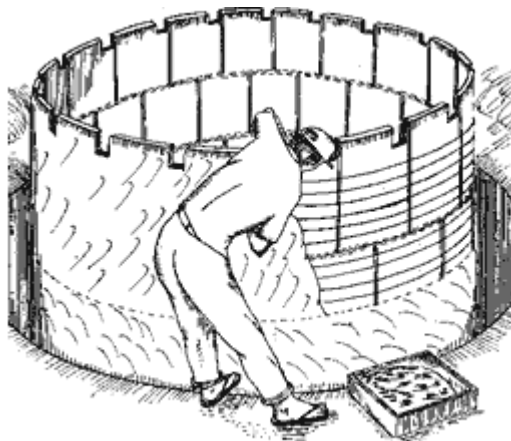


Fig. 16 - Armação da parede e reboco externo de cisterna de placa
Fonte: www.fazfacil.com.br/reforma_construcao/cisternas_4.html

Em seguida a parede interna e o chão são rebocados e cobertos com manta de cimento forte.

O telhado da cisterna, cônico e raso, também é feito de placas de concreto, que estão apoiados em estreitos caibros de concreto.



Fig. 17 - Estrutura da Cisterna
Fonte: www.fazfacil.com.br/reforma_construcao/cisternas_4.html

Cada cisterna terá capacidade de armazenar 16 mil litros de água. Essa água é captada das chuvas, através de calhas instaladas nos telhados. Com a cisterna, cada família fica independente, autônoma e com a liberdade de escolher seus próprios gestores públicos, buscar e conhecer outras técnicas de convivência com o

semi-árido, além de terem mais saúde e mais tempo para cuidar das crianças, dos estudos e da vida, em geral. http://www.asabrazil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_MENU=1150. Acesso 17 de março de 2010.

A cisterna é construída por pedreiros das próprias localidades (ver figuras 22 e 23), formados e capacitados pelo P1MC e pelas próprias famílias, que executam os serviços gerais de escavação, aquisição e fornecimento da areia e da água. Os pedreiros são remunerados e a contribuição das famílias nos trabalhos de construção se caracteriza como contrapartida no processo. Se a água da cisterna for utilizada de forma adequada para beber, cozinhar e escovar os dentes, atenderá à casa por aproximadamente, oito meses.



Fig. 18 - Cisterna pronta
Fonte: prefeituraboavista.blogspot.com/2009/12/prefe



Fig. 19 - Cisterna em construção
Fonte: prefeituraboavista.blogspot.com/2009/12/prefe

Com a implantação do Programa de Convivência com o Semi-Árido, destacamos alguns depoimentos de moradores das regiões beneficiadas:

“A cisterna me livrou de buscar água na cabeça. Tenho água toda horinha que eu quiser pra beber e cozinhar. Olha que beleza! Não é? Bom demais! A água é de grande serventia!” (Maria Lúcia de Freitas Souza, Comunidade Serra da Batinga - Piauí)

“Para mim foi a coisa melhor do mundo. Eu pegava água longe a cinco quilômetros de bicicleta. Eram 2 baldes de 20 litros por dia, fazia duas viagens e em cada uma gastava duas horas, subindo e descendo uma grande ladeira. Essa água era para beber, cozinhar e tomar banho. Com a cisterna que estamos construindo vai melhorar muito. Estou muito feliz e espero que venham outras melhorias.” (Sheila, comunidade Volta da Jurema - Maranhão)

"A gente descobriu que tinha esse projeto de um milhão de cisternas e conseguimos nos organizar com o sindicato dos agricultores rurais daqui de Afogados. Participamos das reuniões, dos treinamentos sobre a cisterna e como que a gente utiliza água em casa. Porque não é só ter a cisterna, a gente tem que saber tratar da água. Eu cuido da minha cisterna usando hipoclorito de sódio. Sou agente de saúde e dou assistência a cinco comunidades aqui na região. O que a gente vê por aqui é que as verminoses dão na água não-tratada. Porque no sertão a água que a gente bebe é de açude, que é uma fonte de risco muito grande para a população (...). A cisterna mudou muito a vida da gente e vai mudar a vida de outras pessoas também." (Maria do Socorro Almeida Jacinto, comunidade de Barreiros - Pernambuco)

"Era muito difícil aqui. No período da estiagem a gente passou muitas dificuldades pra lavar roupa, tomar banho e até mesmo pra beber. E, agora, com a cisterna, facilitou tudo. Antes, a gente procurava os riachos, uma água de péssima qualidade. Por causa dessa água, não só os filhos meus, mas na comunidade, as crianças adoeciam desse negócio de diarreia, vermes, essas coisas aí. Antes da cisterna, quem ia buscar água era eu e meu marido. Inclusive, ele tem um problema de saúde por conta disso, né? Ele tem hérnia de disco, por causa desses tambores pesados. Agora, a gente não precisa mais ir buscar água. O tempo que sobra tem agora o roçado, os bichos e os trabalhos de casa. As crianças que ajudavam também a pegar água, ficam mais livres pra escola. (...) A gente economiza e continua economizando porque a água é tudo. Sem comida a gente pode até passar, mas sem água não." (Antônia Guilhermina Dias da Silva, Mamanguape - Paraíba)

I₅. O Semi-Árido Paraibano

Conforme estudos realizados pela EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Núcleo Semi-Árido, o Estado da Paraíba precisa enfrentar um sério problema: 63% do seu território (3.562.400 ha) está em franco processo de degradação (figura 19). Pior ainda, nesta área encontram-se solos férteis. As crises que enfrentam, desde a década de 80 complicam ainda mais esse quadro, e inviabilizam as culturas do algodão e sisal – principais produtos agrícolas do Estado. Isto torna ainda mais difícil uma solução que impeça o prolongamento do processo de degradação e assegure uma renda para a população. (EMBRAPA, 2004)

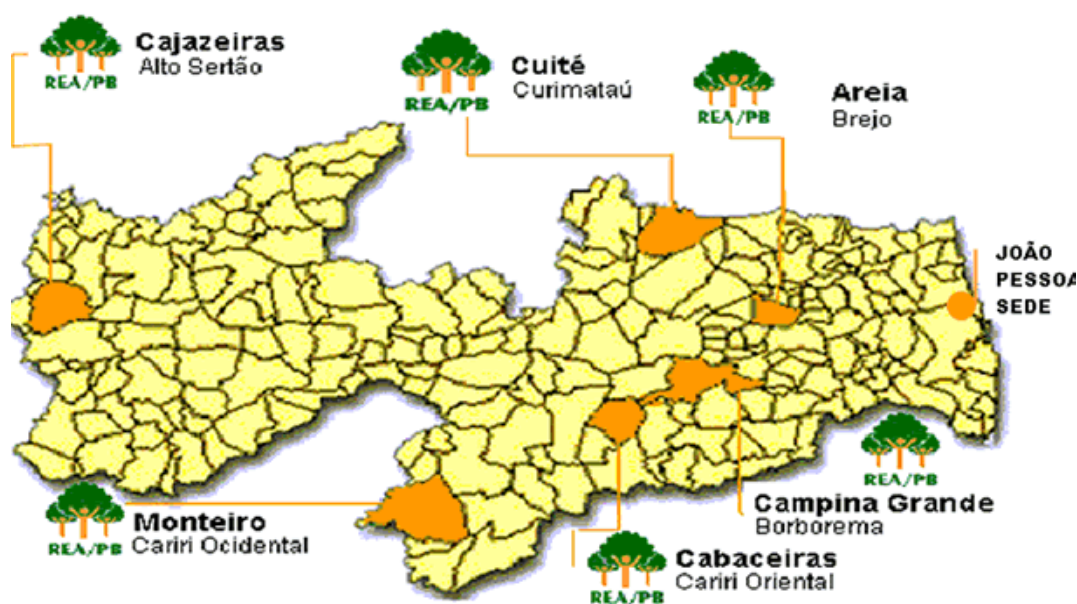


Fig. 20 - Mapa do Semi-Árido Paraibano
 Fonte: www.prac.ufpb.br/reapb/ondeestamos.html

O pesquisador Robério Ferreira dos Santos, da Área de Economia da Embrapa Algodão, com sede em Campina Grande-PB, disse que a situação é complicada. O biólogo George Fotius, da Orstom – instituição francesa que atua no Brasil em cooperação com a Embrapa Semi-Árido, sediada em Petrolina-PE, foi taxativo: a recuperação das terras da Paraíba é muito difícil. Ambos concordam que, se algo for feito, deve-se agir com rapidez. <http://www.embrapa.br/imprensa/noticias/1997/abril/bn.2004-11-25.8425384557/>
 Acesso 17 de março de 2010.

Fotius - observador privilegiado da degradação das terras da Paraíba, onde reside há 13 anos - é um dos membros da equipe multiprofissional formada por pesquisadores da Embrapa e Orstom que elaboraram o Zoneamento Agroecológico do nordeste – ZANE – um trabalho inédito que estudou 1,6 milhão de quilômetros quadrados de solo, relevo, recursos hídricos, densidade ocupacional e sistemas da região. A confecção do Zoneamento contou com uma colaboração providencial literalmente proveniente do céu: as imagens processadas pelo satélite Landsat TM.

A visão da Paraíba é preocupante: apenas o alto da Serra da Borborema e áreas intocadas pela exploração agropecuária dentro de latifúndios mancham o mapa com vegetação nativa. O Zoneamento Agroecológico estabelece a evolução

da degradação em quatro graus diferentes. No caso da Paraíba, em 37,36% (2.106.100 ha) ela já é considerada *Extremamente Forte*; em 12,28% (692.500 ha), os registros indicam-na como *Muito Forte*; em 5,29% (298.500 ha), a ocorrência é *Forte*; nos 8,62% restantes (429.300 ha) é *Moderada*.

Um pouco das conseqüências desse processo, no dizer de Fotius, estão nas cercas das propriedades de várias regiões do Estado: os mourões, em geral, têm 4-5 centímetros de diâmetro. Nos campos da Paraíba, as árvores estão escassas, especialmente aquelas de madeira nobre como aroeira, baraúna, pau d'arco etc.



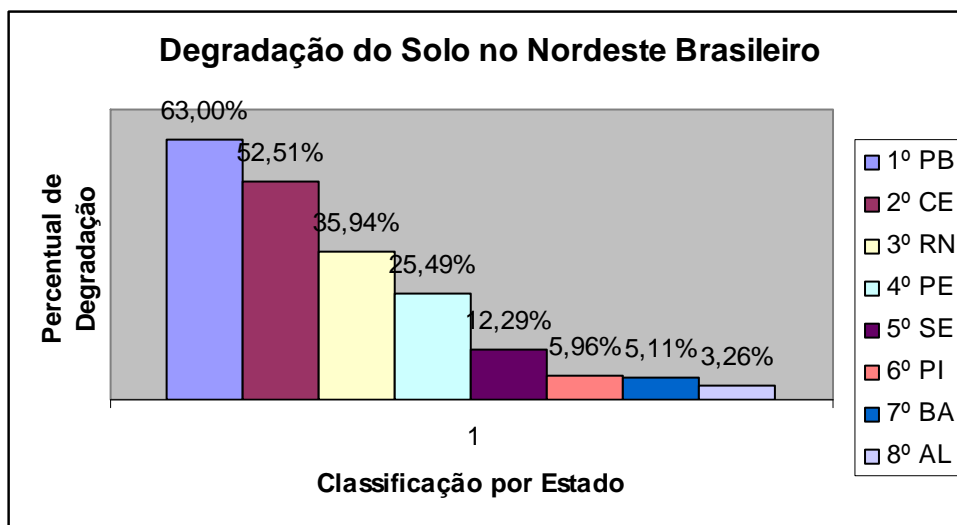
Fig. 21 - Aroeira do Campo - *Astronium Fraxinifolium*
Fonte: www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/arvores/ar

A degradação das terras da Paraíba tem um agravante em relação aos outros Estados do Nordeste. Em toda a extensão do Estado, a ocupação é quase uniforme, por cidades, tornando-a densamente povoada. Quem observa um mapa político da região Nordeste percebe isso claramente. Na Bahia e Pernambuco, as cidades escasseiam no sentido do litoral para as caatingas. Na Paraíba, apenas nos sertões do Curimatau e de Cabaceiras, observam-se vazios de ocupação. Cabaceiras é a região em que menos chove em todo o Brasil, assim, a densidade ocupacional aumenta a pressão sobre o meio ambiente.

O economista Robério Ferreira dos Santos, da Embrapa Algodão, revela que o desmatamento já intenso da vegetação nativa, a cada vez aumenta mais para

alimentar com madeira das caatingas os fornos das padarias. Este processo acaba por expulsar o povo do seu lugar, o qual sai em busca de alternativas de sobrevivências. Segundo Fotius, em termos percentuais, os paraibanos são o maior contingente de migrantes que chegam ao submédio São Francisco, embalados por sonhos de emprego nas áreas irrigadas instaladas no pólo Petrolina (PE) e Juazeiro (BA). Enfrentam uma vida terrível.

É sabido que ambiente degradado e miséria andam juntos - quanto maior o primeiro, pior o segundo. No Nordeste, já existe vinte milhões os hectares em processo de degradação (12% da área total da região). A Paraíba ocupa o primeiro lugar nesse *ranking* tenebroso. O Ceará ocupa o segundo lugar, com 52,51% (2.501.300 ha). A seguir vem em terceiro lugar o Rio Grande do Norte, com 35,94% (1.905.200 ha); Pernambuco, com 25,49% (2.505.300 ha), é o quarto. Abaixo dos 15% estão Sergipe, com 12,29% (271.200 ha). Piauí, 5,96% (1.496.100 ha), Bahia, 5,11% (2.861.800 ha) e, por fim, Alagoas, 3,26% (90.400 ha).



No dia 14 de maio de 2004, o Chefe geral da Embrapa Semi-Árido, Manoel Abílio de Queiróz, proferiu palestra sobre o "Processo de Desertificação no Semi-Árido do Nordeste", na Comissão de Políticas Públicas de Desenvolvimento do Nordeste, no Senado Federal. Uma das conclusões: apesar dos vinte milhões de hectares afetados é viável a reversão do processo desde que haja vontade política para viabilização de novos modelos de desenvolvimento.

É preciso esclarecer que a desertificação da caatinga nordestina jamais chegará a assemelhar-se a algo como o Deserto do Saara. As condições climáticas e de solo semi-árido brasileiro a impedem de chegar àquele ponto. A capacidade de recomposição da caatinga é muito forte. Fotius explica que se os solos degradados forem deixados livres de uso, logo começará a florescer uma cobertura vegetal que o protegerá de processos erosivos, por exemplo. Em alguns locais do Estado essa cobertura já começa a aparecer. Claro que sem a diversidade da vegetação nativa. Em outros locais, a paisagem está sendo tomada por pastagens para a criação de gado. A opção pela pecuária como alternativa econômica é um fenômeno de todo o Nordeste. A criação de boi tem se mostrado mais viável que a agricultura dependente de chuva. Na Paraíba, a oeste da Serra da Borborema, no entanto, os plantios têm-se circunscrito aos vales do sertão.

A disseminação da pecuária precisa ser feita de forma equilibrada para evitar o super pastejo das áreas de criação com uma densidade de animais acima da capacidade de suporte dos pastos da área.

O economista Robério Ferreira explica que, a curto e médio prazo, inexistem produtos vegetais que voltem a recobrir os solos paraibanos e os protejam de processos de degradação. Ele, no entanto, entusiasmadamente fala da visita que fez a três propriedades de pequenos proprietários no município de Bom Jardim. Em uma delas, de meio hectare, contou nada mais do que 44 espécies plantadas; isto, em uma área que há três anos apresentava sinais típicos de degradação. Você enfia um facão no solo, diz o pesquisador, e ele penetra uma terra macia, sem qualquer sinal de adensamento. Nas três propriedades não existe monocultura, ao contrário, a área é ocupada com o máximo de plantas possível. O objetivo é proteger o solo e gerar alguma renda para o produtor.

Essas três propriedades, há três anos, fazem parte de uma experiência conjunta de 25 agricultores familiares coordenados por uma organização não governamental, a Sabiá.

O economista antes mencionado diz que os resultados têm sido tão significativos e que a dona do meio hectare que ele visitou já pensa em trazer de volta de São Paulo o marido e os quatro filhos para trabalharem em outros três que possui. Na palestra que fez para os senadores, Manoel Abílio de Queiróz disse que,

no Nordeste, a agricultura familiar deve ter prioridade nos programas de desenvolvimento sustentáveis.

I₆. Clima e vegetação

De clima semi-árido com chuvas irregulares, temperatura média de 30°C e menos de 300mm de chuva durante o ano todo, chove por volta de apenas 2 meses anuais, por isso pode haver até 10 meses sem chuva nos períodos secos, daí Cabaceiras ser conhecida como o município em que menos chove no país. Sua vegetação é formada por caatinga arbustiva, típica das regiões mais áridas do nordeste com cactos, arbustos e árvores típicos como xiquexique (*Pilocereus gounellei*), coroa-de-frade (*Melocactus bahiensis*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) e jurema (*Pithecellobium tortum*) etc.

Isabelle Meunier & José Ferraz (www.nordesteural.com.br/dev/.../matler.asp?...) reportam que a terminologia caatinga, provém do tupi a-tinga, que significa mata branca e que muito antes de ser adotado para designar um bioma, era a expressão empregada pelos índios brasileiros para designar a mata branca que cobria os sertões nordestinos.

As caatingas são, portanto, um tipo de vegetação, ou melhor, um conjunto de tipos de vegetação, com algumas características em comum, definidas principalmente pelo forte caráter sazonal ou de estacionalidade das chuvas na região semi-árida, concentradas em curto período do ano. A condição ambiental do semi-árido selecionou para essa região uma vegetação singular, com elementos que expressam anatomia, morfologia e mecanismos fisiológicos convenientes às condições locais, normalmente com árvores e arbustos espontâneos, densos, baixos, retorcidos, de aspecto seco, de folhas pequenas e caducas e raízes muito desenvolvidas, grossas e penetrantes.

Comumente a imagem da vegetação do semi-árido está associada a cactos e arbustos espinhentos, sem folhas. Mas essa não é a única imagem desse bioma, que também pode apresentar uma mata fechada, com árvores altas, ou com densos maciços de arbustos que perdem as folhas na estação seca. Mas, de uma forma geral, as plantas que apresentam esse caráter xerofítico – apresentam diferentes

mecanismos adaptativos para conviver com a escassez de água: para reduzir as perdas de água pela transpiração, muitas espécies contam com folhas coriáceas ou com pêlos; a maioria perde as folhas na estação seca, outras apresentam folhas modificadas e caules com capacidade de realizar fotossíntese (como os cactos). Algumas espécies também têm estruturas de reserva, nas quais armazenam água.

O *Pilocereus gounellei*, é um cacto colunar em candelabro, com ramificações desde a base; apresenta grandes flores branco-róseas e fruto avermelhado e ácido. O caule é excelente alimento para o gado e caprinos e tem largo uso em época de estiagem.



Fig. 22 - *Ziziphus joazeiro* – Juazeiro

Fonte: ewertonfigueiredo.blogspot.com/2008/07/moment...



Fig. 23 - *Melocactus bahiensis*, Coroa-de-Frade

Fonte: www.carlrogers.com.br/.../cabaceiras.htm

Das árvores nordestinas o juazeiro é a mais tipicamente sertaneja, por isso é a planta típica da caatinga brasileira, uma das poucas espécies do gênero *Ziziphus* adaptada ao clima seco. Aparece em todas as zonas ecológicas do nordeste. De maneira espontânea ocorre na Paraíba e em outros estados. Um dado interessante quanto ao juazeiro é o fato de – diferentemente de outras árvores da caatinga – em sua ocorrência espontânea não formar mata, mas aparecer de forma isolada em meio à cobertura vegetal da caatinga.

Ocorre em todo o nordeste brasileiro, em áreas dominadas pela caatinga, onde é endêmico. Não existem relatos da ocorrência do umbuzeiro em outras regiões do mundo. O umbuzeiro é uma árvore de crescimento lento, baixa e esparramada, com cerca de 6m de altura e copa larga com profusa ramificação aparentemente

desordenada, possui forma de guarda chuva atingindo de 10 a 15m de diâmetro. A copa, na sua parte inferior, costuma formar um plano paralelo ao solo devido à poda promovida por animais.



Fig. 24 - *Spondias tuberosa* – Umbuzeiro
Fonte: www.imbubrasil.jex.com.br/artigos

O tronco é curto, os galhos são irregulares, atrofiados e retorcidos. A madeira é leve, mole, fácil de trabalhar e de baixa durabilidade. Os frutos são muito apreciados e, além do consumo direto da drupa, (baga) eles podem ser utilizados de diversas maneiras, como: umbuzada ou imbuzada (bastante popular no sertão), doces, compotas, sorvetes, refrescos, calda para refrescos, vinagre, umbuzeitona, vinho, licor, batidas.

A "água" contida nas intumescências das raízes é muito utilizada para matar a sede de homens e animais.

Aspectos Fisiográficos

O município de Cabaceiras está inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, formada por maciços e outeiros altos, com altitude variando entre 650 a 1.000 metros. Ocupa uma área de arco que se estende do sul de Alagoas até o Rio Grande do Norte. O relevo é geralmente movimentado, com vales profundos e estreitos dissecados. Com respeito à fertilidade dos solos é bastante variada, com certa predominância de média para alta.

A área da unidade é recortada por rios perenes, porém de pequena vazão e o potencial de água subterrânea é baixo. A vegetação desta unidade é formada por Florestas Subcaducifólicas e Caducifólicas¹⁴, próprias das áreas agrestes. (CPRM, 2005).

O clima é do tipo tropical chuvoso, com verão seco. A estação chuvosa se inicia em janeiro/fevereiro com término em setembro, podendo se adiantar até outubro. Nas superfícies suave-onduladas a onduladas, ocorrem os planossolos, medianamente profundos, fortemente drenados, ácidos a moderadamente ácidos e fertilidade natural média e ainda os podzólicos, que são profundos, textura argilosa e fertilidade natural média a alta. Nas elevações ocorrem nos solos Litólicos, rasos, textura argilosa e fertilidade natural média. Nos vales dos rios e riachos, ocorrem os planossolos¹⁵, medianamente profundos, imperfeitamente drenados, textura médio-argilosa, moderadamente ácidos, fertilidade natural alta e problemas de sais. Ocorrem ainda afloramentos de rochas. (CPRM, 2005).

1.7. Vulnerabilidade e Impactos no Semi-Árido

O município de Cabaceiras tem uma área de 405,40 Km e está localizado na região dos Cariris Velhos, (semi-árido do estado da Paraíba).

Na pesquisa realizada na comunidade rural São Francisco e no Sítio Poço Comprido, foram utilizadas fotografias, questionários semi-abertos e histórias de vida destas populações rurais. No trabalho de campo ficou constatado que, na referida comunidade, são encontrados altos índices de vulnerabilidade social, econômica, tecnológica e em relação à própria situação da seca. É possível perceber isto através dos impactos ambientais tais como: o empobrecimento da terra ou perda da fertilidade do solo; degradação das terras causada pelo mau uso; desertificação; erosões; o assoreamento dos rios e riachos entre outros fatores. Na questão sócio-econômica temos o êxodo rural, a seca, o desemprego, a falta de condições para auto-sustento.

¹⁴ Caducifólia - nome dada à planta ou vegetação que perde a folhagem em determinada época do ano, geralmente na estação seca ou no inverno; também se diz planta caduca, decídua ou deciduífólia.

¹⁵ Planossolo – tipo de solo mineral imperfeitamente ou mal drenados, com horizonte superficial ou subsuperficial eluvial com acentuada concentração de argila, permeabilidade lenta ou muito lenta.

A má utilização dos recursos naturais é um dos fatores que contribuem, de forma significativa, para a degradação do semi-árido – caatinga. Constantemente é presenciado o surgimento de regiões desertificadas, causando a impossibilidade da manutenção destas populações. Estes espaços precisam ser monitorados através de um instrumento orientado para uma melhor utilização de seus recursos naturais. As queimadas, o processo de desertificação, a agropecuária, a agricultura sem o devido manejo técnico, comprometem a sustentabilidade dos recursos naturais. Por tudo isso é necessário a criação/implantação urgente de políticas públicas que possam favorecer o desenvolvimento com sustentabilidade, subtraindo-se as situações de riscos de impactos ambientais, econômicos e sociais em que vivem estas populações.

Podemos entender vulnerabilidade como “a exposição de indivíduos ou grupos ao estresse de uma mudança inesperada e rupturas nos sistemas de vida”. Confalonieri (2001) faz uma importante afirmação de que a vulnerabilidade é algo próprio de grupos determinados através das condições culturais econômicas, sociais e religiosas. Isto demonstra que aqueles que estão mais distantes dos meios ou dos recursos, geralmente são os mais expostos e, com isso, mais vulneráveis. Riqueza, educação, informação, tecnologia, infra-estrutura, são fatores que levam a uma inclusão social.

Parece claro que a condição do homem no semi-árido nordestino tornou-se um problema histórico desde a chegada dos portugueses, quando as questões econômicas, demográficas e políticas causaram má distribuição dos recursos nos diversos agrupamentos de pessoas. Esta situação gera uma ressonância na distribuição de poder.

Quando refletimos sobre a vulnerabilidade de impactos nesta área do semi-árido, é preciso pensar vulnerabilidade a partir de vários eixos: econômico, social, ambiental, institucional, político, científico, tecnológico, educacional e cultural. Tudo isso deve ser levado em conta como barreiras para o desenvolvimento sustentável. É preciso entender a questão da seca como uma realidade secular e também a grande dificuldade de continência com a escassez de chuvas. Estes fatores provocam não só um problema ambiental, mas também econômico-social, com um progressivo agravamento nestes últimos anos.

Os problemas ocorrem pela ocupação demográfica, agricultura e pecuária e por outras formas produtivas da região do semi-árido. Tudo isto leva a um aprofundamento dos problemas, sobrecarregando a realidade frágil do meio ambiente, tendo em vista a condição de recursos bastante pobres. É possível destacarmos um grande número de pessoas empobrecidas nesta região, causando um grande desequilíbrio entre grandes latifúndios, concentração de terra e de água e do meio de produção; além de uma grande parte / camada da população com políticas assistenciais e não promocionais.

Michel Serres¹⁶, *apud* Faria (2002), desenvolveu uma metodologia de análise na tentativa de demonstrar que, ao longo da história ocidental, a concepção dominante de natureza sempre foi e, de certa forma, permanece uma concepção idealizada – separada da história humana.

Quando separadas, natureza e sociedade perdem sua materialidade e também seus significados. Nesta situação, a história passa a ser interpretada sem a materialidade da ação, sem um espaço real e a natureza se transforma em invenção do pensamento e em conceito abstrato, ambos submetidos às conveniências do discurso do momento.

Para Medina (1992)¹⁷, *apud* Ridelson Farias de Sousa (2008), a população está cada vez mais vulnerável aos impactos dos perigos naturais. No Brasil, as inundações e as secas são os principais perigos naturais. No semi-árido nordestino, estas últimas são periódicas e, em maior ou menor intensidade, provocam grandes impactos sociais, econômicos e ambientais. Entretanto, a intensidade desses impactos depende das limitações da população; assim, no semi-árido, em anos de *El Niño*, por exemplo, devido à falta de uma política de convivência com a seca, os impactos são mais expressivos e ocorrem em todos os setores (social, econômico, ambiental etc.).

Deste modo, ficam evidentes os prejuízos que a população tem através da subtração da vegetação de fauna-flora; a perda da agricultura e da pecuária; a falta de alimento e de água e a proliferação de doenças. Além da falta de saneamento básico existe também a má utilização dos recursos naturais. Os sanitaristas há anos

¹⁶ SERRES, M. 1990. *O Contrato Natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

¹⁷ MEDINA, J. 1992. *Los Desastres Si Avisan*. Lima-Peru: ILITDG.

denominaram Saneamento Básico aos processos de tratamento de água: captação, tratamento e distribuição de água à população e, também processo de tratamento de esgotos: rede de coletora de esgotos pelo menos com destinação final, mas se possível com tratamento antes da disposição final. Nos últimos anos, a coleta e destinação dos resíduos sólidos (lixo) foi incluída em Saneamento Básico.

Diante do quadro de vulnerabilidades e impactos do território/região, de Cabaceiras, como de todo o semi-árido brasileiro, faz-se urgente pensar e buscar implantar políticas públicas que favoreçam as carências e privações dessas populações de risco e que garantam a geração de renda, levando-as a uma melhor qualidade de vida.

Precisamos buscar de forma eficaz o desenvolvimento sustentável, levando em conta a fragilidade de cada local, especialmente, nas micro-regiões, como os sítios que formam a comunidade São Francisco.

Hiperxerofila é o nome dado à vegetação predominantemente da caatinga, tem como espécies mais comuns jurema (*Mimosa tenuiflora* marmeleiro (*Croton sonderianus*), pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), mandacaru (*Cereus jamacaru*) e xique-xique (*Pilosocereus gounellei*). Essas espécies têm sofrido exploração irregular devido à produção da pecuária de caprinocultura, ovinocultura e bovinocultura. Esta forma irracional de procedimentos errôneos tem causado impactos significativos com conseqüente aceleração do processo de desertificação.



Fig. 25 – Jurema – *Mimosa tenuiflora*
Fonte: images.google.com.br



Fig. 26 – Mandacaru – *Cereus jamacaru*
Fonte: images.google.com.br

De acordo com o estudo da Embrapa (1999) em trabalho de campo, os solos encontrados na área focam: 1) crônico órtico vértico, 2) neossolos litólicos eutróficos, 3) afloramentos de rochas em associações, principalmente, com solos litólicos eutróficos, 4) de inclusões, em pequenas parcelas, de planossolo nátrico sálico; de neossolo flúvico; 5) eutrófico e 6) de vertissolo cromado.

A área é cortada por vários rios e riachos, todos de caráter intermitente, o principal, o rio Taperoá, o qual faz parte da bacia do médio Paraíba, que converge suas águas para o açude Epitácio Pessoa (Sousa, 2007).

I₈. A Atual Política Econômica para a Região

Os 1.133 municípios integrantes do novo semi-árido brasileiro estão sendo beneficiados com bônus de adimplência de 25% dos recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), enquanto no restante da Região Nordeste esse percentual é de 15%. Ainda quanto ao FNE, a Constituição determina que pelo menos 50% dos recursos deste Fundo sejam aplicados no financiamento de atividades produtivas em municípios do semi-árido, o que certamente representa um estímulo à atração de capitais e à geração de emprego na região. Em 2005, o valor a ser aplicado pelo FNE no semi-árido alcançou os R\$ 2,5 bilhões. Ademais, produtores rurais beneficiários do Pronaf do semi-árido têm à disposição crédito com juros de 1% ao ano, prazo de pagamento de até 10 anos e três anos de carência.

Desta forma, com a nova delimitação do semi-árido brasileiro, o Ministério da Integração Nacional evidencia seu compromisso com o desenvolvimento desta sub-região, tanto no que se refere à ativação de seu potencial endógeno de crescimento econômico, como no sentido da diminuição das desigualdades inter-regionais vigentes no país.

II. CABACEIRAS: história e estória

II₁. Um Pouco de Sua História

Se há dias amargos, há-los também tão suaves!
Qual o mel que nunca enjoou?
Qual o mar que não conhece tempestade?

André Chénier (1762-1794)

A cidade de Cabaceiras, município do Estado da Paraíba (Brasil) está localizada na Microrregião do Cariri Oriental e na Mesorregião Borborema do Estado da Paraíba. Está a cerca de 300 metros acima do nível do mar, localizada na área mais baixa do Planalto da Borborema. Sua Área é de 400 km² representando 0.7091% do Estado, 0.0258% da Região e 0.0047% de todo o território Brasileiro. Dista 180 km de João Pessoa e 50 km de Campina Grande. O acesso é feito, a partir de João Pessoa, pelas rodovias BR 230 / PB 148 (CPRM, 2005).



Fig. 27 - Mapa do Estado da Paraíba – Cabaceiras

Fonte: www.carlrogers.com.br/.../cabaceiras.htm

O município foi criado em 1834, a população total é de 4.907 habitantes contagem do IBGE/2007. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.682, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000).

A cidade de Cabaceiras foi fundada em 1735, pelo Capitão-mor Domingos de Faria Castro, português nascido em Cheleiros, casado com a caririense Isabel Rodrigues de Oliveira, filha de Isabel Rodrigues e do Capitão Pascácio de Oliveira Ledo, do clã dos Oliveira Ledo, sertanistas e grandes sesmeiros na Paraíba. Ao

casar-se com o então Tenente Domingos de Faria Castro, Isabel Rodrigues de Oliveira levou como dote uma légua de terra, sítio denominado Pasto das Bestas; e sua irmã Cristina Rodrigues de Oliveira, casada com o Capitão Antônio Ferreira Guimarães, levou por dote uma parte do sítio Cabaceiras, no valor também de 250\$000 (duzentos e cinquenta mil réis). Posteriormente, o primeiro dos genros acima comprou do sogro Pascácio de Oliveira Ledo, por escritura, o restante do mesmo sítio Cabaceiras, por 500\$000 (quinhentos mil réis) e a transformou na Fazenda Cabaceiras, com muito gado, casa de farinha e alambique. Em 1735, por devoção de sua mulher, o Capitão-mor Domingos de Faria Castro construiu a Capela de Nossa Senhora da Conceição. (MEDEIROS, 1989). Em torno dela começou o povoado, que seria transformado, em 1834, em Vila Federal de Cabaceiras. No ano seguinte, em 1835, foi criada a paróquia de Nossa Senhora da Conceição, de Cabaceiras. Em 1885, foi alterado o nome da sede municipal para Vila de Cabaceiras e, pelo Decreto-lei n. 1.164, de 15 de novembro de 1938, foi-lhe dado o título de cidade. A grande maioria dos habitantes de Cabaceiras e das cidades vizinhas descende do casal Capitão-mor Domingos de Faria Castro e Isabel Rodrigues de Oliveira, através dos seus filhos: Isabel Rodrigues de Faria, 1ª esposa do Coronel José da Costa Romeu; Ana de Faria Castro, casada com o futuro Capitão-mor Antônio de Barros Leira; Sargento-mor Inácio de Faria Castro, casado com Ana Maria Cavalcante; Maria de Faria Castro, casada com o Sargento-mor Manuel Tavares de Lira; Capitão Filipe de Faria Castro, casado com Maria da Purificação. (MEDEIROS, 1990).

Na história de Cabaceiras consta que ao Município foi anexado o povoado de Boa Vista, em 25 de Outubro de 1918. (SOARES, 2003). O Coronel Manuel Medeiros Maracajá (Manuel Maracajá) governou o município por 15 anos e foi o único a ter residido na cidade durante toda a gestão. Trouxe energia elétrica para Cabaceiras, em 1923. Também consta como um feito seu em benefício da cidade a contratação do professor Francisco Vieira Pereira, Chico Pereira, que mais tarde teria se refugiado em Taquaritinga do Norte, Pernambuco, perseguido pela Revolução de 1930. O Professor Chico Pereira, como era conhecido, veio a residir na cidade das Vertentes, no agreste Pernambucano, e atuou como advogado rábula naquela cidade. Após a morte do Coronel Manuel Maracajá, a viúva, Maria Borges

Maracajá, casou-se com o Professor Chico Pereira – ambos faleceram e foram sepultados em Vertentes, Pernambuco.

O Coronel Manuel Maracajá era filho de Patrício Freire Mariz Maracajá, que também aparece em alguns documentos como Patrício da Costa Freire Maracajá, e de Virgínia de Medeiros Maracajá. Pelo seu pai, era neto de Inácio da Costa Freire Mariz e Vicência Freire Pessoa. Foi criado na Fazenda Araras, do seu pai, no município de São João do Cariri. Tinha como irmãos: Luís Medeiros Maracajá (Major Luís), e Patrício de Medeiros Maracajá (Major Patrício). Em sua homenagem foi dado seu nome à rua – Rua Coronel Manuel Maracajá - onde se localiza, atualmente, o prédio da Prefeitura de Cabaceiras.

O Coronel Manuel Maracajá era casado com Maria Borges Maracajá. Foram pais de quatro filhos: José Borges Maracajá, Luiz Borges Maracajá, Adilson Borges Maracajá e Maria Alice Maracajá, que, por casamento, passou a assinar-se Maria Alice Maracajá Baptista. O Coronel Manuel Maracajá faleceu em Cabaceiras e foi sepultado no cemitério local, em 7 de Abril de 1927.

Cabaceiras possui um dos maiores rebanhos de caprinos e ovinos do Estado. É o principal celeiro do artesanato em couro da Paraíba, a partir da pele de caprinos, curtida através de processo vegetal e utilizada na confecção de sandálias, bolsas, cintos, coletes chaveiros, selas, arreios, chapéus etc.



Fig. 28 - Artesanato em Couro

Fonte: www.brasilsolidario.org.br/blogamigosdoplaneta



Fig. 29 - Artesanato em Barro

Fonte: www.brasilsolidario.org.br/blogamigosdoplaneta



Fig. 30 - Artesanato em Couro

Fonte: www.brasilsolidario.org.br/blogamigosdoplaneta



Fig. 31 - Artesanato em pedraria e tecido

Fonte: www.brasilsolidario.org.br/blogamigosdoplaneta

A cidade chama atenção por ser detentora de belas e ricas reservas arqueológicas, destacando-se o Lajedo de Pai Mateus, 2 km de lajedo com formações rochosas únicas no mundo. Tem atraído turistas de vários países. Mais de 1.000 escandinavos visitaram a área no período de 11/2000 a 04/2001. É ótima para a prática do turismo rural no estado. Em meio à seca da caatinga, os roteiros turísticos atraem turistas brasileiros e estrangeiros que querem aventurar-se em meio às rochas do Lajedo de Pai Mateus. Um imenso mar de granito que se destaca na paisagem do local com dezenas de blocos que há milhares de anos serviu de habitat para os índios que deixaram suas marcas.



Fig. 32 - Lajedo de Pai Mateus

Fonte: www.ferias.tur.br/fotos/4891/cabaceiras-pb.html.

Mas a visita a Cabaceiras vai mais além, a arquitetura da cidade é tão original que serviu de palco para a produção da mini-série O “Auto da Compadecida”, da Rede Globo de Televisão. Outra curiosidade é a Festa do Bode Rei evento que realmente colocou a cidade no cenário turístico nacional.



Fig. 33 - Pórtico de Entrada da Cidade na Festa do Bode Rei

Fonte: www.brasilsolidario.org.br/blogamigosdoplaneta

Engana-se, porém, quem acha que é só isso. Esportes de aventura, cavalgadas e expedições pelos sítios arqueológicos são apenas algumas das

atrações oferecidas a quem decidiu desbravar esse pedaço do Cariri. A arte em couro produzida em Cabaceiras é um detalhe a parte em uma visita à cidade. Pode-se encontrar desde sandálias e botas, até cintos, chapéus, pulseiras e bolsas. A tradição artesanal com couro, a propósito, acabou proporcionando a criação de cooperativas que hoje garantem renda para dezenas de famílias da região.



Fig. 34 - Artesanato em Tecido

Fonte: www.brasilsolidario.org.br/blogamigosdoplaneta

São registrados 177 domicílios particulares permanentes com banheiro ligados à Rede Geral de Esgoto, 549 domicílios particulares permanentes têm abastecimento ligado à Rede Geral de Água, e 454 domicílios particulares permanentes têm lixo coletado. Existem 03 Estabelecimentos de Saúde Prestadores de Serviços ao SUS, sem Leitos. O Ensino Fundamental tem 1.110 Matrículas e o Ensino Médio 288.

Nas articulações entre as instituições encontra-se o Convênio de Cooperação com Entidades Públicas nas áreas de educação, saúde, assistência e desenvolvimento social e desenvolvimento econômico e Convênio de Parceria com Empresas Privadas na área de educação. Apoio de Entidades Privadas ou da Comunidade nas áreas de educação, emprego/trabalho, turismo, cultura, meio ambiente e desenvolvimento econômico. Ações Integradas com Outro(s) Município(s) nas áreas de educação, turismo, cultura e desenvolvimento econômico e Consórcio Intermunicipal na área de saúde.

Encontram-se informatizados o cadastro e/ou bancos de dados de saúde, educação e patrimônio, controle de execução orçamentária, cadastro de alvarás, cadastro imobiliário (IPTU), cadastro de funcionários, folha de pagamento e contabilidade.

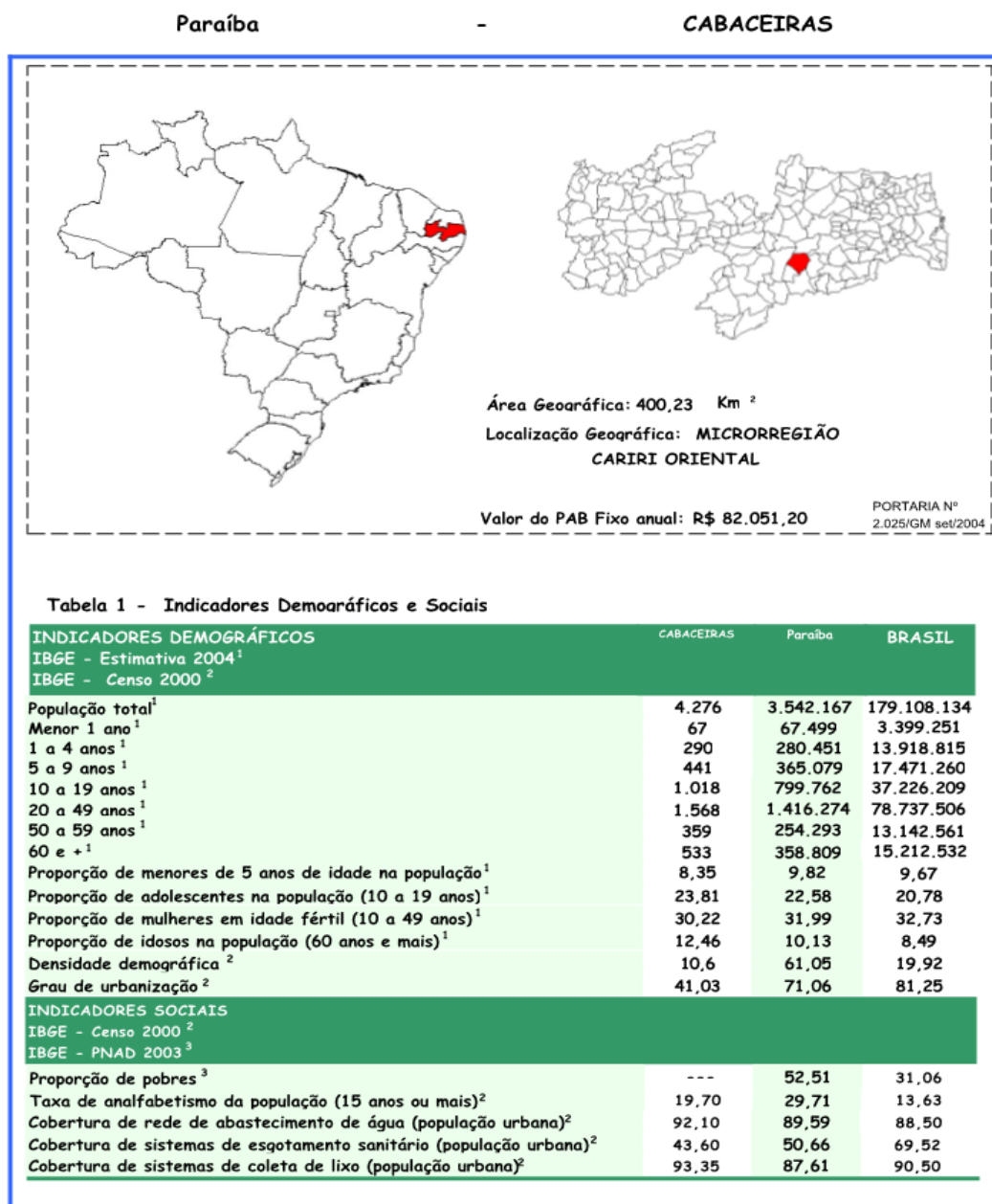


Fig 35. Mapa de Indicadores Sociais

<http://dtr2002.saude.gov.br/caadab/indicadores/paraiba/CABACEIRAS.pdf> Acesso 25 março 2010

Terceirizados estão os serviços de advocacia, obras civis, transporte escolar e contabilidade. Os programas ou ações na área de geração de trabalho e renda são incentivos para a atração de atividades econômicas, benefício tributário relativo ao

ISS, cessão de terras, fornecimento de infra-estrutura, programa de geração de trabalho e renda e programa ou ação de capacitação profissional.

Constatamos descentralização administrativa com a formação de conselhos nas áreas de assistência social, saúde e fundo municipal na área de assistência social. Existem atividades sócio-culturais como biblioteca pública, estádio ou ginásio poliesportivo e banda de música.

As informações foram obtidas através de pesquisas e levantamentos do IBGE e outras instituições como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, e Ministério da Educação e do Desporto INEP/MEC.

II₂. Memórias da Paróquia e da cidade

A Paróquia de Cabaceiras completou 150 anos de existência em 29 de agosto de 1985. Anos de fé e de luta conforme relatou o Padre Léo Denis, pároco, no livro de memórias que retrata a história da cidade e da paróquia – Cabaceiras 1835–1985. Ele refere que a memória dos antepassados, de seus sofrimentos, alegrias e vitórias devem permanecer vivas nas lembranças do povo de hoje que continua a história dos antigos, construindo-a em cima dos alicerces que eles colocaram. A primeira parte contém tópicos da história da cidade e, em seguida, a história das diferentes comunidades da paróquia. Interessante relatar que as comunidades escreveram sua história em setembro no mês da Bíblia no ano de 1984, como mais uma página dos Atos dos Apóstolos.



Fig. 36 - Igreja Matriz de Cabaceiras

Fonte: www.ferias.tur.br/fotos/4891/cabaceiras-pb.html



Fig. 37 - Igreja Matriz de Cabaceiras

Fonte: www.ferias.tur.br/fotos/4891/cabaceiras-pb.html

Desta forma, vamos buscar na história oral os elementos essenciais para descrever a origem da paróquia e comunidades de Cabaceiras. Segundo Debert (1988), a história oral de vida tem aumentado seu âmbito de atuação, e tem sido enfaticamente reivindicada por várias áreas do saber – História, Antropologia e Sociologia.

Para a autora, as vantagens deste método são expressas através de duas possibilidades que a história de vida proporciona. A primeira é a “*produção de uma nova documentação*”, na qual existe a oportunidade de incorporar, à literatura, a versão que “*os oprimidos e desprivilegiados têm dos grandes e dos pequenos acontecimentos*”. A segunda possibilidade é o estabelecimento de um diálogo entre informante e analista, na qual é possível atingir um ponto de interseção em que ambos possam compartilhar algo novo, que se apresenta pela primeira vez ao analista e o re-apresenta ao informante, através de sua memória.

Ao nos aproximarmos do quadro de atores que compõem a população - crianças, idosos, jovens, homens e mulheres, vimos e ouvimos o relato das experiências vividas por quem conviveu com a seca a maior parte de suas vidas. Para entender o que pensam e sentem é preciso buscar as condições sócio-econômico-cultural e religiosa para ser possível compreender essa população do semi-árido nordestino, especialmente no município Cabaceirense.

O caráter religioso é preponderante na cosmovisão do homem e da mulher do semi-árido, de forma particular na área rural, motivo pelo qual, neste trabalho acadêmico foi escolhido trabalhar com a comunidade São Francisco e o Sítio Poço Comprido - na qual foram aplicados os questionários - por apresentar as variáveis do processo de investigação: população maior que 50 (cinquenta anos), religiosa que tem em sua vivência este processo climático. Nela, pudemos perceber a presença da Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Encontramos um povo extremamente religioso e com uma participação entre três a quatro vezes por semana em suas igrejas, através de terços, novenas, celebrações, cultos, missas, catequese, procissões, estudos bíblicos e grupos de jovens.

Desde o processo de colonização, o homem e a mulher do semi-árido paraibano encontram-se sem políticas eficazes para a superação das várias situações de pobreza, fome, analfabetismo, violência no campo, desemprego, baixos salários, mortalidade infantil, precariedade dos serviços de saúde e educação, falta de água potável, destruição ambiental, desertificação, seca, êxodo rural. São realidades transversalmente ao tempo e à história das populações, principalmente as do interior do Nordeste. A população vive uma condição de profunda pobreza secularizada; para elas as ações de políticas públicas são assistenciais e não levam ao desenvolvimento, não produzem sustentabilidade ambiental e, com isso, não produzem riqueza.

A omissão das políticas públicas no enfrentamento da seca não proporcionou a convivência harmoniosa do povo do semi-árido com a escassez das chuvas. Parece não ser possível o combate à seca por ser uma condição climática milenar do próprio ecossistema. É preciso favorecer a convivência do homem e da mulher do sertão de forma eficaz e produtiva com as condições climáticas naturais do semi-árido, através do uso de tecnologias para a dessalinização das águas, perfuração de poços, construção de barragens subterrâneas, transposições de águas de outros reservatórios, construção de cisternas, investimento e assistência técnica a pequenos e médios produtores rurais. É preciso, ainda, investir em tecnologias em bancos de semente, reflorestamento, recuperação de mata ciliar e educação ambiental permanente em todas as fases escolares e criação de reservas florestais.

II.3. Os Primeiros Habitantes

Toda esta terra, antes da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, era habitada pelos indígenas que, em nossa terra, eram conhecidos como índios Cariris. Essa tribo dominava a Paraíba desde a Serra da Borborema e, também, grande parte de Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte e até mesmo parte da Bahia.

Não há muita informação sobre eles, pois nada deixaram gravado e a memória do povo não guardou a lembrança deles. No confronto com os brancos foram exterminados ou recuaram para terras mais distantes. Na cidade de Cabaceiras é possível encontrar as marcas deixadas por eles, quer sejam gravuras e pinturas nas pedras ou marcas de mãos. Poucos são os desenhos figurativos, mais freqüentemente são encontrados símbolos cujos significados nos são desconhecidos. As marcas dos índios são encontradas nos lugares denominados Bravo, Caiçara, Lajedo de Pai Mateus, Ipueiras, Porteiras.

II.4. Da Colonização à Fundação da Cidade e da Paróquia

O primeiro colonizador da região foi o português Antônio de Oliveira Ledo, que se instalou na segunda metade do século XVII no lugar onde atualmente fica a cidade de Boqueirão. Em 1665 ele recebeu a sesmaria de um terreno de trinta léguas¹⁸ de comprimento e doze de largura à margem do Rio Paraíba. Pouco tempo depois, Custódio de Oliveira Ledo, pai de Teodósio de Oliveira Ledo, fundador de Campina Grande, se estabeleceu no lugar chamado Porteiras.

É importante lembrar que a presença do homem branco foi fator preponderante para pouco e pouco exterminar os índios. Embora, por muito tempo, eles tivessem resistido aos colonizadores pelo fato de conhecerem o terreno o que lhes permitia se locomoverem com maior facilidade; porém o homem branco era superior em armamento e táticas de guerra.

Com o objetivo de proteger o seu patrimônio, Antônio de Oliveira Ledo foi ao Recife buscar um padre para catequizar os índios.

Pelo final do século, chegou da Bahia, um cidadão chamado Pascácio de Oliveira Ledo. Ele obteve duas sesmarias: uma na serra de Bodopitá e outra em que

¹⁸ Léguas: a légua terrestre mede 4.000 metros e a légua marítima 5.500 metros

fundou uma fazenda onde residia, a qual mais tarde tornou-se a cidade de Cabaceiras.

Por volta de 1700, Pascácio vendeu a propriedade ao tenente Domingos de Farias Castro e ao Capitão Antônio Ferreira Guimarães.

Eles fazem parte das origens da atual cidade. Conta a tradição oral que eles moravam cada qual em uma extremidade da propriedade e que desejavam construir uma capela bem no meio. Para tanto, combinaram que sairiam de suas casas no mesmo instante e caminhariam até que se encontrassem e, no local do encontro, seria construída a capela; é nesse local que hoje se encontra a Igreja Matriz. Depois da capela foram construídas as primeiras casas que, muitas vezes, serviam não como morada permanente, mas para pouso em dias de missa e festas. Foi assim que nasceu a cidade de Cabaceiras.

A cidade foi criada pela Lei Provincial nº 11 de 04 de junho de 1835 em um desmembramento do município de Campina Grande. Pouco tempo depois foi criada a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição pela Lei Provincial nº 41 de 29 de agosto de 1835, desmembrada da paróquia de Campina Grande.

II₅. A Primeira missão em Boqueirão (1670)

Como vimos anteriormente, Antônio de Oliveira Ledo fora a Recife buscar um padre para catequizar os índios. Sua intenção não era religiosa, mas econômica: queria proteger o seu rebanho de gado. Trouxe consigo um frade Capuchinho, o Pe. Théodore de Lucè. Em novembro de 1671 chegou também o Pe. Martin de Nantes que ali ficou apenas oito meses, mas tempo suficiente para escrever o mais antigo livro a respeito da nossa região: *Relation courte et franche de La Mission du Pe Martin de Nantes parmi les indiens y appelés "cariris"* (Relação breve e sincera da Missão do Padre Martin de Nantes entre os índios chamados Cariris), editado em Quimper, França em 1706.

Continuando a narração, os missionários trabalhavam mais com os índios do que com os portugueses. À época não era usual valorizar muito a cultura dos índios como se faz hoje. Mesmo assim, os missionários organizaram toda a vida da aldeia,

inclusive a parte religiosa que em muito se parecia com a vida do convento – os divertimentos e o castigo para os que não obedeciam às ordens.

Quando havia conflitos entre os portugueses e os índios, os missionários ficavam do lado dos índios, a ponto de Antônio de Oliveira Ledo dar queixa dos missionários na Câmara da cidade (Recife), acusando-os de não merecerem confiança pois estavam ensinando aos índios o uso de armas. Mas o Pe. Martin escreveu uma carta à Rainha de Portugal que os livrou de expulsão. Aqui se dá o relato da primeira missão religiosa na região.

II.6. A Igreja do Rosário e a Festa de Reis

Na cidade de Cabaceiras, além da Igreja Matriz, há a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ela foi erguida pelo ano de 1860 pelo Major João Ferreira Guimarães e sua esposa Dona Ignácia Theresa de Jesus, que mais tarde foram sepultados na própria igreja. O major e a esposa tinham muitos escravos e eles permitiam que os escravos fizessem suas festas na igreja. Assim nasceu a Festa de Reis que até hoje está ligada à Igreja do Rosário. Nessa festa, os escravos levavam a sua própria vida: eles eram os donos, comandavam a festa, escolhiam o rei e a rainha. Esta tradição continuou também depois da abolição da escravatura.

II.7. A Casa de Caridade

As Casas de Caridade no Nordeste são todas fundadas pelo Pe. Ibiapina, nascido no Ceará, filho de um tabelião público. Estudou latim, Ciências Eclesiásticas e formou-se em Ciências Sociais e Jurídicas. Chegou a ser Juiz de Direito e Chefe de Polícia em Quixeramobim – CE. Nesse Estado ele sentiu que, nesta função, não poderia servir, às verdadeiras necessidades do povo. Exerce a carreira de advogado em Areia-PB e depois em Recife – PE, mas isso não o satisfaz. Por esse motivo, entra para o sacerdócio e é ordenado em 03 de julho de 1853. É nomeado vigário geral da Diocese de Olinda e Recife e professor do Seminário de Olinda (1853-1855). Consegue livrar-se destas obrigações e entra no sertão para dedicar-se às missões (de 1855 até sua morte em 1883). Chama atenção a frase: *“ele não prega uma missão que é fuga da vida, mas sim, uma religião que leva a enfrentar os*

problemas da vida” (grifo nosso). Durante as missões, o povo se reunia para construir obras em benefício da comunidade. Assim construíram igrejas, cemitérios, açudes e principalmente casas de caridade. No ano de 1872, o padre Ibiapina chega a Cabaceiras para pregar missões e fundar uma casa de Caridade que funcionou até o ano de 1925, conforme registra o livro: A Casa era administrada por moças, conhecidamente referidas como “beatas”. Elas cuidavam da educação de crianças órfãs, enjeitadas, de pessoas doentes. Amortalhavam os mortos e faziam velórios. Conta-se que no tempo de uma epidemia, dedicaram-se ao cuidado dos doentes e muitas delas adoeceram e morreram.

IIg. A Devoção a São Bento

Conta-se que no ano de 1893 chegou à localidade Forquilha do Rio Paraíba do Norte deste município, o senhor José Antônio dos Santos com toda sua família, provenientes do Riacho Doce.

Como sabemos, o mês de agosto é a época em que tudo está seco no Cariri e, por este motivo, aparecem cobras de diversos gêneros e em grande quantidade, o que tornou este mês conhecido como mês das cobras.

Como não tinha conhecimento do clima, o Sr José Antônio matou num só dia, cinco cobras cascavéis o que o deixou bastante nervoso. Invocou o protetor São Bento como nosso defensor. Fez a promessa de, junto com o Pe Joaquim Enéias Cavalcante e a comunidade da paróquia àquela época, organizar a festa em homenagem a São Bento na primeira segunda-feira de agosto. A intenção era pedir a proteção do santo para defender a população das cobras e animais ofensivos. Esta festa ainda se realiza, ano após ano e, nos dias atuais, ela é mais famosa, mais bonita e mais concorrida que a festa da padroeira¹⁹.

¹⁹ A padroeira da cidade é Nossa Senhora da Conceição e a festa é realizada no dia 08 de outubro.

II₉. As comunidades fazem a história

Comunidade de Algodois

Conforme texto fornecido por Neide de Farias Dias, esta comunidade foi fundada no século XVII. O nome é originário da grande quantidade de algodão que havia na época, denominado “algodão brabo”.

Após a fundação da comunidade, foi construída a primeira igreja. Naquela época, uma doença contagiosa que matou muita gente e não apenas no Brasil conhecida por cólera.²⁰

A comunidade, temendo que aquele mal a atingisse, fez uma prece a São Sebastião para desterrar aquele mal. Como a graça foi alcançada, deram São Sebastião como padroeiro da igreja.

Passados alguns anos, a igreja ficou deteriorada e acharam melhor desmanchá-la e construir outra. A comunidade crescia a ponto de entre os anos de 1926 a 1930 contar com feira livre, carnaval animado, dentre outras atrações.

Neste relato, fica registrado que a crise de 1877 foi a pior época da história, considerada como a época de maior fome de todos os tempos. Para sobreviver, os moradores comiam xique-xique e macambira como alimentos normais.

Houve uma época em que, por motivos desconhecidos, o padre deixou de celebrar missa nessa igreja. Dez anos depois, o padre que a comunidade apelidou “implicante”, mudou-se e, para alegria de todas, as portas da igreja foram reabertas e as missas voltaram a ser celebradas.

Próximo à comunidade, havia uma serra habitada por índios cuja chefe chamava-se Funtainha, dando nome à serra próxima da comunidade e a serra ficou conhecida como “Serra da Funtainha”.

²⁰ O cólera (ou cólera asiática) é causada pelo vibrião colérico *Vibrio cholerae*, bactéria que se multiplica rapidamente no intestino humano produzindo uma potente toxina que provoca diarreia intensa. Ela afeta apenas os seres humanos e o *Vibrio cholerae* é transmitido principalmente através da ingestão de água ou de alimentos contaminados. Em menos de 10% dos infectados pode ocorrer diarreia aquosa profusa de instalação súbita, potencialmente fatal, com evolução rápida (horas) para desidratação grave e diminuição acentuada da pressão sanguínea. O cólera é uma doença que existe em todos os países em que medidas de saúde pública não são eficazes para eliminá-la. A América do Sul e a Índia são as regiões mais frequentemente afetada por epidemias de cólera. Também existe de forma endêmica na África e outras regiões tropicais da Ásia. O cólera é uma doença de notificação obrigatória às autoridades sanitárias. Obs. A doença é dita o cólera, no masculino para diferenciar do substantivo feminino a cólera, que significa ira, revolta, raiva.

Comunidade Caruatá de Fora

Severina Silvina de Barros é quem conta a história desta comunidade. Ela relata que no ano de 1772, Tomás Pereira de Aquino, conhecido por “bigode de onça”, comprou a Manoel Pereira um pedaço de terra no lugar Caruatá de Fora, município de Cabaceiras, medindo aproximadamente mil braças. Nesta terra, havia o começo de uma casa e ali fixou morada. Casado com Paulina, tiveram onze filhos e muitas foram as dificuldades para criá-los. Havia uma escola particular no lugar denominado Ribeira, distante cerca de 6 km da residência e foi lá que seus filhos estudaram.

Tomás de Aquino trabalhava na agricultura e criava alguns animais como vaca, ovelha, cavalo. Os filhos já ajudavam na agricultura e os animais serviam para transportar os frutos e a farinha produzida. Sobreveio uma seca que castigou o cariri e os animais ficaram sem condições de viajar, a ponto de o transporte ser feito pelo homem, trazendo-os em suas cabeças o que evitava que comessem xique-xique²¹ ou macambira²². Os animais também sofreram e o rebanho foi reduzido.

Alguns anos depois, no ano de 1805, chegou outro morador conhecido por Pedro Alcântara que era casado com Maria da Glória, mulher hospitaleira e que gostava de fazer amizades. Tornaram-se amigos da família e uma sua filha casou-se com um filho de Tomás.

Maria da Glória gostava muito de rezar e deu início à reza no mês de maio e a novena de Santa Ana. Também passaram a festejar São João e São Pedro o que fez com que a comunidade tivesse mais vida e alegria.

Em consequência da seca, as famílias passaram dificuldades, começaram a diversificar suas atividades e deram início a pequenos comércios como venda de carnes, farinha, queijo. Compravam em Campina Grande pra vender em Cabaceiras e isso aos poucos melhorou suas vidas. Passaram a comprar burros e tornaram-se

²¹ Xique-xique – da Família Cactaceae, do Gênero *Pilosocereus* e da espécie *Pilosocereus gounellei*. É uma planta arbustiva de ampla distribuição em toda região semi-árida do Nordeste. Os frutos do xiquexique são bastante consumidos por animais silvestres, principalmente pássaros. Esta planta tem bom desenvolvimento em áreas de solos degradados e de irregularidades na distribuição das chuvas. Em muitas comunidades da região semi-árida do Nordeste, o xiquexique é uma das alternativas utilizadas pelos agricultores para alimentação dos animais na seca. Mas é preciso que o agricultor queime os espinhos para que o animal possa ingeri-la, Esse procedimento o, tem provocado a morte de muitas plantas e, possivelmente, poderá levá-lo a extinção.

²² Macambira. – da Família Bromeliaceae, do Gênero *Bromelia* e da espécie *Bromelia laciniosa*, Planta de folhas rígidas e espinhosas que é encontrada na região nordeste do Brasil. As espécies deste gênero estão distribuídas pelas regiões tropicais dos continentes americanos, e sua principal característica é o fato de suas flores apresentarem um cálice muito profundo.

os maiores tropeiros do lugar. Viajavam para o sertão para comprar milho e traziam pra vender na cidade.

Mais tarde, em 1905, chegou outra família vinda de Itabaiana com o sobrenome Neves; consigo eles trouxeram muito gado. Faziam queijo e manteiga e “eram bem de vida²³”. Em 1915 veio a seca que destruiu grande parte de seu rebanho bovino, mas ainda assim os Neves ficaram com o suficiente para se manterem o resto da vida.

Comunidade Curral de Baixo

Quem vai nos falar sobre esta comunidade são José Galdino e Sebastiana Maracajá. Ele conta que esta comunidade teve origem com um homem chamado José Pereira de Castro. Morava na margem esquerda do rio Taperoá. Com o passar dos anos, gerou filhos e filhas. Um deles foi ordenado padre e era conhecido como Padre Tejo, vindo a ser vigário da Paróquia em Cabaceiras. Era muito influente junto ao Imperador D. Pedro II.

Esta família alimentava-se tal como os índios, viviam da caça e pesca, mas todos tinham terras, nas quais plantavam mandioca para fazer farinha. O autor deste texto relata que a família era tão antiga que iria estranhar a modernidade dos meios de transporte e de comunicação atuais.

José Galdino chama atenção dizendo: “se nascemos num cariri de sofrimento, devemos meditar as palavras de Olavo Bilac – *ama com orgulho a terra em que nasceste*”.

Sebastiana Maracajá relata que o homem mais velho que a comunidade conheceu foi João Evangelista da Rocha. Era um homem bastante religioso, seguidor das tradições e costumes familiares. Rezava os quarenta dias da Quaresma com devoção e cantava o Hino da Paixão de Cristo (ela não descreve o hino). Fazia jejum duas vezes por semana e, para comungar, saía de madrugada para não perder a missa e viajava duas léguas a pé, em jejum. Confessava e comungava. Após a Quaresma, vinha o mês de maio e todos continuavam a reza com alegria e animação. As pessoas da comunidade traziam flores para enfeitar o

²³ Pessoas que tinham boa condição financeira.

altar e todas as noites trocavam as flores velhas pelas flores novas. Guardavam as flores velhas para queimar na última noite da novena, essas flores eram levadas por quatro garotas. Faziam uma fogueira grande e iam colocando as flores acompanhadas por cantos de despedida.

O mês de junho era mês de festa. Para celebrar São João, o dirigente por chamar-se João Evangelista costumava celebrar este mês com alegria e devoção. A imagem de São João seguia em procissão, todas as noites, de uma casa para outra.

Em setembro, havia a Festa de Nossa Senhora das Dores. As pessoas vinham das comunidades Alto Fechado, Tapera, Poço Comprido para rezarem juntas a novena e traziam fochos para iluminar o caminho.

Em outubro festejavam o mês do Rosário, rezando o terço e a ladainha acompanhada de hinos. Para encerrar o mês fazia-se “rematação” (grifo do autor). As garotas e moças divertiam-se a valer, brincando de roda e cantando alegremente.

Ela relata ainda que João Evangelista chegou a dizer que alcançou tempos em que não havia meio de transporte. Na comunidade usavam os burros para carregar mercadorias e ganhar o pão de cada dia. Aprontavam a comida e seguiam estrada a fora. Ao chegar ao rancho, juntavam três pedras e formavam uma “trempe” (grifo do autor) para esquentar a comida e assim fazerem as refeições. Depois carregavam os animais e seguiam viagem.

Quando era época de inverno²⁴, por não haver canoa, eles usavam um pedaço de pau a que davam o nome de cavalete para poder atravessar o rio e conduzir a mercadoria para o outro lado.

Com o passar dos anos as pessoas mais velhas morreram isso levou à morte a comunidade.

Sebastiana conta que com a chegada do Natal em família, ela iniciou o trabalho na comunidade, mas somente a partir da morte de Manoel Marçal de Farias. Nessa ocasião ela foi para rezar o terço e, a partir de então, toda pessoa que morria ela ia até a residência para fazer uma oração e ficam a rezar o terço por sete dias. A fé foi se espalhando e se firmando e, com a chegada do Pe. José em Cabaceiras,

²⁴ No Nordeste, inverno é época de chuva, diferente do Sudeste e Sul do país.

começaram as reuniões e encontros de casa em casa, a partir da Campanha da Fraternidade.

Em sua fala, ela apresenta o aumento e diminuição da fé, chegada e afastamento das pessoas. Houve um tempo em que aconteceu uma peste de lagartas e pediram para uma das lideranças da comunidade parar de rezar. Ela ficou triste e as pessoas se juntaram a ela retomando as orações e momentos de alegria. Rezavam durante o mês de maio, faziam a coroação de Nossa Senhora. Sebastiana prossegue dizendo que a presença do Pe. Leo fortaleceu e animou a comunidade. Cita também a presença de Dom Luis Gonzaga Fernandes que contribuiu para a realização de um encontro entre esta comunidade e a comunidade Poço Comprido, o que fez nascer o interesse pelo estudo da Palavra de Deus a ponto de marcarem encontros aos domingos às 16 horas. O desejo da relatora é que a comunidade não enfraqueça, mas que se anime e dê continuidade aos encontros.

Comunidade Ipueira

As senhoras Josefa Gonçalves da Silva e Ilza Bento da Silva contam a história desta comunidade; elas citam o senhor Raimundo Bernardo que lhes contava sobre a época de bom inverno, de tempo bom, de fartura, lucro, pasto para os animais. Os homens tiravam mel nos cortiços. Era uma delícia. Falaram também da dificuldade de não ter carro, pois quando chegava a época do Natal, as pessoas viajavam um mês antes para Campina Grande, para fazer compra de tecido, calçado, cobertor, etc. Eles colocavam a cangalha nos burros para irem aos engenhos buscar açúcar, rapadura e mel de engenho. Interessante quando ele lhes disse que adquiria uma peça de tecido por um tostão²⁵ e as outras mercadorias eram pagas com pataca²⁶ e vintém²⁷.

²⁵ Tostão era o nome da antiga moeda brasileira de 80 réis. A moeda de 100 réis dessa série ficou conhecida como tostão e teve curso legal até 1942, quando foi extinto o antigo real, substituído pelo Cruzeiro.

²⁶ Pataca era uma moeda de prata com o valor de 320 réis que foi emitida pelo governo português até o século XIX. No século XX era encontrada a expressão “valer meia pataca” para significar valer muito pouco. Vale lembrar que nossa moeda perdeu 9 zeros nas sucessivas mudanças de nome e valor.

²⁷ Vintém de Ouro é o nome de uma moeda colonial brasileira, cunhada em cobre, 1818, com valor de 20 réis.

Segundo elas, o senhor Raimundo dizia que os meninos de 10 a 15 anos andavam vestidos com roupão pelos pés, como se fosse uma batina; as senhoras sentavam-se no chão com almofadas cheia de bilros, papelão e alfinetes para fazer renda de bico. A comunidade se divertia ao som de um fole com dois baixos e um berimbau feito de tábua com arame e dos lados dois cacos de telha. Eles dançavam uma dança chamada “mineiro pau”. As moças arranjavam casamento por um buraco feito na parede, mas só viam o noivo na hora do casamento. Na economia, havia também a casa na qual descaroçavam algodão, chamada bolandeira, e o caroço servia para alimentar os bichos.

A religião sempre esteve presente nas comunidades. Rezavam a novena de São João na casa do senhor Joca Guedes e que continua até esta data (1985, que é o registro destas informações). Outra novena muito grande era a novena de Santo Antônio que com a morte do dono da casa deixou de existir.

Uma delas relata que há cinco anos reza todos os dias do mês de maio e nesse mês há uma grande participação da comunidade, maio é considerado como o período de maior fé na comunidade, seguido pela novena da Conceição que vai de 30 de novembro a 08 de dezembro.

No relato das histórias das comunidades abaixo não há registro dos autores.

Comunidade Caruatá de Dentro

O livro traz a informação que o primeiro proprietário da comunidade foi o senhor Carlos de Faria, aproximadamente no ano de 1860. Ele possuía muitos quilômetros de terra, conhecida pelo nome Caruatá de Dentro. Qualquer pessoa que lhe pedisse para fazer uma casa, ele dava ordem e lhe dava, também, uma posse, ou seja, um pedaço de terra. Cada qual dava ao seu lugar o nome de acordo com o aspecto da localidade.

Comunidade Malhada Comprida

O nome Malhada Comprida foi dado devido às grandes árvores com copa que proporcionavam grandes sombras, nas quais os animais se abrigavam. Esta comunidade pertenceu ao senhor Carlos de Farias, aproximadamente nos anos de

1860. O primeiro morador de Malhada comprida foi o senhor Manoel de Souza Lima (Manoel Lagero), o qual a vendeu a propriedade a João da Costa Ramos. Tempos depois, em 1910, surgiu mais uma comunidade com o nome de Alto Fechado, devido à grande mata existente no local. Surgiram grandes dificuldades: a primeira – ausência de escola pois a que existia estava a uma distância de 12 km a pé; ademais os professores eram carrascos e a mulher não podia estudar para não escrever para os rapazes. Nem todos podiam estudar, apenas alguns privilegiados; a segunda – a fome, pois a maioria da população era muito pobre e enfrentava grandes dificuldades para sobreviver. Os homens levavam carvão para negociar e traziam farinha para vender. Dormiam no mato, mal agasalhados, tomavam chuva etc.

Por volta de 1924, época de grandes enchentes, aconteceu haver 31 dias sem dar passagem, irem de um para o outro. Neste período houve grande fome chegaram a comer xique-xique e batata de maniçoba. Apesar disso tudo, esse foi um ano de grande fartura.

Em 1928, houve a construção do Açude do Bravo, onde o pessoal da comunidade foi trabalhar. Os homens casados iam e voltavam a pé todos os dias; os solteiros ficavam toda a semana no local de trabalho. No período de seca, as pessoas carregavam água na cabeça, chegando a caminhar cerca de 6 km de distância para buscar água.

Quando alguém adoecia, tomava remédio caseiro, pois médico era só para os ricos.

Mesmo com as dificuldades, o povo não desanimava, continuava firme na luta, fazendo reuniões e afinal descobriram o valor da união.

Nesta comunidade, na casa do senhor João da Costa eram comemorados São João e Nossa Senhora dos Milagres. Acontecia novena, leilão e grandes festejos. Era a maior festa da região e com o dinheiro que sobrou dessas festas, a senhora Bernardina comprou uma imagem de São João e, posteriormente doou-a à igreja da Ribeira.

Em 1972, surgiu a primeira organização desta comunidade: uma pequena sociedade cooperativa que servia a todos e denominada Sociedade de Camponeses

de Malhada Comprida, iniciada com apenas cinco pessoas e que, nesta data, 1985, contava com trinta e oito sócios.

Vários trabalhos foram feitos em mutirão, entre eles vale destacar, por intermédio do Pe José Jonette, a construção da barragem que beneficiou toda a comunidade de forma que, quando a barragem secava, cavavam cacimba por trás do baldo que, deste jeito, continuava servindo a todos.

Comunidade da Pata

Esta comunidade era totalmente desabitada. O nome do lugar deveu-se à presença de uns viajantes que por aí passavam, viram uma pedra e a acharam parecida com uma pata e, assim, denominaram o lugar. Com o decorrer do tempo, as pessoas foram chegando e habitando o lugar. Era um povo sofrido porque não existia trabalho. A agricultura era pouca devido à inexperiência do povo.

Esta localidade fica ao lado do rio Paraíba. Cavavam poços na areia do rio e dessa forma tinham água suficiente. Alimentavam-se da pesca, da caça e de raízes como do Umbuzeiro, xique-xique etc. Para iluminar, usavam o fogo de lenha, uma lamparina²⁸ com azeite feito com semente de carrapateira²⁹. Para transporte, utilizavam cavalos, burros e jumentos, quer fosse para viajar, quer fosse para transportar mercadorias.



Fig. 38 – Lamparina
Fonte: images.google.com.br

²⁸ Objeto utilizado para iluminar os ambientes. Dentro dela colocava-se o azeite e um pavio de algodão. Acendia-se o pavio e o ambiente ficava iluminado.

²⁹ Planta tóxica que pode levar à morte.



Fig. 39 - Carrapateira – *Ricinus communis*
Fonte: www.plantasonva.com.br/.../toxicas-e-venenosas

Com o passar do tempo, por uma questão de crescimento vegetativo, a comunidade se desenvolveu, o número de habitantes aumentou e, conseqüentemente houve aumento de trabalho, foram criadas escolas. E a comunidade adquiriu outro aspecto. Com a construção do Açude de Boqueirão, a situação do povo no campo de trabalho melhorou, assim como melhoraram a parte educacional e religiosa.

Comunidade Pau Ferro

Colaborou nesta informação Maria dos Anjos Nascimento. Ela conta que o nome desta comunidade veio de José Pereira Pau-Ferro, fazendeiro do lugar. Só moravam este senhor e Francisco Pereira da Costa, ambos do lado esquerdo do rio Paraíba. Do outro lado, morava Antônio Pereira Cocundo, homem rico, mas que terminou a vida na pobreza.

Na casa de Antônio Cocundo rezavam o mês de maio e, antes do terço, as crianças brincavam de roda no terreiro.

Com o crescimento das gerações, a comunidade aumentou e as famílias passaram a ter casas próprias, mas com pouca terra. Mesmo assim, elas têm onde plantar alguma coisa.

Existe sempre a presença de orações e festejos, rezam o mês de maio e o de São João; apenas Maria dos Anjos relata que não é mais como naquela época em que todos se tornavam amigos: mas hoje já existe desunião.

Quando fala de educação, ela diz que não existia escola como hoje, mas a educação de ontem era melhor que a de hoje, pois os filhos obedeciam aos pais: estudavam, bordavam, viviam em casa trabalhando, costurando, fiando.

Comunidade Poço Comprido – Sítio Poço Comprido

Quem vai nos falar sobre esta comunidade são Amélia de Almeida Gouveia, Abílio Paulino de Farias e João Morais Gouveia. Eles relatam que a comunidade foi fundada por Tomaz de Sousa Barbosa e sua esposa D. Ana Clemência e seus nove filhos, por volta de 1800. Ele era senhor de escravos e tinha bastante terra. Faleceu aos trinta anos de idade, vítima de um colapso, deixando a viúva e nove filhos. Esta ficou muito impressionada e enlouqueceu; faleceu em Recife-PE. Um de seus filhos, Inácio de Farias Cavalcante, criador de gado e de caprino, inteligente, estudou para ser padre, mas veio a desistir próximo à ordenação. Resolveu casar e gerou grande família. Era homem de caráter, rico em terra, gado e escravos. Isto aconteceu por volta de 1850. Em 1877, houve uma grande seca que assolou a região do cariri. Eles relatam a história desta família fundadora da comunidade, que não vamos citar aqui, mas destacam a importância dos fatos dos antepassados e a evolução alcançada pela modernidade como os meios de comunicação, transporte, postos médicos nos sítios; enfim, ressaltam a importância de não haver necessidade em se deslocarem para lugares distantes como antes, podendo ter as necessidades satisfeitas dentro da própria moradia.

Comunidade Porteiras

Quem vai nos falar sobre esta comunidade é José Fernandes Nascimento – Madruga com a colaboração de José Deodato Sobrinho. Esta comunidade situa-se na parte sul do município de Cabaceiras e localiza-se às margens do rio Paraíba, o qual se constitui em fator positivo e de grande importância, pois os que habitam às margens deste rio, retiram daí o seu sustento. Resguardadas as dimensões, o Rio Paraíba está para esta comunidade como o Rio Nilo está para o Egito, o rio Amarelo para a China, o Tigre e Eufrates para Mesopotâmia – tal é sua importância para a comunidade.

Os primeiros a habitar esta comunidade foram João Pinto, Veríssimo de tal e Justino de tal. As informações que temos são apenas de João Pinto, dos demais não há registro. João Pinto foi pai de vários filhos, dando origem à família Deodato de Porteiras.

A habitação nessa comunidade se deu por volta da metade do século XVIII através destes três cidadãos que não chegaram a se tornar grandes fazendeiros pois a agricultura e a pecuária eram apenas para consumo familiar. Esta comunidade sempre foi lugar favorável à agricultura pois nunca houve falta de água no decorrer das grandes secas.

A origem do nome não é bem certa, mas a notícia que se tem é através de uma pesquisa realizada em uma biblioteca. Quando Teodósio de Oliveira Ledo chegou de Portugal, veio com ele seu irmão que subiu à montanha para fixar moradia em um lugar situado entre o povoado hoje chamado São Domingos e o povoado de Caraúbas pertencente a São João do Cariri. A este lugar deram o nome de Porteiras.

Na comunidade prevalece a agricultura e a pecuária como atividade principal e de onde tiram o sustento familiar.

No aspecto religioso encontram-se os novenários do mês de maio, novena de santo Antônio, São Sebastião, São José, Nossa Senhora da Conceição etc.

No folclore a comunidade é bastante animada na realização de suas festas, promovendo os folguedos³⁰ de roda ou as tradicionais “Berunda” que é uma dança formada por uma grande quantidade de pares que formam rodas e há entre seus componentes alguns, ao passo em que a roda vai girando ao compasso da música e em ritmo de umbigadas.

Capela do Riacho Fundo

Colaborou nesta informação Oseni Bonfim. Ele conta que em 1918, Eduardo Rolim e Ana da Conceição deram início à fundação de Riacho Fundo. Em 1937 ele veio a falecer e a construção da capela – para a qual foi preciso tirarem esmolas – somente foi iniciada pela comunidade no ano de 1943.

³⁰ Folguedos é o mesmo que brincadeiras.

Este nome teve origem por haver, na proximidade, um riacho bem fundo por onde passava a estrada antiga. Os meios de transporte eram cavalo e um caminhão.

Criavam gado, jumento e cabra. Cultivavam milho, feijão, algodão, jerimum (abóbora) e batata que eram transportados em burros para serem vendidos por tropeiros na cidade de Campina Grande.

Riacho Fundo fica às margens do rio Paraíba que derrama suas águas no açude³¹ Epitácio Pessoa. Este açude teve sua primeira enchente em 1957, mas só em 1961 é que veio favorecer os agricultores da região com a sua maior enchente, permitindo que obtivessem os maiores lucros.

Em 1971 foi feito o primeiro plantio de tomates, o qual proporcionou mais oportunidade de emprego a muitos pais de família. Agora já são plantados pimentão, cenoura, beterraba, cebola e outras verduras e tubérculos que são entregues nas Centrais de Abastecimento – CEASAS de Campina Grande, João Pessoa e Recife.

Comunidade de São Domingos

Colaboraram José Bernardino de Aquino e Inácio Maria da Conceição. Eles contam que o povoado começou no ano de 1913 com uma casa construída pelo senhor Francisco Amâncio Diniz (já falecido). Casou-se com três irmãs e ficou viúvo três vezes. Casou-se ainda uma quarta vez.

No ano de 1922, no mês de março, foi realizada debaixo de umas quixabeiras³² com barracas feitas de varas, a primeira feira para vender café e outros gêneros alimentícios. Com o crescimento da população e os movimentos da feira, foi construído um mercado ao lado da casa do fundador, que não mais existe, dando lugar ao Mercado Público no ano de 1972 que recebeu o nome do fundador do lugar; Francisco Amâncio Diniz. São Domingos é o principal distrito do município de Cabaceiras.

³¹ Açude: construção de terra, pedra, cimento etc. destinada a represar águas para ser usada. na geração energia na agricultura ou no abastecimento; acéquia, barragem, represa. O termo açude é regionalismo do nordeste brasileiro, significa lago formado por represamento. Significa também terreno úmido e humoso onde se planta, à proporção que baixa o nível da água.

³² Quixabeira – Árvore nativa do Brasil, da família *Sapotaceae*, do gênero, *Sideroxylon* e da espécie *Sideroxylon obtusifolium*; uma árvore de até 15 m. A madeira é dura; a casca tem propriedades adstringentes e tonificantes; as folhas e os frutos são forrageiros. Na época das secas, serve de alimento para o gado e sua casca tem propriedades tônicas, adstringentes e antidiabéticas. Possui espinhos fortes, folhas coriáceas, flores aromáticas e bagas roxo-escuras, doces e comestíveis. É conhecida ainda pelos nomes de quixaba, quixaba-preta e rompegibão.

A pequena população católica assistiu à primeira missa celebrada pelo Pe. Apolinário em baixo de uma árvore chamada Bonome, coberta com lona. Logo após foi iniciada a construção de uma capela que foi registrada com o nome do padroeiro do lugar: São Domingos. A capela não comportou o crescente movimento religioso e em 1964 foi iniciada a construção de outra igreja capaz de abrigar mais fieis. Francisco Amâncio também idealizou o único cemitério do lugar fundado em 25/12/1934.

Na educação destaca-se o primeiro professor, chamado Severino Cacaia. Como não havia escolas, ele ensinava nas casas oferecidas pelos moradores que queriam ver seus filhos aprenderem a escrever carta e fazer conta.

Comunidade Tapera

Este relato é fornecido por Maria do Céu. O nome significa “pobreza” pois os habitantes do lugar moravam em humildes casas de taipa. Até o ano de 1985, o lugar continuava pobre, sem vida.

No ano de 1888, Tapera pertencia aos irmãos Antônio Domingos Porto e João Antônio Domingos Porto. Eram negociantes. Trabalhavam como seleiro e sapateiro. Por não haver veículos, transportavam as mercadorias em cavalos. Embora fosse uma comunidade humilde, e porque não dizer pobre, elas vão atestar a presença do catolicismo. Ela informa que Socorro Gomes veio ensinar catequese aos meninos para a Primeira Comunhão. E ela, junto a outras senhoras, jovens, crianças e velinhos participam das reuniões. Usam gravador, participam da missa. Lembra, ainda, que em 1915 rezavam o mês de maio e que para ir à missa andavam três léguas a pé até Cabaceiras.

A História da Comunidade de São Francisco

A história desta comunidade foi relatada por José Genilson Ramos de Farias, no ano de 2007. Ele conta do desejo de resgatar a história partindo dos primeiros moradores e diz que a base para se compreender o meio rural é através dos sítios. Os sítios que formam esta comunidade são Gerimum, Malhada Comprida, Alto Fechado, Rio Direito e Carotá de Dentro.

Sentindo a necessidade de atender as localidades mais afastadas de maneira igualitária, foi construído um salão comunitário entre dois sítios: Carotá de Dentro e Alto Fechado, o que foi motivo de discussão entre os habitantes do lugar, porque os habitantes dos dois sítios diziam que o salão comunitário estava dentro de seu território. Nessa discussão entraram, também, os moradores do sítio Malhada Comprida, principalmente quando o pároco referia que o salão estava nos limites desse sítio. Com o passar do tempo, foi construída uma igreja ao lado do salão e para ela foi escolhido São Francisco como padroeiro. Esse fato aplacou os ânimos e os moradores concluíram ser necessária uma referência comum para evitar discussões. Foi, então, escolhido o nome Comunidade São Francisco com o propósito de afastar todo e qualquer atrito na comunidade que assim passou a ser referida para toda e qualquer atividade no lugar.



Fig. 40 – Capela de São Francisco

Arquivo do Autor

Em 1986, para a inauguração do salão foi realizada uma missa, celebrada por padres franceses, a exemplo do Pe Léo, um belga, que foi um dos grandes colaboradores da construção.

O primeiro sítio a surgir na localidade foi Carotá de Dentro e, a partir desse, surgiram os demais. A origem desse nome foi para evitar sobreposição de nomes, pois havia outro local com o nome Carotá de Fora. Nessa área moram

aproximadamente vinte famílias. José Genilson entrevistou um morador com noventa anos de idade, o senhor Joaquim Domingo de Farias que lhe fez o relato da dificuldade em sobreviver àquela época principalmente devido às distâncias que precisavam percorrer para buscar a sobrevivência, por exemplo, para irem a Campina Grande trocar alimentos, eram necessários três dias. Os moradores viviam basicamente da agricultura e da criação de cabras.

O nome Gerimum foi dado para referir o fato de uma pessoa ter passado por cima de um serrote³³, com um cabaço³⁴ cheio de sementes de jerimum³⁵. O cabaço caiu, as sementes se espalharam o que deu origem a muitos pés de jerimum no local. Seus moradores viviam da agricultura e do tropeirismo³⁶.

O nome Rio Direito é devido ao fato de, na ocasião faltarem estradas para a entrega de correspondências, o que motivou um certo carteiro chamado Martin Lutero a utilizar o leito do rio Taperoá como forma de chegar ao município de São João do Cariri; esse carteiro, ao passar em frente a um afluente do rio que ficava à sua direita, para melhor localizar-se, denominou-o Rio Direito. A comunidade desenvolveu-se à margem desse rio e adotou o mesmo nome. Nos primórdios da comunidade predominava a agricultura, a qual, com o passar do tempo, perdeu força e foi quase que totalmente substituída pelos serviços de mecânica de moto e criação de animais. Atualmente, nessa nesta área residem cerca de oito famílias.

O nome Malhada Comprida surgiu em decorrência da existência de grandes árvores sombrias³⁷ que existiam na comunidade e que serviam de local de descanso para os animais. As atividades de sobrevivência tinham por base o tropeirismo e a agricultura, hoje quase inexistentes, foram substituídas pelos serviços de motorista, pedreiro, costureira, telefonista.

Em 1910 surgiu o sítio Alto Fechado e esse nome tem origem no fato de, à época, haver uma grande mata, ainda inexplorada. Nessa área residiam aproximadamente onze famílias. E nela existia certa predominância de jovens.

³³ Serrote – Local com muitas serras

³⁴ Cabaço ou cabaça – fruto da planta Cabaceira e que quando seco é utilizado como moringa, berimbau, artesanato, brinquedos.

³⁵ Jerimum – é o mesmo que abóbora.

³⁶ Tropeirismo – forma de comércio praticada a época baseado na condução de animais soltos ou de mercadorias em lombos de animais arreados e que teve grande importância para a economia e a fixação do homem no interior do Brasil, tanto quanto os ciclos do café, da cana-de-açúcar, do ouro, da borracha e outros.

³⁷ Árvores sombrias – árvores cujas copas extensas geravam sombra para os animais.

O relato de Jose Genilson Ramos de Farias, permite perceber que, de início, em todos estes sítios predominava a agricultura e a criação de cabras e de gado – ainda que em pequena quantidade. Atualmente, em todos os sítios a atividade existe apenas para consumo próprio e foi substituída pelo fato de as suas populações buscarem melhores condições de vida. Muitos foram viver no Sudeste do País com o propósito de poderem retornar com algum dinheiro para iniciar uma nova fase de vida.

Hoje a subsistência é predominantemente baseada em aposentadorias, bolsa escola, bolsa família e outros programas assistenciais do governo melhoraram as condições de vida, uma vez que esses programas geram mais dinheiro às pessoas da comunidade e proporcionam melhores condições de vida por propiciarem a aquisição de bens extremamente importantes para um pouco mais de conforto para essa sofrida população.

É possível observar quanto a seca influenciou a vida dessas populações e quão nefasta foi como agravadora da difícil situação para a própria sobrevivência. Esse relato refere que pelo ano de 1963-1964, o prefeito municipal Abdias Aires, mandou cavar um poço artesiano no sítio Alto fechado, fato que a comunidade considerou a obra mais importante da região, pois as populações dos sítios vizinhos podiam ir buscar água desse poço o que diminuiu o sofrimento da comunidade, além do fato de essa ida à fonte promover encontro das pessoas e ser quase um motivo de festa.

Em 1974, o padre José Jonette, vigário da paróquia à época, preocupado com as necessidades locais, conseguiu arrumar algum dinheiro e mandou construir uma barragem no Sítio Gerimum, o que se tornou outro benefício para a população desse sítio e dos sítios vizinhos.

As dificuldades da comunidade não estavam somente na falta de água, embora primordial, elas precisavam conquistar mais que a sobrevivência. Não por outro motivo, o Senhor Miguel, por conta própria, construiu um salão e deu à sua esposa para que ela o usasse para dar aulas, mas sem remuneração. Somente em 1962, após aprovada em um concurso público, ela passou a ser remunerada e em 1968 foi construído o primeiro grupo escolar da comunidade.

Em 1972, surge a Associação dos Camponeses para a qual os associados pagavam uma mensalidade e, com isso garantiam o direito de retirar uma certa quantia para comprar o que necessitassem; esse dinheiro tomado por empréstimo era devolvido em prestações. O número de associados foi ampliado e também os empréstimos, mas muitos não honraram seus compromissos e a associação foi à falência.

Em 1987 surge o Sindicato dos Trabalhadores de Cabaceiras, que teve como fonte de inspiração o líder sindical Chico Mendes.

Com o crescimento da comunidade, salão construído pelo Senhor Miguel, ficou pequeno e ela própria se mobilizou para reivindicar a construção de um Centro Social; no que foi atendida pelo prefeito Abdias Aires.

Mais uma vez, por conta de espaço – pois os encontros celebrativos e religiosos cresciam em freqüência e em número de participantes – a comunidade sentiu a necessidade de ser construída uma igreja. Houve resistência por parte do pároco, mas a comunidade não desistiu do sonho. Com a mudança do pároco, que colocou o cargo à disposição da comunidade, esta ganhou fôlego e deu início aos preparativos para a construção da Igreja, para a qual escolheram São Francisco por padroeiro e ela foi inaugurada no ano de 2002.

José Genilson Ramos de Faria, ao final do seu relato, menciona a importância da comunidade ter conseguido chegar onde chegou e menciona também a estrutura de organização, a necessidade da religiosidade que proporcionou um contato mais freqüente da população nos momentos de oração. Nesses momentos a comunidade se irmanou pois as necessidades de alguns se tornaram problemas de todos.

II₁₀. A História da Diocese de Campina Grande

A Diocese de Campina Grande fica localizada no Estado da Paraíba na região central do estado do planalto da Borborema, foi desmembrada da primeira Diocese do Estado, atualmente arquidiocese da Paraíba.

No dia 14 de maio de 1943, com *Bula Supremum Universi* o Papa Pio XII criou a Diocese de Campina Grande: “Pio XII, sendo dos servos de bens, para memória perene, tendo recebido, por autoridade divina o supremo pastoreio do rebanho do

Senhor, é do dever procurar com grande solícitude tudo quanto nos pareça promover o maior bem e utilidade das almas que nos foram confiadas”.

Com grande alegria acolhemos o pedido do nosso venerável irmão, Dom Moisés Coelho, Arcebispo da Paraíba com o qual nos suplicou que destacando uma parte de sua muito extensa arquidiocese, decretaremos a constituição de uma nova Diocese... Erigimos e constituímos o território... Em uma nova Diocese que será chamada com o nome da Cidade de Campina Grande [...], mandamos que, quanto antes, seja fundado pelo menos, o seminário menor diocesano [...] que a nova Diocese mantenha, às suas custas, no seminário pontifício brasileiro, nesta cidade dois jovens escolhidos, que mostrem vocação, ou pelo menos um, a fim de que, debaixo de nossas vistas, sejam educados como esperança da igreja.

...dado em Roma, em São Paulo, no dia 14 de maio do ano do Senhor de 1949, 11º ano do nosso Pontificado.

As justificativas para a criação da Diocese, segundo Boulanger Uchoa historiador foram as seguintes:

1. A Grande distância que separa a sede da Diocese da Paraíba e seus interiores complicados ainda mais com as estradas inadequadas, assim como as dificuldades de comunicação com a sede arquidiocesana, dificultando a ação administrativa e apostólica do Bispo, além do mais, toda essa situação era favorável ao relacionamento disciplinar do clero e reduzia a vigilância do bispo dentro da extensa área que muitas vezes se separava entre 300 a 500 km, resultando no enfraquecimento da sua força “apostólica”.
2. Também se justificaria, pois fazia parte de um projeto de criação de novas dioceses, tendo novas circunscrições eclesiais, pensado desde 1891 pelo Papa Leão XIII como parte dos sonhos do episcopado nacional reunido naquele ano em São Paulo.
3. Encontram-se motivos geográficos, administrativos e por aí de efetivação da autoridade episcopal Diocesana. Não se justifica pela possibilidade de através da criação de tal Diocese se proporcionar um melhor serviço aos católicos, implicitamente o que está em jogo na criação da Diocese

Campinense é a adequação do modelo católico paraibano ao esquema romano que já vinha sendo efetivado em nível de Brasil³⁸.

II₁₁. Os Bispos da Diocese de Campina Grande

Com a criação da Diocese de Campina Grande assumiu Dom Anselmo Pietrula, Religioso Franciscano, nascido na Alemanha em 1906 e sagrado Bispo em 1948. Em 14 de julho de 1949 foi transferido para recente diocese de Campina Grande.

A presença de Dom Anselmo Pietrula foi marcada em seu governo pelas visitas pastorais e a organização do patrimônio desta diocese, sendo exigência do Direito canônico em vigor na época.

A presença deste religioso favoreceu várias congregações religiosas tanto masculinas como femininas. As irmãs de Clausura, as Clarissas chegaram a convite do Bispo, aos nove de março de 1950, vindo dos EUA. Além dos Religiosos redentoristas provenientes da Holanda os quais se instalaram em 17 de março de 1952; os religiosos construíram na sede da diocese uma seminário menor. Neste mesmo ano em Setembro 1952 chegaram os missionários de origem holandesa religiosos do Sagrado Coração de Jesus assumindo a paróquia de São José na sede episcopal; ainda do mesmo ano vindo de Recife chegaram as irmãs pobres, para a direção da casa da criança Dr. João Moura, teve a presença dos Irmãos Maristas fixando-se aos 07 de agosto de 1951; e em 17 de janeiro de 1953, as Irmãs Lourdinias e as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras de origem portuguesa vieram aos 15 de junho de 1954 e foram trabalhar na direção da casa da criança Dr. João Moura.

O Segundo Bispo foi Dom Otávio Barbosa Aguiar assumindo a Diocese em 1956. Natural de Pernambuco da Cidade de Orós, Diocese de Nazaré da Mata PE. Neste governo diocesano chegaram novas congregações: As irmãs de Santo Antonio para dirigir a maternidade na Cidade Esperança – PB que foram supervisionadas pelo Vigário da cidade, o Cônego Manuel Palmeira.

³⁸ Arquivo do Secretariado Pastoral da Diocese de Campina Grande – PB.

Essas irmãs eram enfermeiras e trabalharam na cidade de Queimadas, algum tempo depois, em 1960, chegaram os religiosos salesianos, para desenvolver um trabalho de educação junto à juventude, porém permaneceram um tempo breve.

Com a necessidade de cooperar na parte doméstica dos serviços do seminário redentorista, no bairro de Bodocongó, em 31 de outubro de 1961, chegaram as Irmãs da Divina Providência, de origem holandesa com objetivo de trabalhar neste seminário, na parte econômica.

Isto deixa claro que a igreja de Campina Grande é marcada pela presença de congregações masculinas e femininas, muitas vindas de fora do País, isso em sobreposição ao que existiu anteriormente em termos de vida eclesial. Encontramos aqui neste momento a adequação do catolicismo local às diretrizes centralizadoras de Roma. “É a europeização de uma igreja que mesmo sem ser popular era mais parecida e próxima do povo por ser mais leiga”.³⁹

“Esse dado é muito característico do catolicismo institucional que se firma e se sente seguro como a quase ausência de inovações ou pelo menos inovações que venham determinadas pela hierarquia mais alta da igreja” Pe. Rômulo.

Segundo Padre Rômulo: “Seria casual a chegada de tantas irmãs, irmãos padres das diversas congregações e origens religiosas de origem européia ou vinda diretamente da Europa para esta diocese? Não seriam elas um bom exemplo da Romanização e como parte da consciência de muitos membros das instituições eclesiais que ser fiel a ela é fazer tudo o que é determinado em Roma ou nos grandes centros de orientações e decisões, mesmo em detrimento da cultura do povo com quem se trabalha? Não estaria implícita a idéia que o bem no momento era trazer para a Diocese pessoas “capacitadas” européias ou europeizadas – para ensinar e fazer o que os “incapazes” brasileiros não sabiam”!

A Igreja de Campina Grande e o compromisso para padre Romualdo com a chegada das ordens e congregações religiosas no aspecto ideológico reforçam tal projeto de romanização do catolicismo brasileiro. As religiosas e os religiosos ocuparam fundamentalmente dois campos de atividades: no aspecto social sua ação se desenvolvia através do trabalho com creches, orfanatos, hospitais, escolas e no

³⁹ VIANA. Pe. Rômulo Remígio. A Igreja de Campina Grande e o compromisso com os marginalizados. Maxgraf: 2009, (pp 13-14)

âmbito mais restrito a estrutura eclesial, dedicavam-se à formação dos futuros padres.

Com a presença no governo de Dom Otavio Aguiar, houve a chegada dos religiosos Salesianos na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário para atividades educacionais; neste período a presença das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, a convite de Dom Otávio, com o objetivo de trabalhar na formação das jovens nas atividades do lar e ensinar confeitaria, bordado, economia doméstica, religião, moral, corte e costura, alfabetização, as irmãs tinham determinado tempo dedicado ao trabalho do Instituto Pax e a outras visitas domiciliares.

Segundo Uchoa pelo que se percebe outra parcela dos trabalhos estava relacionada com o serviço aos marginalizados, como encarcerados e visitas aos doentes nos hospitais.

Temos nos anos de 1953 a 1959 preocupações relevantes, a primeira, a problemática dos menores e a segunda, dos mal tratados pelo flagelo da seca. No ano de 1953 a falta de chuva trouxe conseqüências bastante preocupantes com um grande êxodo rural para a sede da Diocese, Campina Grande. Esses homens e mulheres apelavam para a caridade pública – Dom Anselmo levanta a voz, pede socorro aos senhores bispos do Brasil, solicitando-lhes ajuda em dinheiro para as vítimas da seca de sua diocese.

Uchoa comenta: “O total recebido, em dinheiro montou a importância de Cr\$709.697,00 adicionados ao auxílio material para transporte dado pela Empresa Collier e pelo batalhão de engenharia para as paróquias desta diocese. Além das atribuições desta cidade, da campanha da Radio Borborema, do governador deste estado, o Exmo. Senhor Dr. José Américo de Almeida⁴⁰.

“A 20 de abril de 1959, o Senhor Bispo Diocesano, após considerar o problema dos menores delinqüentes, que constituem uma preocupação constante para o governo da Diocese de Campina Grande e que a reveste de aspectos graves, desafiando as autoridades e a população. A fim de atuar neste campo de apostolado, solicitou a colaboração dos padres na congregação do sagrado coração de Jesus. De acordo com os seus desejos e anseios da diocese. Foi adquirido pela

⁴⁰ UCHOA, Boulanger. História Eclesiástica de Campina Grande – PB. Rio de Janeiro – RJ. Departamento de Imprensa Nacional: 1964. p. 252.

referida congregação em fevereiro de 25 hectares em Lagoa Seca, destinado à construção de um edifício para a instalação de uma obra de recuperação moral e social desses menores de emergências pela prefeitura municipal, no bairro da Palmeira”⁴¹.

Percebe-se neste tempo na Diocese de Campina Grande no tocante a sua preocupação com a causa dos marginalizados, que sua atuação pastoral tem perfil mais assistencialista com cunho mais moral, doutrinário e mais engajado com o processo educacional.

Com a criação desta diocese fica claro, neste momento, uma igreja voltada para si mesma com o intuito de corresponder às expectativas da Cúria Romana.

Nos três primeiros governos episcopais (1963) a vivência desta igreja é intra, para dentro dela, isso através das instalações de congregações, escolas, paróquias, concederem títulos honoríficos de cônegos e monsenhores.

O relacionamento com o povo dá-se nas grandes celebrações e festas, ela representada pelo bispo, geralmente em festa de padroeiros, inaugurações dos colégios, capelas, conventos etc.

Neste período encontramos uma igreja relacionando-se com as autoridades para desenvolver apoio às suas atividades assistenciais.

Há uma distância entre a igreja-instituição e a igreja-povo; ficou uma determinada lacuna entre uma igreja mais comprometida de forma efetiva com os pobres e marginalizados com a preocupação de fazê-lo sair da situação de sofrimento nesta parcela da população.

Com isso temos o lugar social da igreja-instituição – é aquele dos setores médios e altos das elites de Campina Grande. Sua atuação de elite eclesial e de elite governamental configura uma lacuna para as diversas realidades dos empobrecidos, excluídos e marginalizados.

No Brasil, a partir da década de 1950 praticamente toda igreja do Brasil começa a despertar em relação às problemáticas sociais, fruto do subdesenvolvimento. A igreja assume a missão de trabalhar uma consciência mais

⁴¹ UCHOA, Boulanger. História Eclesiástica de Campina Grande – PB. Rio de Janeiro – RJ. Departamento de Imprensa Nacional: 1964. p. 294

crítica com o objetivo de lutar por melhores condições sociais, econômicas, políticas e culturais do povo brasileiro.

“De 22 a 25 de agosto de 1961, na sede paroquial de Serra Branca, com pleno êxito, realizou-se uma semana ruralista promovida pela Diocese de Campina Grande, em convênio com o serviço de informação agrícola do Ministério da Agricultura. Diversos órgãos e serviços públicos federais, estaduais e municipais deram sua valiosa colaboração à semana ruralista, merecendo registro especial, o apoio da Paróquia e dos Municípios de Serra Branca e de São João do Cariri. O certame ruralista despertou o melhor interesse entre os criadores da região do Cariri, os quais pediram, com insistência, sua repetição anualmente”.⁴²

Constata-se que no período de 1950 a 1960 do material produzido “A leitura dos problemas rurais (em nível de Brasil)”, pela Igreja, se preocupa com a gravidade da situação crítica do homem que neste momento desencadeia o processo de sindicalização dos católicos contra o expansionismo dos sindicatos rurais, criados e controlados pelos comunistas.

A partir dos anos 1950, a Igreja no Brasil vai se abrindo e inserindo-se de forma mais marcante na sociedade brasileira; temos um despertar maior para toda problemática social, política, cultural e econômica – o Brasil estava em uma condição de subdesenvolvimento.

Com o processo de sindicalização rural, os católicos sentem o empenho da igreja em busca da “superação de uma visão fatalista da história”. Onde as desigualdades sociais e econômicas eram atribuídas à vontade divina.⁴³

Temos uma prática que anda entre uma igreja conservadora e progressista mas, mesmo assim, ela possibilita educação libertadora, com ênfase bastante significativa para os aspectos políticos, sociais e econômicos – principais responsáveis pela realidade de subdesenvolvimento. Temos uma não-tolerância em relação à miséria, diante da prática do evangelho e a causa de Jesus Cristo. Segundo Lustosa, “trata-se da consciência de que algo precisa ser feito e sejam

⁴² UCHOA, Boulanger. História Eclesiástica de Campina Grande – PB. Rio de Janeiro – RJ. Departamento de Imprensa Nacional: 1964. p. 69

⁴³ TEIXEIRA, Faustino Luis. A Gênese das CEBs no Brasil. Petrópolis– RJ. Vozes: 1988. p. 64

introduzidas modificações para que os condicionamentos da miséria não perseverem”.⁴⁴

Esse acordar se faz presente na Diocese de Campina Grande, buscando um engajamento na realidade de fronteiras, lutando e protestando diante da situação emergente, como é o caso da JUC (Juventude Universitária Católica) apoiada pela igreja, em todo o planeta insere-se no acompanhamento dos grupos de operários da área rural, buscando organizar forças, assediar, fazer um enfrentamento diante da situação na qual os carpinteiros estavam sendo envolvidos.

Ao mesmo tempo, na igreja romana acontecia algo muito importante, o Papa João XXIII convocava o Concílio Vaticano II e, neste período, é produzido outro documento fundamental, a Encíclica *Pacem in Terra*; esses dois documentos vieram a referenciar essa forma eclesial de um maior envolvimento no mundo.

No Brasil temos vários projetos de desenvolvimento, entre eles a SUDENE. E grande parcela de trabalhadores migrava para a sede desta Diocese.

Em Campina Grande naquele tempo começou o problema em torno da Fazenda Serrotão que terminou em 67 com o despejo ou fuga de mais ou menos 400 famílias de moradores. Os moradores que tiveram coragem de entrar em uma luta jurídica por indenização tiveram assessoria de uma equipe diocesana de orientação sindical.⁴⁵

Após a revolução militar, “floresceu na Diocese, a JAC (Juventude Agrária Católica)”. “As lideranças jovens formadas naquele tempo seriam o esteio da presença da igreja nas áreas de conflito através da ACR (Ação Católica Rural) e o MER (Movimento de Evangelização Rural), na década posterior.”⁴⁶

Segundo Pe. Rômulo, “a Igreja de Campina Grande soube neste período corresponder às expectativas de uma igreja servidora do irmão mais necessitado. Percebe-se que ainda não se trata dos próprios implicados nos desejos, por exemplo, assumirem a luta pelo menor, nesta ocasião souberam os cristãos leigos e

⁴⁴ LUSTOSA. Oscar Figueiredo – A Igreja Católica no Brasil – República – 1ª edição, SP – Edições Paulinas – 1994, p. 165.

⁴⁵ Relatório de Pe. Cristiano Joostem sobre os problemas da terra na Diocese de Campina Grande p. 03.

⁴⁶ LUSTOSA. Oscar Figueiredo – A Igreja Católica no Brasil – República – 1ª edição, SP – Edições Paulinas – 1994, p 04.

a igreja instituição colocar todo o seu “arsenal” a serviço de quem estava com seus direitos usurpados”.⁴⁷

Em todo o Brasil, a Igreja apóia o Golpe Militar, isso em parte se justifica pela “Marcha acelerada do comunismo para a conquista do poder”.

Em Campina Grande, em contrapartida, o seu terceiro bispo, Dom Manuel Pereira da Costa, natural da cidade de Pocinhos que faz parte dessa diocese, e antes assinara a carta de apoio aos militares, insere-se em um grupo de bispos e provinciais das congregações religiosas do nordeste. Eles elaboraram um documento instituído “Ouvi os clamores do meu povo” em protesto à situação em que vivia a população brasileira sob a égide do Estado da ditadura.

Para o historiador e sacerdote Lustosa “A Igreja oficial começa a abrir os olhos e toma consciência que o governo dos militares tinha ido longe demais na política da coerção e da força contra os direitos mais fundamentais. Por isso, ela recua, discreta e estrategicamente, no seu apoio ao regime militar, ao mesmo tempo que procura discernir melhor as tendências ambíguas de autoridades que se deixaram fascinar e fanatizar pela libertinagem do poder.

“O recuo da Igreja, distanciando-se das diretrizes e medidas governamentais é reforçada pelo comportamento de alguns bispos que se colocam positivamente, a favor dos pobres, dos oprimidos, dos marginalizados”.⁴⁸

O Bispo de Campina Grande, Dom Manuel Pereira da Costa (em 1972), fez ler em todas as igrejas de sua Diocese um protesto porque o Major do exército Antonio de Paulo Câmera lhe havia pedido uma missa em memória da revolução. Ao negar-se o major o insultou, proibiu-o de assistir um ato público e quando o bispo se fez presente o prendeu e o fez voltar à força para sua residência.

Temos, então, esse fato e, a partir da II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, esse acontecimento é marcante para a igreja em todo o mundo, de forma particular na América Latina e Caribe. No Brasil ela toma novo vigor e ardor nas centenas de Dioceses e nos milhares de Paróquias. Vai aos pontos marcantes e luta pelos direitos humanos.

⁴⁷ VIANA, Pe. Rômulo R. A Igreja de Campina Grande e o compromisso com os marginalizados. Campina Grande. Maxgraf; 2009.

⁴⁸ LUSTOSA. Oscar Figueiredo – A Igreja Católica no Brasil – República – 1ª edição, SP – Edições Paulinas – 1994, p 197.

Em Campina Grande houve um esforço a esse movimento de cunho profético: diante do clamor dos pobres, a igreja buscou exercer a capacidade de escutar os clamores e reivindicações dos excluídos, criando a comissão dos direitos dos pobres, logo transformado em comissão de justiça e paz, na qual atuou em defesa da vida dos diversos espaços. Um dos mais conhecidos foi contra um esquadrão da morte profundamente temido na região por nome Mão Branca; temos ainda um trabalho de oposição sindical desenvolvido pelos cristãos ligado à ACR.

“O impacto provocado dentro da esfera eclesial pela dureza, a crueldade da situação econômica do povo brasileiro importou muito nessa ligação Igreja-povo, nesse comprometimento da Igreja. A tragédia econômica social do povo foi crescendo aos olhos da gente. E então o recrudescimento, o agravamento da situação. A miséria crescente vai entrando pelas portas do bispo, do padre, da freira”.⁴⁹

Toda essa realidade foi iluminada pela segunda conferência dos Bispos na América Latina – Medellín, na qual encontramos um período de escutar o clamor, ver sofrimentos e tornarmo-nos próximos dos distantes excluídos e marginalizados de nossa sociedade – toda a condição de miséria e desumanidade latino-americana, levou a Igreja (dioceses, paróquias, comunidades religiosas) do continente a buscar uma proximidade, um acolhimento em vista de: “libertação que significa a transformação da situação de pecado: a fome, a miséria, a opressão, a ignorância”.⁵⁰

Nos vários relatórios das assembleias diocesanas de 1973 a 1980 percebemos, a partir de 1972, a preocupação com o testemunho da caridade, chamada nos relatórios de promoção humana influenciada pelo II plano bienal documento da CNBB – 73-74.

Neste período desenvolveram-se nesta Diocese vários trabalhos: operários, camponeses, sem casa, alfabetização de adultos e jovens, assistências ao menor, caritas diocesana e pastoral da saúde. Fica visível a preocupação em sua ação pastoral com as condições dos empobrecidos e desassistência dos poderes públicos.

⁴⁹ SALEM. Helena – A Igreja dos Oprimidos, 1ª Edição – São Paulo, Ed Paz e Terra: 1982-30.

⁵⁰ TEIXEIRA. Faustino Ivis – A Gênese das CEB's no Brasil – Petrópolis – Rio de Janeiro – Vozes: 1988 p. 73

Temos no relatório da assembleia diocesana de pastoral de 1977 destacado os seguintes pontos:

- a) O da “politização e orientação para um comportamento cristão nas eleições”;
- b) Estudo das leis agrárias e o próprio estatuto da terra;
- c) A preocupação com a promoção da mulher através da chamada habilitação doméstica, no sentido de certa preocupação profissional semelhante àquela que acontecia no Instituto Pax, desenvolvida pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado.

Havia uma preocupação em estar em sintonia com o Concílio Vaticano II e, a partir do final da década de setenta (1978), com as conclusões do Episcopado Latino Americano.⁵¹

Encontramos em outro relatório da Assembleia Diocesana de 1978, compromissos mais definidos, como preocupação com a linha opcional de evangelização na diocese de Campina Grande: “evangelização transformadora da sociedade” tendo como agenda esse período de assembleia de 1978.

- a) Aprofundar as leis trabalhistas em nível de campo e cidade;
- b) A educação política;
- c) O trabalho com a ACR (Ação Católica no meio Rural), hoje animação dos Cristãos do Meio Rural);
- d) MER (Movimento de Evangelização Rural);
- e) CPT (Comissão Pastoral da Terra)
- f) O acompanhamento do Direito dos pobres.

Por sua vez, na Assembleia Diocesana de Pastoral 1980-1981, fica destacada a ação pastoral em nível mundial, tais como MMM (Movimento por um mundo melhor); PPC (Plano Pastoral de Conjunto), PE (Plano de Emergência); Vaticano II (Concílio Ecumênico); são colocados como prioridades, entre outros, o homem e a terra, isto é, os problemas do homem rural e as comunidades eclesiais de base -

⁵¹ Puebla nº 74-79 e a Evangelii Nuntiandi (nº 14 a 19) de Paulo VI

CEBs, e dá continuidade às atividades de moradia-saúde e da comissão de justiça e paz.⁵²

Neste período foram destacadas várias atividades: mini-postos de saúde, a questão da habitação popular, o acompanhamento dos problemas da Wallig Nordeste (Anexo 01, p. 166), dos agricultores de Alagoa Nova, do Esquadrão da Morte (grupo de extermínio denominado mão branca) e o próprio MAF - Movimento de Ajuda Fraternal, serviço da igreja desta diocese às mulheres prostituídas.

Há períodos da diocese de Campina Grande, limitado a algumas ações isoladas de leigos. Isso vai sendo superado e construído num compromisso com os excluídos e marginalizados. A Diocese vai percebendo que deve colocar-se como a voz daqueles que não tem voz. Como instituição crítica da sociedade civil vai se tornando uma igreja com imensa autoridade por sua coragem de denunciar as injustiças e por solidarização com as numerosas vítimas da sociedade desigual.⁵³

No início da década de 80 chegou à Diocese de Campina Grande seu quarto Bispo, Dom Luis Gonzaga Fernandes; esse episcopado foi marcado pelos trabalhos pastorais mais voltados aos problemas sociais. Simultaneamente chegaram a essa diocese as diversas congregações que, aos poucos se inseriram nas periferias da cidade de Campina Grande e, se espalharam, também, nas regiões mais pobres do interior. Havia uma dedicação praticamente exclusiva às populações empobrecidas; não havia muita diferença entre o jeito de viver dos pobres e de seus irmãos das pastorais.

Essas irmãs, mais conhecidas como “Irmãs das pequenas comunidades”, assumiram trabalhar com e para o povo e tomaram a si a função de organizar as comunidades eclesiais de base. Os grupos, geralmente de três ou quatro mulheres consagradas a Deus, saiam a serviço do povo empobrecido, elas eram como pastoras diante de tantas ovelhas e cordeiros esquecidos e abandonados pelos poderes públicos: assim surgiram as CEBs. Entre elas havia as seguintes congregações: Franciscanas de Dillegen, Missionárias de Jesus Crucificado, Sociedade do Sagrado Coração de Jesus, Missionárias Médicas, Missionárias da Conceição da Mãe de Deus, Irmãs Missionárias Carmelitas, Irmãs de Nossa

⁵² Relatório do Encontro de Acompanhamento das CEBs de 1986.

⁵³ Relatório do Encontro de Acompanhamento das CEBs de 1984.

Senhora da Misericórdia, Irmãs da Sagrada Família, Filha de Maria Missionária, Irmãzinhas da Assunção, Franciscanas de Maria Auxiliadora, Dominicanas da Apresentação, *Notre Dame de Namour*, Senna da Caridade. No entanto, não foi com Dom Luis Gonzaga Fernandes que teve início o trabalho das irmãs em pequenas comunidades na diocese de Campina Grande; elas estavam a serviço anteriormente à chegada dele, mas com Dom Luis Gonzaga Fernandes se acentuou a presença dessas “pastoras do povo de Deus”. Vale salientar que, quando da chegada de Dom Luis, já davam passos nesse sentido as irmãs Missionárias de Jesus Crucificado na cidade de Fagundes que fica na área desta Diocese.⁵⁴

Essas mulheres consagradas juntamente com muitos leigos (as), mais alguns sacerdotes, dedicaram e se empenharam nos trabalhos de colaboração para implantação e o crescimento das comunidades eclesiais de base (CEBs), através de um caminho educativo, iluminados pela sagrada escritura.

Temos uma igreja com a qual os leigos estão comprometidos:

- a) Assumem com disposição o serviço de apoio ao “povo pobre e oprimido, sofrido de nossas CEBs (e animados para) colaborar com ação dos cristãos conscientes na transformação da sociedade”;
- b) Estão “sensibilizados para atender às famílias desabrigadas pelas chuvas e para dar acolhida aos maiores necessitados das comunidades”.
- c) Estão preocupados, cada vez mais, com a ação pastoral nos becos”.

Temos uma Igreja na qual os seus jovens “estão dispostos a dar presença na luta pela terra.”

Diante do sofrimento humano através da miséria, a igreja diocesana vai tomando cada vez mais consciência em relação às urgências da pauta do povo que sofre; ainda que suas atitudes sejam um compromisso mais assistencial e paliativo diante a realidade de exclusão e empobrecimento, a igreja diocesana busca ser presença e toma a opção preferencial pelos pobres.

No ano de 1986, tempo de um importante momento da igreja, isso aconteceu com os plenarinhos e com a presença nos movimentos sociais foram de grande

⁵⁴ Encontro de Acompanhamento das CEBs de 1984.

relevância a reflexão de cunho mais crítico em torno da sociedade brasileira, mais principalmente no tocante às leis.⁵⁵

O objetivo desse trabalho foi chegar à leis que favorecessem a organização da sociedade brasileira na qual os direitos mais elementares da população pudessem ser respeitados. Esse foi um trabalho de assessoria, com o empenho de fazer valer os direitos humanos; com isso, subjaz acolher um ponto maior de direitos e necessidades do que aqueles que impulsionavam as práticas dos juristas durante a ditadura militar. Faziam parte destas reivindicações o direito a um julgamento diante do tribunal competente, é o direito à habitação condigna, ao salário justo, à alimentação, à saúde, à educação e tantas outras, pois mais de 70% da população tinha estes direitos violentados, quando não negados, a grande miséria era contrastada com a abundância das riquezas: uma verdadeira injustiça institucionalizada e legalizada.

A diocese de Campina Grande buscou responder aos grandes desafios visíveis na sociedade. No ano de 1983, as CEBs que aqui estavam em formação como também em todo o país – refletiam no seu “5º Encontro Intereclesial Nacional de CEBs, a representação do povo unido, semente de uma nova sociedade”, ficando claro a busca de uma nova ordem social que pudesse superar a realidade da ditadura militar.

Três anos depois, em 1986, em preparação para o 6º Intereclesial Nacional de CEBs, o tema trabalhado era: “A Igreja povo de Deus em busca da terra prometida”, temos como destaque um número bem maior de CEBs que se reunia na diocese e estava evoluindo na reflexão e no compromisso com os diversos movimentos de cunho popular que resistiam na luta pela terra, pela reforma agrária. Nos três próximos anos a igreja de Campina Grande, principalmente 1988-1991, buscou e teve maior dedicação e aprofundamento no estudo dos grandes desafios pelos quais os cristãos se deparavam tanto no Brasil, como na América Latina e Caribe. Em nova perspectiva, buscando fazer um caminho de libertação somando todas as forças vivas da sociedade, foram empenhadas na busca das inovações e transformações sociais, preservando os valores culturais de cada povo. Toma consciência da realidade e decodifica no todo um sistema gerador de pobreza e

⁵⁵ CNBB – A sociedade brasileira e os desafios pastorais – propostas de ação de 1990 p. 68.

exclusão que se insere nas lutas populares: “gente simples falando em assembléias, analisando problemas, indo às suas causas, gente valente que tem na palavra de Deus a luz de seus caminhos, que resiste na participação de greves e que luta contra injustiças”. Temos aí uma pequena prática libertadora nos empobrecidos e marginalizados, são eles os sujeitos desta luta por justiça e direito. Essa nova realidade deixa para trás as práticas eclesiais, nas quais agentes de pastorais (padres, bispos e leigos) ocupavam esse espaço de libertação dos pobres. Com as comunidades eclesiais de base, temos um lugar de ocupação viva e dinâmica do povo e um ensaio de participação e diálogo seja na igreja, seja na sociedade. “O povo dos oprimidos, deve tornar-se senhor da sociedade civil, participando dos partidos políticos, movimentos populares, sindicatos, na igreja, participando do poder da igreja, tomando conta da palavra de Deus, da celebração da organização”, afirma Dom Luis Fernandes.⁵⁶

A Diocese de Campina Grande estava marcada de forma diversa na luta pela justiça contra a miséria, o pobre e a injustiça. A luta acontece de diversas formas no aprendizado dos evangelhos, na espiritualidade encarnada e libertadora, buscando contribuir na libertação do povo: “Os cristãos devem se comprometer mais, participar das associações, sindicatos, mas não pode ser a igreja quem controla, nem decide, nem quem conduz o processo popular”. Temos muitos cristãos comprometidos participando da marcha da fome de 1984, que começaram a sentir e participar das Sabs – Sociedades de Amigos de Bairros que geralmente são inativas.

O coordenador da pastoral da diocese, no encontro dos agentes de CEBs no ano de 1984 já lembrava: “A Igreja tem um lugar na transformação da sociedade, isto depende de nós, depende de nosso papel... nosso papel deve ser: informar, divulgar, discutir, questionar, participar das associações sem querer ter hegemonia, isto é, sem querer controlar sem querer decidir o rumo a ser tomado, temos que evitar o erro da igreja da cristandade, não falar pelo povo, mas vamos ajudar o povo a falar”.⁵⁷

No final da década de setenta e início dos anos 80 o Brasil vive um processo de abertura política, com o Presidente Geisel – 1974-1978, fortalecido com o presidente Figueiredo em 1979, o que possibilitou uma reativação das instituições da

⁵⁶ Relatório do Encontro de Acompanhamento das CEBs, 1986.

⁵⁷ Relatório do Encontro de Acompanhamento das CEBs, 1985.

sociedade civil que se expressava no surgimento do partido dos trabalhadores, de sindicatos combativos e de movimento populares. A igreja, agora não era a única voz dos sem voz, nem o único espaço no qual as forças populares poderiam se aglomerar e se expressar – ser protesto ao sistema vigente.⁵⁸

Com a chegada de Dom Luis, a igreja vai deixando a postura de uma igreja tutora dos pobres, assumindo uma postura mais próxima a eles e mais solidária, com seus dramas, suas lutas e esforços diante das dificuldades do dia-a-dia, seca, desemprego, violência, segurança, habitação, juventude e outros temas na pauta dos empobrecidos. Presencia essa população um processo tornando-se protagonista de sua história. Essa igreja é solidária, próxima às populações de risco e ao mesmo tempo libertadora dos pobres.

Todo este caminho da igreja no Brasil – e principalmente na Diocese de Campina Grande – tinha como objetivo um profetismo de anúncio e denúncia, anúncio cheio de esperança e fé através da mística da Palavra de Deus, nas Sagradas Escrituras e denúncia da forma como se encontrava o povo em nossa sociedade. A Diocese empenha-se e preocupa-se denunciando o pecado pessoal e social, buscando promover a justiça na busca da sociedade mais justa e solidária. Ao denunciar o pecado pessoal e social acode, pelo meio de suas conseqüências: a ganância, egoísmo, ausência de alimentos para os mais pobres, grande maioria da população, desemprego, injustiça institucionalizada, corrupção pública, questão ambiental, migração, êxodo rural, questões da saúde, educação, fome, latifúndio, marginalização do menor, população em risco, questão da mulher, a condição do negro, a falta de comunicação fraterna entre as pessoas, a manipulação dos meios de comunicação social, a falta de políticas públicas para o semi-árido, falta de políticas para os jovens, moradia, temos a má condição na vida e dignidade do povo.

Temos uma igreja diocesana atenta ao clamor dos que sofrem e injustiçados pelos poderes dominantes, buscando a justiça para “expressar a dimensão social da caridade, como serviço (diaconia) de solidariedade efetiva, seja pela conscientização dos direitos e deveres da pessoa humana, seja pelo futuro das gerações e o futuro planetário buscando beneficiar a todos e toda a vida.”⁵⁹

⁵⁸ Relatório da Assembléia dos Jovens de 1985

⁵⁹ Vide nota de rodapé nº 47 desta monografia

III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: o encontro com a teoria das Representações Sociais

Aos pioneiros – por amor muito humano
aos temerários – perdoam-se sempre duas
coisas: o ousar e o errar.

(Ruth Guimarães, 1995)

As representações sociais, para Moscovici, são sustentadas pelas influências sociais da comunicação entre as pessoas, constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e soem ser o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros.

Segundo Serge Moscovici – diversas ciências estudam as formas pelas quais as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. No entanto, está no âmbito da psicologia social estudar e interpretar como as pessoas se relacionam e como partilham e representam esse conhecimento e as diferentes formas como partilham o conhecimento e constituem sua realidade comum, e o modo como as pessoas transformam idéias em práticas – vale dizer, o poder das idéias – é o problema específico das representações sociais. (Moscovici – 2003 p. 164)

A Psicologia Social nos permite entender que o conhecimento não é uma simples descrição ou cópia de um estado de coisas. De fato, o conhecimento sempre é produzido através de interação e expressão e, dessa forma, sempre está ligado aos interesses humanos nele implicados. O conhecimento não é eterno, ele surge da realidade das pessoas em seu tempo e espaço e através dele é que as pessoas interagem. O conhecimento surge das paixões humanas, bem por isso, jamais ele é desinteressado; ademais o conhecimento é o produto de um grupo específico de membros, em circunstâncias específicas e em projetos definidos. O interesse dessa ciência do conhecimento alia-se ao interesse dos processos através dos quais o conhecimento é gerado, transformado e projetado no mundo social.

A psicologia social aborda as relações entre os membros de um grupo social, portanto, constitui o limiar entre a psicologia e a sociologia e busca compreender como o homem se comporta em suas interações sociais. No entanto, no dizer de Ana Lúcia Santana, (<http://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-social/>) a comparação entre a Psicologia Social e a Sociologia não é algo assim tão simples pois essas duas

ciências constituem campos independentes, que partem de ângulos teóricos diversos. Bem por isso existe uma distância considerável entre as duas, porque a psicologia destaca o aspecto individual e a sociologia se atém à esfera social. O papel da psicologia social é revelar os graus de conexão existentes entre o ser e a sociedade à qual ele pertence, desconstruindo a imagem de um indivíduo oposto ao grupo social. Ela parte do postulado básico que as pessoas, por mais diversificadas que sejam, apresentam socialmente um comportamento distinto do que expressariam se estivessem isoladas, pois imersas na massa elas se encontram imbuídas de uma mente coletiva. É esta instância que as leva a agir de uma forma diferente da que assumiriam individualmente. Este ponto de vista é desenvolvido pelo cientista social Gustave Le Bon, em sua obra *Psicologia das Multidões*. A psicologia social também estuda o condicionamento⁶⁰ – processo pelo qual uma resposta é provocada por um estímulo, um objeto ou um contexto, distinta da réplica original – que os mecanismos mentais conferem à esfera social humana, enquanto por sua vez a vivência em sociedade igualmente interfere nos padrões de pensamento do Homem.

No entender de Serge Moscovici as representações sociais são compreendidas como quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam, através de uma palavra, de um gesto ou de uma reunião cotidiana. Elas utilizam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas respondem de um lado à substância simbólica que entra em sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância do mesmo modo como a ciência ou o mito

⁶⁰ O conceito de Condicionamento Operante foi criado pelo psicólogo Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Skinner conduziu trabalhos pioneiros em Psicologia Experimental e foi o proponente do Behaviorismo Radical, abordagem que busca entender o comportamento em função das inter-relações entre a filogenética, o ambiente cultural e a história de vida do indivíduo. A base do trabalho de Skinner refere-se à compreensão do comportamento humano através do comportamento operante (Skinner dizia que o seu interesse era em compreender o comportamento humano e não manipulá-lo).

O Condicionamento Operante diz respeito ao procedimento através do qual é modelada uma resposta (ação) no organismo através de reforço diferencial e aproximações sucessivas. Um determinado estímulo produz uma resposta ou gera uma consequência e esta consequência afeta a sua probabilidade de ocorrer novamente: se a consequência for positivamente reforçadora, aumenta a probabilidade de ser repetida; se for punitiva, ou negativamente reforçada, além de diminuir a probabilidade de sua ocorrência futura, gera outros efeitos colaterais. Este tipo de comportamento que tem como consequência um estímulo que afeta sua frequência é chamado "Comportamento Operante". O comportamento operante é modelado a partir de nosso repertório inato. As respostas que gerem mais reforço, em média, tendem a aumentar de frequência e se estabelecer no repertório, ou seja, em um contexto semelhante tendem a ser novamente emitidas. O tipo de consequência que aumenta a probabilidade de ocorrência da mesma função de resposta em contextos semelhantes é denominado reforço. O reforço pode ser positivo, quando há a adição de um estímulo no ambiente que resulte no aumento da frequência da resposta que o gerou; ou negativo, quando a resposta emitida remove algum estímulo aversivo, ou seja, que a pessoa tende a evitar, do ambiente. [pt.wikipedia.org/wiki/ Condicionamento_operante](http://pt.wikipedia.org/wiki/Condicionamento_operante). Esse ramo da psicologia pesquisa, assim, as relações sociais, a dependência recíproca entre as pessoas e o encontro social. Estas investigações teóricas tornaram-se mais profundas ao longo da Segunda Guerra Mundial, com a contribuição de Kurt Lewin, (1890-1947) hoje concebido por muitos pesquisadores como o criador da Psicologia Social. Foi o psicólogo que deixou a herança mais importante para o movimento das Ciências do Comportamento. d.org/thinkers/et-lewin.htm

correspondem a uma prática científica ou mítica. O que é mito e o que difere a prática científica da prática mítica?

Segundo Ruth Guimarães (1995) – tal como aconteceu com os povos primitivos, devido ao espírito de religiosidade que é inato no ser humano – a revelação do divino também foi feita aos gregos através da natureza. Os primeiros deuses são fruto do seu contato com as forças da natureza eminentemente ligadas à água. Assim eles tiveram: as ninfas das fontes; as náides das águas correntes; as danáiades condenadas eternamente ao trabalho de encher com água um tonel sem fundo; tiveram os deuses do mar; as sereias, Alfeu, deus dos rios; Poseidon, o rei do mar e sua esposa Anfritite, a deusa do mar. Mas tiveram, também, as dríades das árvores, a aréades das montanhas; para eles sol, lua e estrelas, dia, noite, vento – todos eram deuses. A força da mitologia grega está no fato de a revelação do divino lhes ter sido feita pelo belo na interpretação da natureza e do pensamento do homem.

A primeira forma de diálogo eu-tu do homem com a natureza ou do homem com seus deuses foi em forma de histórias, isto é de mitos. É de conhecimento geral que, no sentido mais elementar, o mito ou fábula é o conto ou a narração fantástica, na qual deuses e semideuses ou heróis divinizados, têm papel predominante.

Em seu primeiro estágio, os mitos são populares e anônimos, mas os sucessivos narradores que os mantêm vivos na tradição, acabam por lhes dar movimento e variedade; bem por isso, são inúmeras as variantes, os acréscimos, as contaminações, porque o mito é coisa viva, afinal ele cresce, viceja, mas nem sempre morre. Os mitos pertencem a três grupos. Os mais numerosos e antigos dizem respeito aos fenômenos da natureza, portanto são os cosmogônicos, os meteorológicos e versam sobre a água, o fogo, a morte e a origem dos homens. A seguir vêm os mitos que contam as histórias dos deuses, logo, já supõem uma religião organizada e distante das origens. O último grupo diz respeito ao ciclo dos heróis civilizadores e, geralmente, são compostos por fatos históricos deturpados. O culto dos heróis, tal como dele temos notícia, apresenta certa analogia com o culto dos santos do cristianismo, mais especificamente, do catolicismo romano. Vale ressaltar que pelo fato de os mitos não possuírem nem dogmas nem ritos, não constituem religião.

O termo mito, segundo Houaiss (2001) possui as seguintes conotações:

1. Relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia. Ex. lendas dos índios do Xingu, mitos da Grécia antiga como Poseidon, Narciso;
2. Narrativa acerca dos tempos heróicos, que geralmente guarda um fundo de verdade; os argonautas, o velocino de ouro;
3. Em Antropologia é o relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social etc. Ex. criação do mundo;
4. Representação de fatos e/ou personagens históricas, freqüentemente deformadas, amplificadas através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas. Ex. o mito em torno de Tiradentes;
5. Exposição alegórica de uma idéia qualquer, de uma doutrina ou teoria filosófica; fábula, alegoria Ex. a teoria da utopia, de More, o mito da caverna de Platão;
6. Derivação: sentido figurado: construção mental de algo idealizado, sem comprovação prática; idéia, estereótipo. Ex. o detetive infalível; o bom selvagem;
7. Representação idealizada do estado da humanidade, no passado ou no futuro... o paraíso terrestre segundo Nostradamus;
8. Valor social ou moral questionável, porém decisivo para o comportamento dos grupos humanos em determinada época. Ex. o negro de alma branca; a virgindade;
9. Afirmação fantasiosa, inverídica, que é disseminada com fins de dominação, difamatórios, propagandísticos, como guerra psicológica ou ideológica; o comunista que come criancinhas, a inferioridade mental dos negros;
10. Afirmação ou narrativa inverídica, inventada, que é sintoma de distúrbio mental; fabulação; a idéia de que a pessoa está sendo perseguida.

As interações humanas, em última palavra, são representações que acontecem entre duas pessoas ou entre dois grupos. A realidade das representações não é fácil de ser compreendida, porém, em contraponto o conceito das representações é facilmente compreendido. Há muitas e boas razões para tanto. Em sua maioria, elas são históricas e, por esse motivo, nós devemos encarregar os historiadores da tarefa de descobri-las. As razões não históricas podem todas ser reduzidas a uma única série de conceitos sociológicos e a uma série de conceitos psicológicos. Nesta encruzilhada é que temos que nos situar. O caminho, certamente, pode representar algo quanto a isso, mas nós não podemos ver outra maneira de libertar tal conceito do seu glorioso passado, de revitalizá-lo e de compreender sua especificidade. (Moscovici, S.– 1976: 40-41)

É importante lembrar que, para Moscovici, o centro dessa discussão está no reconhecimento da existência de representações sociais. Muitos indivíduos, além de crerem na ciência, na arte, na religião, ainda crêem no mito como forma de conhecimento. Em nosso tempo, as representações são reconhecidas como um conceito.

O Dicionário Houaiss, (2001), entre outros assim define representações na Filosofia e Psicologia:

Em Filosofia: operação pela qual a mente tem presente em si mesma a imagem, a idéia ou o conceito que correspondem a um objeto que se encontra fora da consciência, qualidade necessária, fundamental.

Em Psicologia: imagem intencionalmente chamada à consciência e mais ou menos completa de um objeto qualquer ou de um acontecimento anteriormente percebido.

Segundo Houaiss (2001), conceito é:

“1 – tudo o que se observa na natureza; 2. fato ou evento de interesse científico, que pode ser descrito e explicado cientificamente; 3 apreensão ilusória de um objeto, captado pela sensibilidade ou também reconhecido de maneira irrefletida pela consciência imediata, ambas incapazes de alcançar intelectualmente a sua essência; 4. o objeto do conhecimento não em si mesmo, mas sempre na relação que estabelece com o sujeito humano que o conhece, e portanto captado segundo a perspectiva das formas a priori de intuição (espaço e tempo) e categorias inatas do intelecto *obs.: por oposição a número*, 5. fato ou acontecimento raro e surpreendente, prodígio, maravilha; 6 . ser ou objeto com algo de anormal ou extraordinário; 7. Indivíduo extraordinariamente dotado Ex.: ele é um fato em matemática” e não por um conceito.

O conceito, segundo HOUAISS, pode ser assim definido:

1. Faculdade intelectual e cognoscitiva do ser humano; mente, espírito, pensamento Ex.: isso não entra no meu conceito;
2. Compreensão que alguém tem de uma palavra; noção, concepção, idéia. Ex.: seu conceito de moral é antiquado;
3. Opinião, ponto de vista, convicção. Ex.: em seu conceito, qual é o melhor dos dois?
4. Dito original e engenhoso; ditado, máxima, sentença. Ex.: verdadeiro conselheiro Acácio nacional, só fala por conceitos;
5. Conclusão moral de um conto ou afim; moral;
6. Idéia ou dito conciso; resumo, conceituação. Ex.: sintetizou naquele conceito toda a alma brasileira;

7. Reputação de que goza uma pessoa por parte do grupo no qual trabalha ou com o qual convive, ou do público, da sociedade etc.; fama. Ex.: não goza de bom conceito no trabalho.

8. Em algumas escolas e faculdades, sistema de avaliação simplificada do aproveitamento e/ou da conduta dos alunos, geralmente expresso pelas cinco primeiras letras do alfabeto; nota Ex.: só tira c;

9. Representação mental de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade;

9.1. Segundo a tradição racionalista da filosofia ocidental, de Platão (427-348 a.C.) a Hegel (1770-1831), a manifestação da essência ou substância do mundo real;

9.2. Segundo uma tradição que atravessa o *estoicismo* grego, o *nominalismo* medieval e o *empirismo* moderno, um signo ou representação lingüística que mantém uma relação signficacional – não ontológica – com os objetos do conhecimento;

10. Noção abstrata contida nas palavras de uma língua para designar, de modo generalizado e, de certa forma, estável, as propriedades e características de uma classe de seres, objetos ou entidades abstratas Um conceito possui: *extensão*, que é o número de elementos da classe em questão (o conceito de 'animal' tem maior extensão do que o de 'vertebrado'); e *compreensão*, que é o conjunto dos caracteres que constituem a definição ('vertebrado', que não inclui todos os animais, tem compreensão mais detalhada do que 'animal');

11. Em certas charadas, nos logogrifos etc., palavra, expressão ou frase que propicia a sua chave ('solução').

As representações sociais constituem o modo pelo qual a cultura busca dar sentido à ausência de sentidos, busca algum tipo de trabalho representacional para tornar-se conhecido ou desconhecido – para familiarizar-se ou não familiarizar-se – e, com isso, estabelece um sentido de estabilidade.

A este respeito, Moscovici diz:

“As divisões de sentido, porém ocorrem de muitos modos, podem ser muito dramáticas como nós vimos ao assistir a queda do muro de Berlim e sentimos as estruturas de sentidos que mantiveram uma visão estabelecida do mundo, desde o fim da guerra fria, evaporarem, ou de novo, quando a aparição súbita de um fenômeno ameaçador tal como HIV/ AIDS, pode oferecer numa oportunidade para um trabalho representacional. Mas freqüentemente, as representações sociais emergem, de ponto duradouro de conflitos dentro das estruturas representacionais da própria estrutura por exemplo. Na tensão entre o reconhecimento formal da universidade dos direitos do homem e sua negação a grupos específicos dentro da sociedade. As leis que tais fatos acarretaram foram também lutas para novas formas de representações.” (*op. cit.* p, 46)

Podemos observar que o fenômeno das representações, por sua vez, está conectado aos processos sociais explicados com diferenças na sociedade. Moscovici sugeriu que as representações sociais são a forma de criação coletiva, em condições de modernidade, uma formulação implicando sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente. (DUVEEN apud MOSCOVICI, 2004, p. 16).

“Na teoria da representação social o próprio conceito de representação possuiu um sentido mais dinâmico, referindo-se tanto ao processo pelo qual as representações são elaboradas, como às estruturas de conhecimento que são estabelecidas” (Moscovici, S. 2003, p. 16)

Para Gerard Duveen, apud Moscovici:

“O propósito de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar. A finalidade é sempre um processo construtivo de ancoragem e objetivação, através do qual o não familiar passa a ocupar um lugar dentro de nossa família. Mas a mesma operação que constrói um objeto dessa maneira é também construtiva ao sujeito (A construção correlativa do sujeito e objeto na dialética do conhecimento foi também um traço característico da psicologia genética de Jean Piaget e do estruturalismo genético de Lucien Goldmann). As representações sociais emergem, não apenas como um modo de compreender um objeto particular, mas também como uma forma em que o sujeito (indivíduo ou grupo) adquire uma capacidade de definição, uma função de identidade que é uma das maneiras como as representações expressam um valor simbólico”. (Moscovici, S. 2002, p. 20)

O ato da representação é um meio de transferir o que nos perturba, o que ameaça o nosso universo; transferência essa do exterior para o interior do longínquo para o próximo. A transferência é efetivada pela separação de conceitos e percepções normalmente interligados e por sua colaboração em um contexto no qual o incomum torna-se comum.

A representação social é definida por Moscovici como:

“Um sistema de valores, idéias e práticas que possibilitará as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilita que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade. Fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidades, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social” (*op.cit.* pp. 20-24)

Para Moscovici as representações sociais servem para familiarizar o não familiar. Desta forma, as primeiras tarefas de um estudo científicam que a meta das representações é tornar o familiar não familiar para que possa ser compreendido

como fenômeno e descrito através de técnicas metodológicas que possam ser adequadas a várias circunstâncias específicas.

O ato de descrever, claro, nunca é independente das teorizações sociais e fornece o referencial interpretativo tanto para tornar as representações visíveis, como para torná-las inteligíveis como formas de participação social.

Podemos entender que as representações têm duas funções:

“Em primeiro lugar, elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos, que encontram, elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Assim nós passamos a afirmar que a Terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha, inflação com decréscimo do valor do dinheiro.

As representações constituem para nós um tipo de realidade mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. (*op. cit.* p. 25) Em segundo lugar, “representações são prescritas, isto é, elas se impõem sobre nós como uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado”. (*op. cit.* p. 34)

Toda pessoa busca interação, seja entre dois indivíduos ou entre dois grupos; interações que pressupõem a presença das representações. Entendemos que o mais importante nisto é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade e assim são criadas internamente, mentalmente; com isso, o processo coletivo penetra como fator determinante, dentro do pensamento individual.

Para estudar as representações sociais, nós estudamos o ser humano, enquanto ele faz perguntas e procura respostas ou pensa, e não enquanto ele procura informações ou se comporta. Mais precisamente, seu objeto não é comportar-se, mas compreender.

Para Moscovici:

“As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa em algum ponto entre conceito,

que tem como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções que reproduzam o mundo de uma forma significativa. Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representações = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala a toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem” (*op. cit.* p 46)

Reafirmando, a teoria das representações sociais do Moscovici tem como objetivo tornar o não familiar, familiar. As representações revelam aspectos específicos de nossa sociedade. Somos capazes de nos questionar: por que nós criamos essas representações? Em nossa razão de criá-las, o que explica sua propriedade cognitiva? Essas são questões propostas pelo autor. Nelas ele levanta as seguintes hipóteses:

A hipótese da desiderabilidade isso significa, alguém, um indivíduo, ou grupo busca criar imagens, construir sentenças que irão tanto revelar, como ocultar suas intenções, sendo essas imagens e sentenças distorções subjetivas de uma realidade objetiva.

Outra é a hipótese do desequilíbrio, isto é, todas as ideologias, todas as concepções de mundo são meios para solucionar tensões psíquicas ou emocionais, devido ao fracasso ou à falta de interação social. São, portanto compensações imaginárias que teriam a finalidade de restaurar um grau de estabilidade interna e, por último, temos a hipótese do controle, isto é, os grupos criam representações para suprir a informação que provem do meio ambiente e com essa imagem controlam o comportamento individual.

“Elas funcionam, pois, como uma espécie de manipulação do pensamento e da estrutura da realidade semelhantes, aqueles métodos de controle comportamental” e propaganda que exercem uma coerção forçada em todos aqueles a quem estão dirigidos (*op. cit.* p 54).

O objetivo de Moscovici é dizer que os universos consensuais são aqueles locais nos quais todos querem se sentir em casa, a salvo de qualquer risco ou conflito, busca confirmar as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição. O desejo é que sempre aconteçam sempre de novo as mesmas situações, gestos, idéias. A mudança como tal, somente é percebida e aceita desde que ela apresente um tipo de vivência e evite o murchar do diálogo, sob o peso da repetição. Em seu todo a dinâmica das relações é uma dinâmica da familiarização, na qual os objetos, as pessoas e acontecimentos são percebidos e

compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. Como resultado disso:

“a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a realidade”. Aceitar e compreender o que é familiar, crescer acostumado a isso e construir um hábito a partir disso, é uma coisa, mas é outra coisa, completamente diferente preferir isso, como um padrão de referência e medir tudo o que acontece e tudo o que é percebido, em relação a isso. Pois, nesse caso, nós simplesmente não registramos o que tipifica uma pessoa “responsável”, uma mãe, um complexo de Édipo etc. Mas essa consciência é usada também como um critério para avaliar o que é incomum, anormal e assim por diante ou em outras palavras, o que não é familiar” (*op. cit.* p 55).

As representações sociais que são produzidas buscam sempre o objetivo constante de tornar familiar, comum e real aquilo que é incomum, ou seja, aquilo que é desconhecido e distante. Temos a possibilidade de fazer conhecido e próximo. Para que através das representações nós superemos o problema e o integremos em nosso mundo mental e físico onde é enriquecido e transformado. O processo leva ao que parecia abstrato, torna-se concreto e quase normal. Porém, para Moscovici, ao criar as representações não estamos sempre mais ou menos conscientes de nossas intenções, pois as imagens e idéias com as quais nós compreendemos o não usual (incomum) apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecemos e com o qual já estamos familiarizados há tempo e que, por isso, nos dá uma impressão segura de algo “já visto” (*déjà vu*) e “já conhecido” (*déjà connu*) (*op. cit.* p 58).

III.1. Ancoragem e objetivação: processos que geram representações sociais

Ao utilizar essa teoria, é necessário trabalhar um par de conceitos que facilitam a análise e apreensão da representação. Dois conceitos, o de ancoragem e o de objetividade que possibilitam explicar a dinâmica das representações sociais e perceber como eles estabelecem a possível contradição entre as explicações científicas e o senso comum, ou seja, entre o universo do consenso e o universo retificado. Como compreender melhor esse fato, a partir de Moscovici?

Para Moscovici, as representações sociais orientam os atores sociais porque organizam, classificam e ordenam o mundo e as pessoas e grupos criam

representações no discurso da comunicação e da compreensão (Moscovici 2003, p. 41)

“É importante explicar a forma como utilizaremos os dois pares de conceitos acima referidos. No primeiro buscamos situar pontes cruciais da teoria e as representações sociais compõem uma ‘atmosfera em relação ao indivíduo ou grupo social’” (Moscovici 2003, p 55).

O autor da Teoria das Representações dá grande importância à compreensão de ancoragem e objetivação. Por meio da ancoragem, os indivíduos, ou pessoas, desenvolvem uma “forma” instrumental na qual as idéias estranhas são reelaboradas, simplificadas, para serem integradas a um contexto familiar.

Segundo Moscovici uma idéia de não familiarização com a realidade, acaba por se tornar a verdadeira essência da realidade, ou seja, essa representação torna-se a realidade da representação, adquire concretude, isto é torna-se real, adquire materialidade. A materialização de uma abstração é um dos processos mais intensos do pensamento e da fala. A representação adquire então imagem, temos uma estabilização e solidificação da representação.

Porém isto não é incerto/isento de mudança no universo consensual das representações sociais; ao contrário, existe uma dinâmica nas mudanças subseqüentes, porquanto Moscovici explica: *“tais mudanças acontecem durante a transmissão de referenciais familiares que respondem gradualmente ao que foi recentemente aceito, do mesmo modo que o leito do rio é gradualmente modificado pelas águas que correm entre as margens.” (Moscovici 2003, p. 73)*

Esse pesquisador refere a existência de diferenças entre o universo consensual e o universo redificado, diferenças essas difíceis de explicar, porém mais fáceis de serem percebidas uma vez que esses dois universos se unificam, vale dizer, são compostos. O primeiro deles, é o do senso comum, no qual “brotam” constantemente as representações sociais – neste universo existe a voz humana e, por isso, todos podem opinar, discutir – enfim, conversar. “Este motivo é profundo” ele assinala (Moscovici 2003, p 51). Afinal, é possível ao autor e ao leitor dizerem: a voz humana é a base da sociabilidade.

Ao estudarmos as representações sociais somos desafiados a continuamente procurar desvelar a identidade do não-familiar, o que caracteriza esse não-familiar que motivou, provocou e que a pessoa absorveu. Porém é necessário que o desenvolvimento de tal característica seja observado no momento exato em que ela emerge no contexto social.

Quando falamos da teoria das representações se faz importante lembrar que ela leva a duas conseqüências: na primeira, ela vai excluir a idéia de pensamento ou percepção que não possuía ancoragem.

“Ancoragem é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase como uma âncora num bote perdido em dois boxes (pontos sinalizados) de nosso espaço social... Ancorar é, pois classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. (Moscovici, S. 2003 pp 61-62).

Para Moscovici isso vai dar a idéia do assim chamado viés no pensamento ou percepção, ou seja, temos todo o sistema de classificações e de relações entre sistemas e isso pressupõe uma posição específica, um ponto de vista baseado no consenso.

O outro passo, o espaço do sistema de classificação e de nomeação (classificar ou dar nomes) não é apenas meio de guardar e de rotular pessoas ou objetos entendidos como entidades discretas. O que se faz mais importante é facilitar a interpretação de características e compreender as intenções e motivos subjacentes. As ações das pessoas, na realidade, são formadoras de opiniões.

A ancoragem e a objetivação são dois processos que geram representações sociais. Para Moscovici:

“Objetivação une idéia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível. Sob esse aspecto, estamos legitimados ao afirmar com Levin, que toda representação torna real – realiza, no sentido próprio do termo, um nível diferente da realidade. Esses níveis são criados e mantidos pela coletividade e se esvaem com ela, não tendo existência por si mesmos; por exemplo: o nível sobrenatural que em certo tempo era quase onipresente, é agora praticamente

inexistente. Entre a ilusão total e a realidade total existe uma infinidade de graduações que devem ser levadas em consideração, pois nós as criamos, mas a ilusão e a realidade são conseguidas exatamente do mesmo modo. A materialização de uma abstração é uma das características mais misteriosas, do pensamento e da fala. Autoridades políticas e intelectuais, de todas as espécies, a exploram com a finalidade de sub julgar as massas.

“Em outras palavras, tal autoridade está fundamentada na arte de transformar uma representação na realidade da representação, transformar a palavra que substitui a coisa na coisa que substitui a palavra” (Moscovici, S. 2003, p. 71).

Esse segundo processo, que gera representação, pode ser entendido como objetivar, logo é descobrir a qualidade icônica de uma idéia ou de ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem, que podemos entender; como comparar e já representar, preencher o que está naturalmente vazio, com substância. Um exemplo comparar Deus como Pai, então o que era invisível, a partir de então instantaneamente, em nossas mentes se torna visível como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal.

III₂. Causalidade de direita e de esquerda

Moscovici assim se posiciona quanto à questão da objetivação:

“O modelo de toda aprendizagem, em nossa sociedade é a ciência da física matemática, ou a ciência dos objetos qualificáveis, mensuráveis. Desde que o conteúdo científico mesmo de uma ciência do homem ou da vida, pressuponha esse tipo de realidade, todos os seres aos quais ela se refere são concebidos de acordo com tal modelo. Sendo que a ciência se refere a órgãos físicos e a psicanálise é uma ciência, então o inconsciente, por exemplo, ou um complexo, serão vistos como órgãos do sistema físico desse modo, um complexo poderá ser amputado, desenhado ao que é inerte, o subjetivo ao objetivo e o psicológico ao biológico a cada cultura possui seus próprios instrumentos para transformar suas representações em realidades.

Nenhuma cultura, contudo possui um instrumento único, exclusivo. E devido ao fato de que o nosso instrumento está relacionado com os objetos, ele nos encoraja a objetivar tudo o que encontramos. Nós personificamos indiscriminadamente sentimentos, classes sociais, os grandes poderes e quando nós escrevemos, personificamos a cultura, pois é a própria linguagem que nos possibilita fazer isso” Moscovici (2001) – pp 75-76.

Pelo fato de o ser humano ter tendência em objetivar, é possível haver melhor compreensão dos fenômenos. Ao analisar os fenômenos sociais em sua diferenciação, Moscovici faz referência à adoração de um herói, à personificação das nações, de etnias, de classes etc. Porém, cada estudo de caso implica uma representação social que transforma palavra em carne, idéia em poderes naturais, nações ou linguagem humana em uma linguagem de coisas.

“Nossas representações tornam o não-familiar em algo familiar. O que é uma maneira diferente de dizer que elas dependem da memória. A solidez de memória impede de sofrer modificações súbitas, de um lado e de outro, fornecer-lhes certa dose de independência dos acontecimentos atuais, exatamente como uma riqueza acumulada nos protege de uma situação de penúria” (*op.cit.* p.78)

Através das vivências e memórias comuns formamos as imagens, linguagem e gestos necessários e nesse processo superamos o não-familiar e o transformamos em ansiedade. As vivências e memórias não são mortas, elas são dinâmicas e imortais. Ancoragem e objetivação são maneiras que temos para lidar com a memória. A ancoragem coloca a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro. Isto acontece porque ela está constantemente colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com o nome. Já a objetivação é diferenciada para fora, extrai conceitos e imagens buscando juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior. Buscando tornar as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

Acertadamente, Farr (1977) reportou a existência de uma relação entre a maneira como nós concebemos algo para nós mesmos e o modo como a descrevemos:

O que busca a teoria das representações sociais? Para Moscovici:

“Toma, como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda a sua estranheza e imprevisibilidade. O seu objetivo é descobrir como os indivíduos podem construir um mundo, estável, previsível, a partir de tal diversidade” (*op. cit.* p 79)

A teoria das representações sociais é baseada no dito “não existe fumaça sem fogo”; isso nos faz refletir algo que vemos ou ouvimos, mas que este algo deve ter uma causa e efeito. Ao observar a fumaça, também sabemos que o fogo foi aceso em algum lugar, ao descobrir onde está, ou de onde vem, vamos à procura desse fogo. Esse ditado não é uma mera imagem: ele expressa um processo de

pensamento, um imperativo – a necessidade de decodificar todos os signos que existem no ambiente social, signos que não podemos abandonar até que seu sentido – o “fogo escondido” – seja localizado.

Ao formular a teoria das representações sociais com base em inumeráveis observações Moscovici afirma que, geralmente, nós agimos sob dois conjuntos diferentes de motivações. Em outras palavras, que o pensamento é bi-casual e não mono-casual e estabelece simultaneamente, uma relação de causa e efeito e uma relação de fins e meios. É aqui, que este marco teórico – escolhido como referencial para esta situação – difere da teoria atributiva e aqui está o motivo dessa dualidade – as representações sociais diferem da ciência.

Quando um fenômeno se repete, nós estabelecemos uma co-relação entre nós mesmos e ele; então encontramos alguma explicação significativa que sugere a existência de uma regra ou lei, ainda não descoberta. Neste caso a transição da correlação para a explicação não é estimulada por nossa percepção da correlação ou pela repetição dos acontecimentos, mas por nossa percepção de haver uma discrepância entre esta correlação e outra; entre o fenômeno que nós percebemos e o que nós temos que prever; entre um caso específico e um protótipo; entre uma exceção e a regra; na verdade – para usar os termos empregados anteriormente – entre o familiar e o não familiar. (MOSCOVICI,1999, pp 80-81).

Alguns temas metodológicos comuns e ligações com outras ciências sociais emergem das seguintes formas:

“Afirmar que opiniões e representações são criadas no curso de conversações, como maneiras elementares de se relacionar e se comunicar. Ele demonstrou como elas emergem em lugares especialmente reservados (tais como salões, cafés, etc); como elas são determinadas pelas dimensões físicas e psicológicas desses encontros entre indivíduos.” (op.cit. p 89).

“Que o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens, está passando por mudanças. As pessoas estão, então, mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas são excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. Os indivíduos são motivados por seu desejo de entender um mundo cada vez mais não-familiar e perturbado. As representações sociais se mostram transparentes, pois as divisões e barreiras entre os mundos privado e público se tornaram confusas. Mas a crise pior acontece quando as tensões entre universos reificados e consensuais criam uma ruptura entre a linguagem dos conceitos e a das representações, entre conhecimento científico e popular.

É como se a própria sociedade se rompesse e não houvesse mais maneira de preencher o vazio entre os dois universos. Essas tensões podem ser o resultado de novas descobertas, novas concepções, sua popularização na linguagem do dia-a-dia e na consciência coletiva”. (*op.cit* p 91)

Farr (1977), em um *insight*, percebeu e reportou a existência de uma conexão entre a maneira como concebemos algo para nós mesmos e o modo pelo qual descrevemos essa concepção para os outros; ele referiu, também, que essas duas situações – perceber para si e descrever para outrem – mantêm certa relação. Essa relação motivou Moscovici a criar a sua Teoria das Representações Sociais. Nós interpretamos ou fazemos a decodificação do fenômeno, mas não esvaziamos o fenômeno, ou seja, não o esgotamos. Por mais que se deseje e se tente, não há como exaurir fenômeno algum.

Vale dizer que em sua teoria das representações sociais, Moscovici (1999) teve por proposta ou como ponto de partida, o desafio de compreender a lógica, a teia, ou a rede que permite aos indivíduos construir um mundo estável e pré-visível, apesar das enormes diversidades existentes entre esses dois mundos e entre suas atitudes e, ainda, da diversidade entre os fenômenos que os cercam e até mesmo dos fenômenos que eles constroem.

Para Moscovici o pensamento social faz uso extensivo das superstições que nos colocam na trilha da causalidade.

É partir deste referencial teórico que nos reportamos aos depoimentos colhidos de homens e mulheres de mais de 50 anos, os quais têm, nas representações sobre a água, sua importância e a privação da escassez, elos de identidade social constituídos na trama de suas experiências.

IV. Um Retrato dos Sujeitos Investigados: homens e mulheres de Cabaceiras-PB

“Com as lágrimas do tempo e a cal do meu dia,
eu fiz o cimento da minha poesia.”

Vinícius de Moraes, 1913-1980

Neste trabalho de campo os entrevistados foram homens e mulheres com mais de 50 anos de idade, autóctones, formado por pessoas casadas, viúvas e solteiras, com família numerosa acima de seis filhos, partícipes da fé católica, trabalhadores rurais, a maioria aposentados ou incluso nos programas de assistência do Governo Federal como bolsa família e outros.

A partir dos depoimentos dos entrevistados (respostas assumidas no questionário) que compõem a amostra representativa da população de Cabaceiras, comunidade deste estudo de caso – depoimentos que podem ser considerados como depoimentos livres, espontâneos, simples, mas profundos – a busca será por compreender a maneira como essa comunidade percebe suas relações com a água, a natureza, a família e a fé (religiosidade) e qual é a dinâmica de suas vidas e o seu futuro em relação à problemática da escassez de água ou frente à seca.

Antes de dar voz a estes sujeitos, retratamos – através de uma avaliação quantitativa dos questionários aplicados – alguns traços de suas formas de ser e viver.

Para esta caracterização dos respondentes as respostas foram agrupadas e tabuladas para serem apresentadas em Gráfico de Setor.

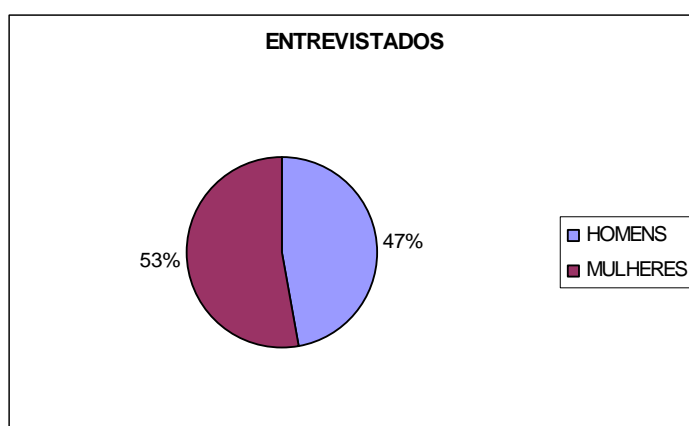


Fig. 41 – ENTREVISTADOS

O espaço amostral foi composto por 55 indivíduos, 26 homens (47%) e 29 mulheres (53%). As respostas serão analisadas por gênero para verificar se, neste caso, existem diferenças significativas das respostas.

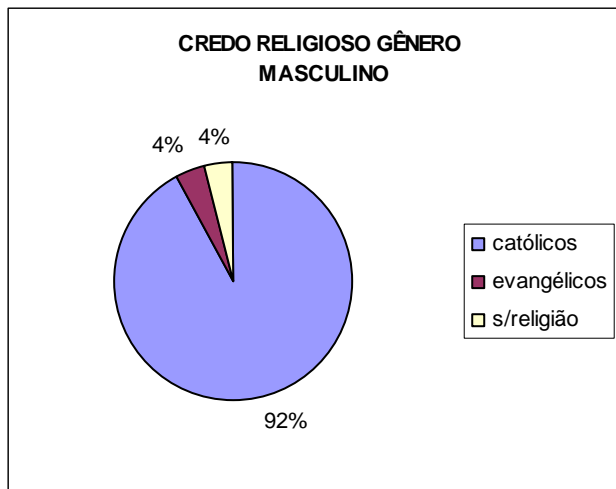


Fig. 42 – Credo Religioso Gênero Masculino

Homens - 26
 Católicos – 24
 Evangélicos – 01
 S/ religião – 01

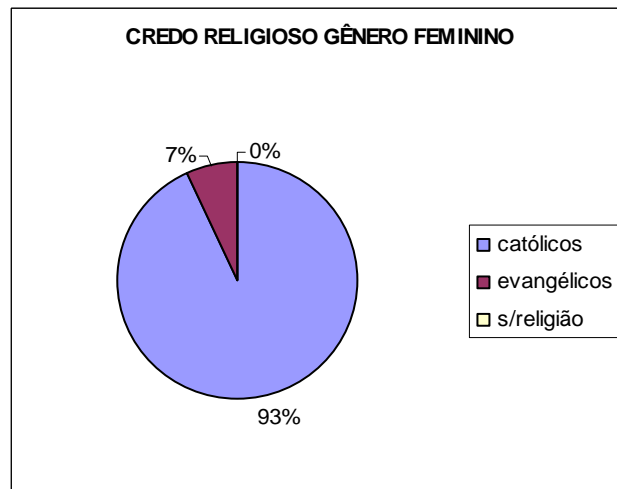


Fig. 43 – Credo Religioso Gênero Feminino

Mulheres - 29
 Católicos – 27
 Evangélicos – 02
 S/ religião – 00

No gênero masculino, a maioria absoluta, 24 indivíduos é formada por católicos; apenas 1 indivíduo declarou ser evangélico e um disse não ter religião, enquanto que no gênero feminino, 27 indivíduos são católicos, 02 evangélicos e nenhum não tem religião.

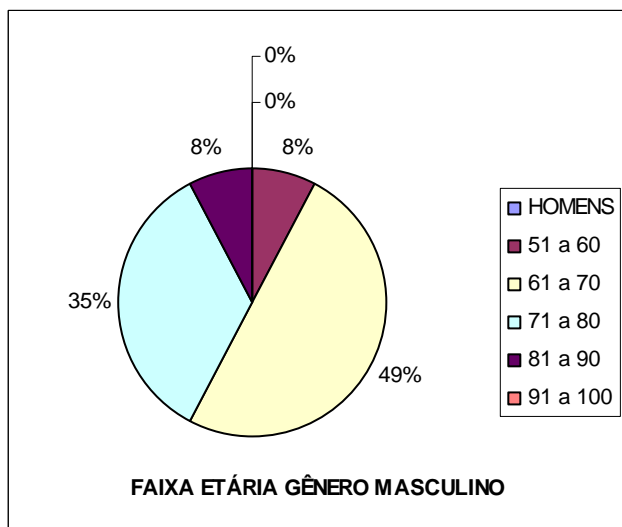


Fig. 44 – Faixa Etária Gênero Masculino

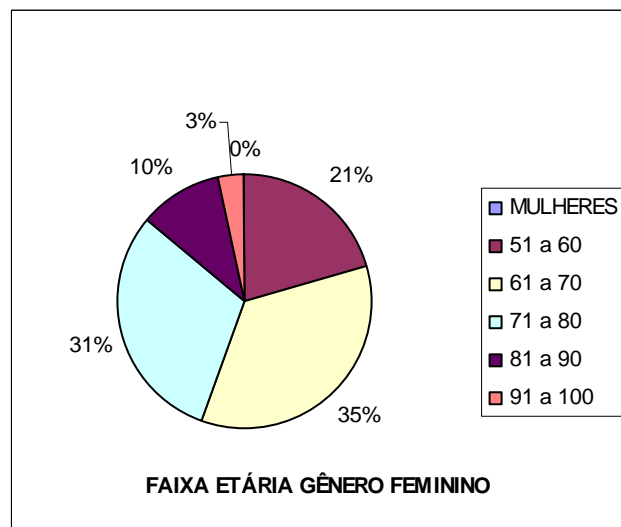


Fig. 45 – Faixa Etária Gênero Feminino

Também na faixa etária não há diferença significativa quanto a gêneros.

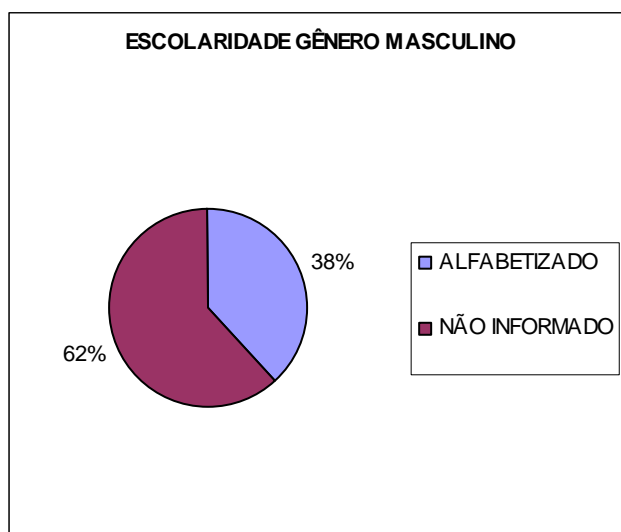


Fig. 46 – Escolaridade Gênero Masculino

Alfabetizados – 10
Não informados - 16

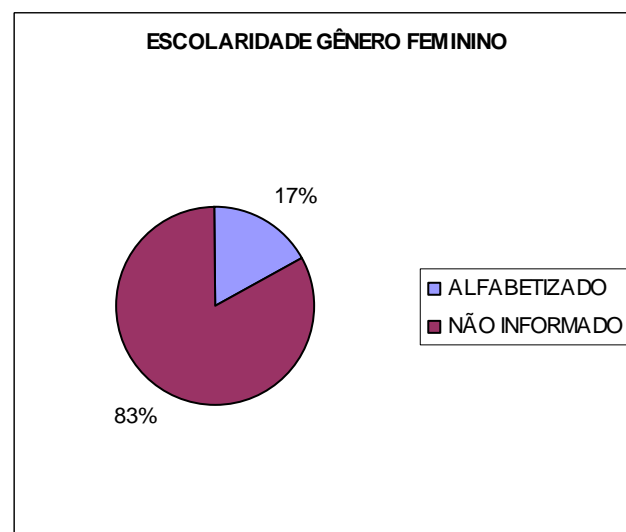


Fig. 47 – Escolaridade Gênero Feminino

Alfabetizados – 05
Não informados - 24

A escolaridade declarada, não pareceu aos aplicadores retratar a realidade. Os respondentes, provavelmente envergonhados, disseram ter tido mais tempo de estudos, especialmente os homens.

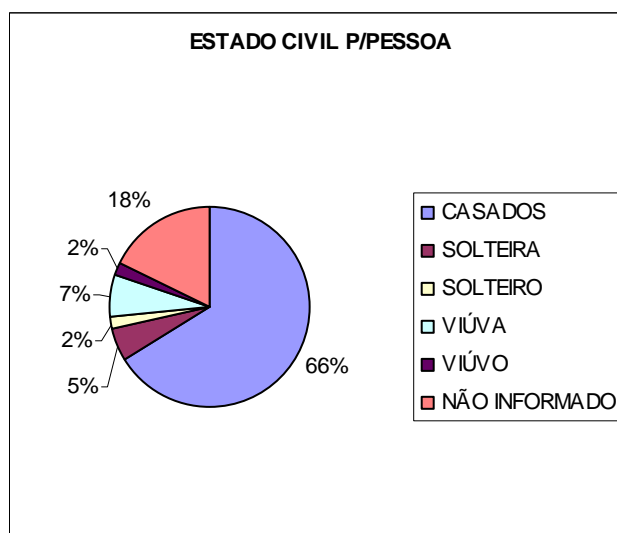


Fig. 48 – Estado Civil por Pessoa

No caso de estado civil, 10 respondentes, correspondente a 18%, não informaram o estado civil, provavelmente por não serem casados ou separados oficialmente casados.

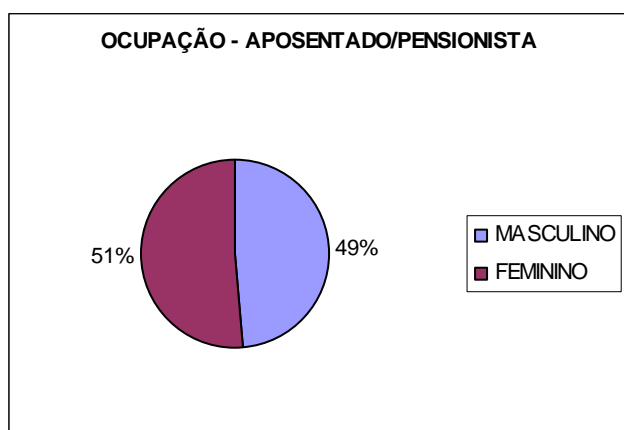


Fig. 49 – Ocupação Aposentado/Pensionista

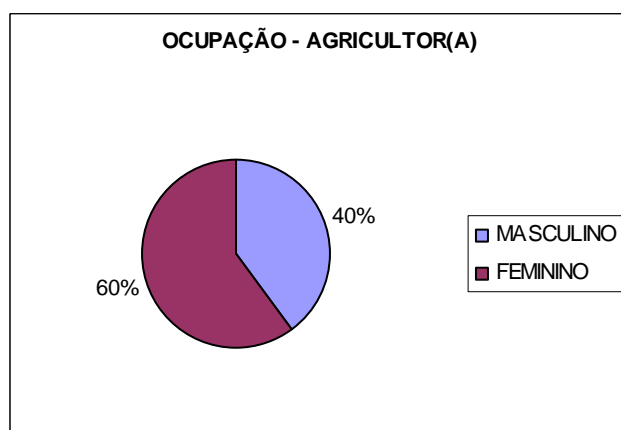


Fig. 50 – Ocupação Agricultor(a)

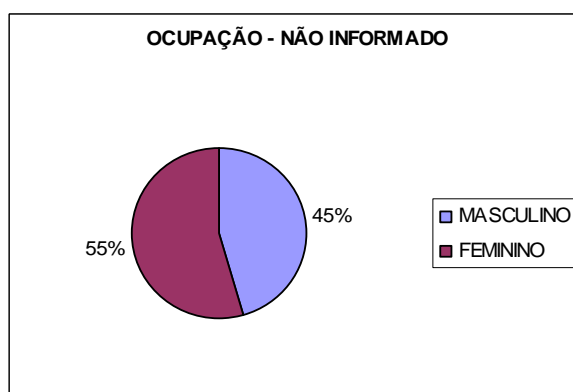


Fig. 51 – Ocupação Não Informado

Quanto à ocupação, todos se declararam aposentados ou pensionistas. Mesmo assim, todos também disseram que ainda trabalham no plantio ou criação de animais, porém praticamente apenas para consumo próprio; em sobejo, dão aos parentes e amigos.

IV₁. Casa e comida: lugares de pertencimento

Descrever o lugar social dos entrevistados e entrevistadas, a princípio não é tarefa fácil. A realidade geográfica do semi-árido e do município de Cabaceiras – PB já foi descrita nesta monografia; tentaremos descrever a Comunidade São Francisco e o Sítio Poço Comprido, a partir da casa como lugar da identidade individual, familiar e social.

As casas geralmente são de muita simplicidade e despojamento, feita de taipa (barro) ou tijolos, muitas das quais não são rebocadas e os tijolos ficam aparentes. A

maioria das casas possui de quatro a oito cômodos. Percebemos que quase todas as casas visitadas não possuem forro de teto e a instalação elétrica é feita exteriormente, e fica presa à parede. Muitos dos cômodos internos não possuem portas; nos quartos há simplesmente uma cortina. Algumas não têm banheiros e quando o possuem, ele fica fora da casa, nos fundos do terreno, a uma distância aproximadamente de cinco a dez metros. Nos vários cômodos internos geralmente há armadores de redes, (ganchos); o fogão predominante é o de lenha, poucas possuem pia na cozinha, e a água encanada e tratada é praticamente inexistente. Nas casas há muito espaço vazio, possuem nenhum ou poucos móveis, e são muito usadas as redes para dormir ou repousar. A menos da cozinha, eles armam redes praticamente em todos os locais; as camas não são tão comuns e, em sua maioria os colchões são de palha, mola e, às vezes em espuma.



Fig. 52 – Imagem de uma residência do lugar

Fonte: Arquivo do Autor

Na sala de visitas sempre há recipientes para água (potes de barro, tonéis, filtros), aquilo que é mais precioso para o homem do semi-árido. Parte da água a ser consumida está na sala de visita, às vezes na sala onde se realizam as refeições e na cozinha. Na sala os recipientes estão sempre cobertos com um pano branco e em cima há um porta-copo, com copos de alumínio ou vidro. Acima do pote estão os

copos e parte das paredes são cobertas por quadros de santos e santas católicos, santos esses de devoção muito comum naquela região. Também são vistas fotografias do casamento dos donos da casa, do batizado dos filhos, fotos de velórios, festas juninas, aniversários, noivados, primeira comunhão, crisma e outros eventos. Nessa parede da sala temos parte da memória e história daquele núcleo familiar. Junto às fotos e quadros dos santos, estão pôsteres de cantores e artistas da música e da televisão.

Os sofás são raros, são mais comuns bancos de madeira, ou tamboretas, na segunda sala uma mesa com alguns tamboretas e, às vezes, cadeiras de madeira e armário que é chamado de petisqueira, no qual a mulher guarda sempre a pouca louça e os alimentos da família.

Os quartos sempre tem mais redes do que camas e comumente as roupas são guardadas em malas de madeira (arcas) ou baú de couro. Eletrodomésticos são raros, mesmo porque muitas casas não possuem energia elétrica. Quando há eletrodomésticos, os mais comuns são: televisão, fogão a gás, rádio e geladeira. A televisão e o rádio ficam sempre na sala de visita e são mais raros, a geladeira e o fogão a gás na cozinha. As janelas em madeira são fechadas por taramela, também conhecida por tramela, ou ferrolho, o piso é de chão batido ou cimento, na cozinha há sempre um fogão a lenha e fogo aceso, e as paredes são cobertas de fumaça. Em cima do fogão um cordão com “mistura” (carne seca, miúdos de animais salgado). As paredes internas não chegam ao teto (meia parede). No tempo da colheita é comum colocarem jerimum, melancia, e outros alimentos na cozinha, na qual sempre há um fecho de lenha e um litro com querosene utilizado para acender o fogão de lenha; há também tonéis ou tanques de cimento para guardar água.

Na sala, às vezes, há uma cadeira de balanço utilizada mais pelo dono da casa, e objetos como cela de animais, e outros utilizados no trabalho de campo como enxadas, enxadecos, picaretas e pás. Também é comum haver na cozinha da casa ancoretas e galão (ambos são utilizados para trazer a água para as residências).

A alimentação predominante é o feijão e derivados do milho (cuscutz⁶¹, xerem⁶², munguzá⁶³, canjica⁶⁴, pamonha⁶⁵) arroz, macaxeira⁶⁶, farinha de mandioca, rapadura⁶⁷, carne é mais raro e quando consomem, é carne seca de caprino ou ovino, raramente é bovina; às vezes carne de porco, galinha caipira e ovos. São mais utilizadas vísceras de animais que são cozidas junto com o feijão. Sempre há café, leite na maioria de cabra, queijo, coalhada e leite de vaca.

A forma de vestir-se é muito simples, tal como é simples o caririzeiro; as mulheres usam vestidos coloridos e uma espécie de lenço na cabeça, ou pano amarrado, sandálias tipo havaianas; os homens usam calças tipo jeans, camisetas ou camisas, chapéus – predominantemente os de couro – ou boné, usam botas ou sapatos de couro feitos na região.

Os meios de comunicação mais comuns são a televisão e o rádio, porém o rádio tem maior índice de audiência, embora antenas parabólicas já sejam bastante comuns na região. A locomoção é predominantemente feita a pé, no lombo do jumento ou cavalo e bicicleta; o automóvel é raro, por isso é bem popular o uso de motocicleta (moto) nesta região. É um povo marcado pelo sofrimento, mas também pela alegria. Na casa deles ouve-se muita música: forró, baião, xote⁶⁸, música sertaneja e música brega. Na dança predomina o forró, também conhecido como “arrasta pé, rela bucho”.

Pela questão do êxodo sazonal o que predomina são os idosos, as mulheres e as meninas, pois a maioria dos rapazes e homens migram para o corte da cana de açúcar no litoral ou para a zona da mata da Paraíba e Pernambuco; assim, com freqüência, todo o trabalho é realizado pelas mulheres e idosos.

⁶¹ Feito à base da farinha de milho, salgada e levemente umedecida, a massa é posta a descansar para incorporar o tempero. Depois levada ao fogo e cozida. Come-se com leite, manteiga, ovos, queijo, carne.

⁶² Feito com o milho moído e cozido com leite e sal. Come-se com carne.

⁶³ Também conhecido por munguzá, é uma iguaria feita de grãos de milho (geralmente branco) cozido com leite de coco ou de vaca, açúcar e polvilhado com canela. No Sudeste é a canjica.

⁶⁴ Tipo de papa feito com a farinha de milho branco ou milho verde ralado com leite e açúcar e polvilhado com canela. No Sudeste é o curau.

⁶⁵ Processo semelhante ao da canjica, porém a massa é mais grossa e cozida em saquinhos feitos com a palha do milho.

⁶⁶ No Sudeste, aipim ou mandioca.

⁶⁷ Doce, feito a partir do caldo da cana. É levado ao fogo, cozido, coado, volta ao fogo para cozer novamente. Quando está no ponto de melado é retirado e colocado em vasilhas para ganhar forma. Depois que ganha forma e fica endurecido, é retirado da vasilha. Então já pode ser consumido em pequenos pedaços.

⁶⁸ Dança de salão provavelmente de origem alemã, com passos semelhantes aos da polca, difundida na Europa e no Brasil (especialmente no Nordeste), onde é executada ao som de sanfonas nos bailes populares. Dançam com música em compasso binário e andamento não muito rápido que a acompanha.

Todas as casas possuem um grande espaço sempre vazio chamado terreiro, no qual encontramos poucas plantas (pinhão roxo, arrudas, manjeriço, hortelãs, erva-doce, erva cidreira, sabugueiro e algumas plantas ornamentais). Parte destas plantas são medicinais e utilizadas para remédio na forma de garrafadas (feita de casca de plantas da região e, às vezes, com banha de animais como de cobra cascavel). Nesse espaço é muito comum a criação de galinhas, galos, peru, guiné (galinha de angola), patos e outras aves. Quase todas as casas têm um ou mais cachorros e gatos. No quintal um chiqueiro de porcos e outro de galinhas, próximo a casa ficam um ou mais currais, no qual, à noite eles aprisionam os animais que passam o dia solto: o pequeno rebanho de cabras, ovelhas e, às vezes vacas e bezerros, nunca há mais de 10 a 15 cabeças. Todos esses animais são guardados nos currais ao entardecer e, ao amanhecer, são soltos para o campo.

Ao redor das casas encontramos pequenas plantações de palma, e de plantas de espinho que alimentam os animais (ovino, caprino e bovino) no período da estiagem. Geralmente essa plantação é cercada por madeira da região e arame farpado; outra faixa de terra normalmente pequena é chamada roçado e utilizada para o plantio do milho, feijão, algodão, fava, jerimum, batata doce, melancia, maxixe, macaxeira, mandioca, plantio feito no período do inverno quando acontecem as chuvas anuais.

A casa será o núcleo simbólico, na qual os entornos espaciais internos e externos têm uma linguagem representativa ligada a uma transversalidade simbólica de gênero, poder, trabalho, religião, água, ambiente que fala muito daquele mundo, e principalmente, no que se refere à sua relação com a água, quase sempre escassa, insuficiente para suas necessidades. Mesmo na falta ela se faz presente no imaginário do ambiente da seca.

Essa questão constrói elos de identidade e torna-se tema da pauta cotidiana, na qual a memória, trazida pelos mais velhos, compara as várias secas, as dificuldades e quais foram as saídas diante da falta de chuvas. A meteorologia e história, sempre orais, são, um precioso recurso para compreender os valores sociais, a religiosidade, as práticas, o aprendizado, tudo isso por ouvirem falar das representações, experiências vividas e memórias. A casa é um baú que se abre para fazer memória do passado, decodificar o presente (compreender), encontrar

respostas, pistas para caminhar rumo ao futuro. A água, nesta realidade, sempre será a representação da identidade, da cultura, da religião, das relações afetivas e efetivas deste povo para o qual a casa tem um papel fundamental.

Dentro da casa, especialmente na cozinha, está a panela de água e ali a mulher fará a transformação dos alimentos – produzidos em derredor da casa - em comida que será servida à mesa para a família. Temos uma cultura de produção e consumo familiar no qual a água sempre de forma transversal, está presente desde o plantio e germinar da semente até as panelas de barro no fogão à lenha que é oficializado na mesa do caririzeiro. A casa não é só local onde prepara a comida. Na casa, a água – seja na sala de visita, na cozinha ou até em um pequeno recipiente de água benta guardada na mala da roupa da família – nos permitiu encontrar um significado do consumo pelo que é produzido (agricultura, pecuária e criação de animais).

A produção da comida está relacionada à mulher e isso cumpre a exigência da distinção dos papéis entre homens e mulheres. Na região estudada, os alimentos do roçado geralmente são produzidos por homens e armazenados em tonéis de zinco, colocados na sala da casa: isso está ligado ao mundo masculino: sala, plantio, colheita. A casa geralmente está no domínio da mulher e, qual é seu papel e lugar nesta história? Esse material torna-se alimento a ser cozinhado, o local de domínio do feminino, lugar da mulher.

Atualmente essa região teve uma grande conquista e muitas famílias foram beneficiadas pelo projeto de construção de cisternas de placas. Muitas residências construíram cisternas com apoio financeiro dos poderes públicos, igrejas e organizações não governamentais, isso fez uma grande diferença na vida daquele povo.

Quando fica distante, ou toda família participa desta atividade ou o pai e os filhos (rapazes e meninos) executam essa atividade; nessa situação a água é trazida através de animais, em carroças e às vezes em galões, e estes trabalhos se repetem quase diariamente e provenientes de muitos locais diferentes para os vários consumos de água na casa: para beber e cozinhar um tipo, outro para os animais domésticos e aves; outro para lavar as roupas; outro para aguar as plantas medicinais; enfim, dependerá da abundância ou escassez daquele ano, quando a

casa será favorecida ou não. A água na casa tem hoje uma função muito maior. Não há necessidade de caminhar léguas e léguas para ir buscá-la diminuindo o esforço físico de homens, mulheres e crianças.

A água está trabalhada nas representações sociais de sua falta, escassez e o que isso causa e muda na vida desta comunidade rural.

A realidade da seca, da ausência, da escassez da água, representa e traduz uma variedade de situações como “fome, morte, castigo, doença, tristeza, agonia, miséria, êxodo, privação e várias outras situações desumanas. Falar das representações sociais da água particularmente da escassez é especificamente um processo social de produção de conhecimento, a definição de um grupo social, de seus elos de identidades.

V. Representações Sociais da água para os entrevistados da comunidade de São Francisco, Cabaceiras-PB

V₁. A água como elemento de ligação entre o vivido e o percebido

“Depois da paixão do amor, os direitos sobre a água causaram mais distúrbios que qualquer outro motivo de interesse da espécie humana”

Abel Wolman (1892-1989),
Pai da Engenharia Sanitária

No decorrer do mestrado a grande questão central sobre a qual procuramos refletir foi exatamente a água, seus significados e representações – vida, morte, escassez, sofrimento, esperança, abundância, sentimento, riqueza, pobreza, fartura, necessidade, alegria, tristeza, divindade e tempo. As representações sociais têm, neste mestrado, centralidade, pautando identidades sociais e o eixo dos acontecimentos que determinam o percurso da vida, da religiosidade e a cosmovisão.



Fig. 53 – Imagem do Rio Direito – Cabaceiras – PB

Fonte: Arquivo do autor

Como já referido, esse estudo foi realizado no Município de Cabaceiras, no estado da Paraíba, região do Brasil com o menor índice pluviométrico do país, de 280 a 400mm por ano. Do trabalho de campo, realizado no mês de maio de 2009 fizeram parte a comunidade São Francisco e o Sítio Poço Comprido. Para realizar as entrevistas, com aplicação de questionários em visitas domiciliares, foi determinado um espaço amostral de 55 indivíduos, de ambos os gêneros, agricultores e agricultoras, com mais de 50 anos de idade e preferencialmente, autóctones desta região do Cariri paraibano, ou antigos residentes.

Na lida e vivência do trabalho de campo, foi possível perceber a multiplicidade das representações da água no contexto de escassez de chuvas regulares. Antes de tudo, os respondentes referem à água como fonte de vida - “água é vida”, origem e princípio de todas as coisas. A água organiza o mundo. A vida é moldada a partir da água que já existia e era sinal da presença de Deus no mundo, desde a eternidade. Esse simbolismo da água como fonte de vida está presente desde o Livro do Gênesis até o Alcorão. Essa foi a mais freqüente resposta à pergunta sobre o significado da água para a pessoa – vida.

Água como vida e dessa vida muitos não têm o suficiente para si mesmo; água - vida ausente e desejada por todos, vida escassa e muitas vezes inapropriada para muitos, ou seja, sem atingir os padrões de qualidade para água de consumo, padrões impostos pela legislação brasileira – CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente - (Resolução CONAMA nº 20 de 18 de junho de 1986 – anexo nº 02, p. 168 e Resolução CONAMA nº 357 de março de 2005). Mais do que isso, vida privatizada, porque a água pertence a todos, mas no agreste nordestino poucos possuem água em reservatórios e a grande maioria, durante parte considerável da vida, sofreu com falta de água e, mesmo hoje, com os açudes e cacimbas, muitos sequer dispõem dela.

Para todos nós, a água é o âmago da vida, a sua essência. Bem sabemos que sem água não há vida – pelo menos a vida como nós a conhecemos e concebemos e a população de Cabaceiras ainda o sabe mais – porque sofrem com sua falta. No cotidiano a água pode não estar sempre presente, mas no imaginário, a água, está presente em tudo.

Para os entrevistados – e, provavelmente para os nordestinos que sofrem a seca, a água está como centro da existência, esteja ela ou não presente, mais presente se estiver ausente; mesmo quando não se tem, ela está presente no imaginário daquele povo que reflete o mundo. Pensa ver o mundo a partir de sua presença ou ausência, ver o mundo através dela, mas ele sabe ver também a partir da sua falta.

O tema água é, para o forte sertanejo, o espelho, onde ele se vê. A água como comunicação, de si mesmo e com os outros e o meio ambiente, as relações entre eles e o divino, o mundo através das festas; celebrações litúrgicas: missa, casamento, batizado, nascimento, morte; plantio, colheita, refeição, lazer, dor, sentimento, trabalho, namoro e dança. A água é como o sangue que permeia o corpo, (79% do sangue é água)⁶⁹ assim, é quem fecunda a terra, faz brotar a semente, floresce as árvores, enche os espaços vazios, sacia a sede dos homens e animais e refresca do calor os pássaros e a vida no meio ambiente, corre sobre os rios, pedras, montanhas, cachoeiras e descansa nos lagos.

Vale lembrar que a água está sempre em constante circulação, no chamado ciclo hidrológico. A água existente na Terra é a mesma água e na mesma quantidade desde a origem do nosso planeta, há 45 bilhões de anos. Ela vai e volta em seu ciclo hidrológico. A água que usamos hoje, carrega a história da humanidade e, além de carregar a história, refaz a própria história em ritos, como o batismo de Jesus nas escassas águas do Rio Jordão, gesto esse que se repete quando do batismo de centenas de milhares de crianças que foram, são e serão crucificadas pela indiferença dos Herodes que governam, pelos Pilatos que têm água para lavar suas mãos enquanto as crianças não a têm em boa qualidade para beber, no empobrecido município de Cabaceiras – tão pobre em água e tão rico em caridade – como em tantas outras regiões do planeta.

⁶⁹ Quanto é água no homem? 98% das lágrimas; 3% do coração, 79,1% dos pulmões; 79% do sangue ; 77% dos intestinos ;76% dos músculos ; 74,5% do cérebro; 72% da pele; 70% do fígado ; 22% do esqueleto; 10% dos dentes (Caravana Ecológica, IDEMA, RN, 2006 – Pôster: O Homem e suas águas). E nos alimentos? Batata 95,6; Alcachofra 93% %; Tomate 91 %; Cenoura 90 %; Couve-flor 90%; Melão 89%; Abacaxi 87%; Morango 80%; Bife de vaca 76%; Peixe: 75%; Bife de frango: 74,2; Presunto: 72%; Laranjas diversas: entre 70e 85%; Pão: 33,7%;

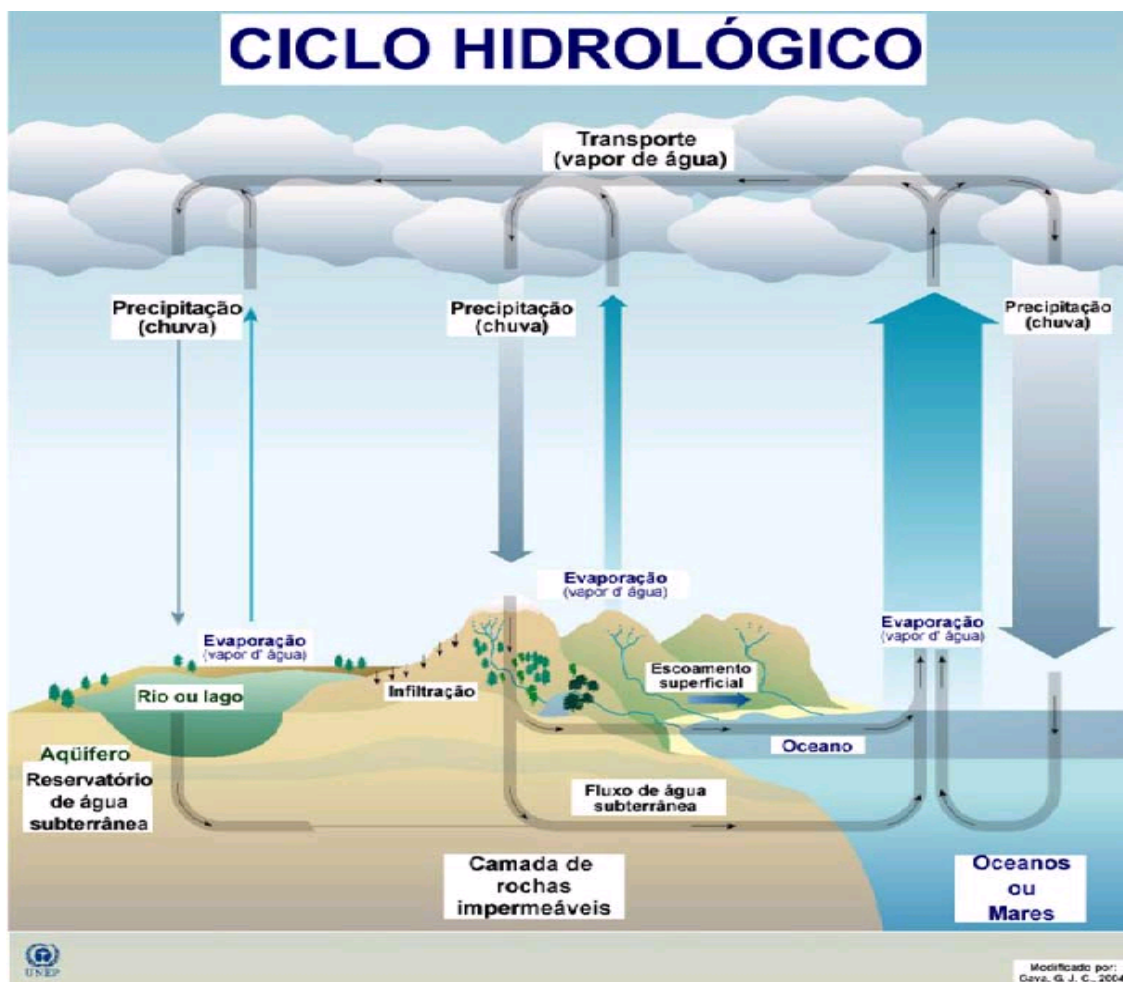


Fig. 54 – Ciclo Hidrológico

Fonte: www.maenatureza.org.br/.../index.htm

Água presente no ar, água como luz para os seus olhos e esperança na vida dessa população forte e sofredora. A água é o elemento mais desejado, o mais necessário, seja para o homem, para a terra, animais, plantas, aves, insetos,. Temos a água como algo que compõe a humanidade física, cultural ou religiosa da pessoa, a água como vida e parte dela nas várias formas da vida e da água. A água como identidade, corporeidade, religião, comunhão, parte da existência física ou simbólica pessoal ou social, nos sonhos, na vida ou morte. Assim esse elemento, ora é parte e todo de todas as coisas visíveis e invisíveis – simbólica, diabólica ou divina, representativa e imaginária.

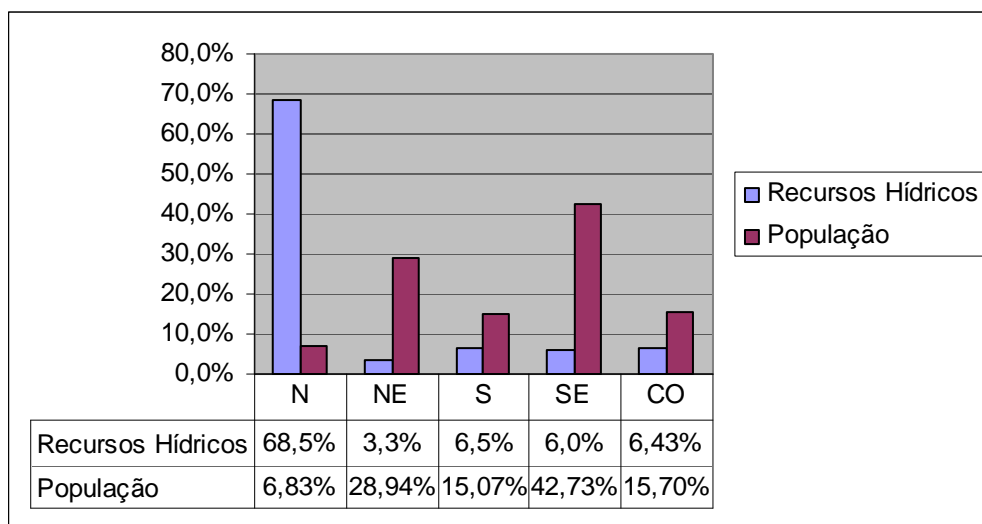
Quando me propus a trabalhar a questão da água a partir das representações sociais em Cabaceiras – PB, já tinha consciência de que a questão central não é a água, mas sua escassez.

A escassez da água é um dos problemas seculares naquela região, e em quase todo o nordeste brasileiro. A situação do nordeste é especial, começa por ter que ser respondida a questão: como entender que o semi-árido nordestino seja uma das regiões mais populosas do País e um dos semi-áridos mais populosos do mundo?

Buscar saber o que representa a água para os entrevistados de Cabaceiras – PB a partir da presença e escassez, mais ainda da ausência, significados, representações e, a partir disto, como eles decodificam a ausência ou escassez da água que leva a várias outras dimensões da escassez – penúria, fome, doenças, morte, êxodo rural.

O Brasil está entre os países com os maiores reservatórios de água doce do planeta – 12% da água doce do mundo, mas ela não está equitativamente distribuída entre as regiões ou estados.

Em nosso país não é difícil perceber o descompasso entre a quantidade de água disponível nos rios, lagos, lagoas de cada região e a população correspondente.



O descompasso está no fato de, apesar de a região Norte possuir 68,5% da nossa água doce, ela abriga apenas 6,83% da população; o Nordeste, com 3,3% de água, a população é de 28,94% do total do país. A região Sudeste tem 6% de água e 42,73% da população; o Sul com 6,5% de água tem 15,07%, e o Centro-Oeste

com 6,43% de água e 15,7% da população, é, por consequência, uma das maiores biodiversidades do planeta, cobijada por outros e, mais ainda, bastante vulnerável a todo tipo de roubo, saque, ocupação clandestina etc.

Com exceção da região nordeste, as demais, sudeste, centro-oeste, sul e norte estão sobre um dos maiores aquíferos da terra, além de serem possuidoras de águas superficiais que dezenas de países do mundo não possuem.

A escassez da água levou muitos nordestinos a migrarem para o sul e sudeste, região detentora de desenvolvimento econômico e melhores perspectivas de vida – na verdade poderiam ir para o norte, mais próximo e onde a água sobeja – mas a maior parte da população ou sai apenas temporariamente ou, como o faz a maioria, luta por ali permanecer, porque luta pela terra, ele quer permanecer no seu quinhão de terra porque sua opção é a vida rural com todas as implicações ali existentes: solo pedregoso e empobrecido, escassez de água e, além dessa penúria de água, a maior parte dela é imprópria para consumo devido à salinidade, turbidez, cor aparente, sabor e odor, poluição e contaminação⁷⁰.

Em contraponto, mesmo com a aridez desta dura realidade é praticamente inerente a alegria, a dança, como o são as comidas típicas, a religiosidade popular e uma solidariedade profundamente afetiva que marca esse povo sofrido - mas lutador, solidário e corajoso. Realidade dura, impregnada na identidade desta comunidade, de tal forma que encontrarão dificuldade para viverem longe de seu rincão, porque não encontrariam identidade – ou seja, não encontrariam eco às suas representações sociais – se vivessem fora do semi-árido.

A água em sua significação simbólica pode ser compreendida como fonte de vida, isso foi o mais dito nas entrevistas, 100% dos mais de cinquenta entrevistados foram unânimes em responder que a água é vida e, principalmente, água da chuva.

⁷⁰ A cor de uma amostra de água está associada ao grau de redução de intensidade que a luz sofre ao atravessá-la (e esta redução dá-se por absorção de parte da radiação eletromagnética), devido à presença de sólidos dissolvidos, principalmente material em estado coloidal orgânico e inorgânico. A água que atende aos padrões de potabilidade não produz sensação de odor ou sabor nos sentidos humanos. Uma das principais fontes de odor nas águas naturais é a decomposição biológica da matéria orgânica, pode estar presente em fundo de rios e de represas. Poluição é o nome dado à degradação das características físicas ou químicas do ecossistema, por meio da remoção ou adição de substâncias. Contaminação é denominação reservada e um caso particular de poluição, ou seja quando o poluidor que existe no ambiente, na água por exemplo, é um intoxicante ou um agente patogênico, causador de doenças – bactérias, protozoários, vermes, por exemplo, causadores de doenças. Nem toda poluição é contaminação, mas toda contaminação é poluição;

A água da chuva, nas entrevistas destaca-se sempre como água boa, limpa, doce que serve para beber, cozinhar, armazenar, água pura, para limpeza, água não poluída e água de boa qualidade, água para tomar banho, água para o plantio.

Outro tipo de água que representa vida além da água de chuva, dita nas respostas foram: água de cisterna; água de bomba (água que chega às casas trazidas por motor-bomba, de poços artesianos). Água encanada; água, dessalinizada, água de tanque de pedra; água de poço, cacimba, água de barragem, água de galão, água de carro pipa, água do rio, água do riacho etc.

Percebemos que para eles há várias representações e compreensão sobre essa substância química que pode ser designada como hidróxido de hidrogênio, monóxido de di-hidrogênio ou ainda protóxido de hidrogênio. A água pode ser vista como boa ou má, em função do lugar onde ela esteja, do contato que ela tenha tido ou tenha. Toda água de chuva na compreensão do caririzeiro é boa. Mas, depois, pode não servir para todos os usos múltiplos, ou legítimos, como define a Organização Mundial de Saúde. Poderá não ser boa para beber, cozinhar, lavar louças, armazenar, para matar a sede dos animais, lavar roupas, para banho, para outras limpezas etc.

A boa água da chuva pode tornar-se ruim, salgada, suja, grossa, poluída, de esgoto, de poço, açude, barragem, rio, cisterna, esgoto, lágrima, urina, saliva.

Fica bastante patente e claro que a água pode ter uma multiplicidade de representações e significados segundo o conceito de cosmovisão dos entrevistados. Eles têm um moral de pensar a água, (bem por isso não a vendem: dão); eles acreditam que ela possa ser boa ou má; na medida em que esteja próxima às residências, ela sempre será útil e utilizada. O homem do semi-árido acredita que, ao fim, a água será sempre boa. Ela tem um objetivo, uma utilidade.

Na questão apresentada “o que significa viver a seca ou enchente”, pouquíssimos mencionaram as enchentes, porém os depoimentos sobre a seca emocionavam quase todos, principalmente aqueles mais velhos do grupo entrevistado. A representação da água se faz nesta realidade marcada de forma mais significativa na ausência. Se a água é tida como vida, sua ausência é morte, dor, sofrimento, migração, fome, pobreza, violência, tristeza e separação. Nesta região, no período da estiagem que muitas vezes chega a 10 meses por ano,

praticamente tudo seca. A ausência da chuva é representada na seca pelo período em que as árvores secam, perdem a folhagem e algumas espécies perdem até o colorido das folhas. Ficam apenas os galhos secos, com predominância do cinza.

A água passa a ter várias tonalidades, os pássaros desaparecem, a paisagem muda completamente e poucas são as plantas que ficam verdes - aveloz, coroa-de-frade, xiquexique e mandacaru – e passamos a chamar este período de seca verde em virtude da predominância da vegetação típica da região, conforme fig. 22 e 23.

A ausência da água representa a vida que morre, principalmente as mais frágeis: os milhares de pequenas plantas e animais os mais diversos, insetos, aves, roedores, mamíferos. Esse é um tempo de deserto com poucos ruídos e muito silêncio. Na seca, muitas vezes eles parecem estar em um grande funeral de horas, dias, semanas, meses e anos. Tempo de dor: são vidas que desaparecem muito rápido e vidas que vão desaparecendo aos poucos; como os animais que acabam por perder a beleza adquirida no inverno, a qual recuperaram após a privação de alimento. Agora é o tempo em que eles perdem tudo perdem de novo, aos poucos e, dependendo da seca, muitos não chegarão vivos ao próximo inverno.

A representação da ausência da água principalmente da chuva é bem mais forte – um panorama escancarado no qual nada pode ser escondido, ninguém e nada pode ficar impune à seca. Uma natureza subtraída de sua biodiversidade, na festa viva do ecossistema. Homens, mulheres e animais seguiram em busca de água, em busca de vida, em busca de Deus, em busca dos outros ou de si mesmo. Essa água ausente que eles buscam, às vezes longe de suas casas, representa mais que matar uma sede biológica, embora essa seca e sede possa ser entendida como biológica, porém é mais do que isso. A busca da água não é a busca apenas de um alimento para manter-se vivo. A água é a própria vida que vai além do matar a sede ou manter-se vivo. Na ausência da água, fica claro que ela é de fato – como fala o caririzeiro – : “ela é tudo: é vida”.

A realidade da ausência tem seus sinais não apenas na natureza, mas, também, dentro dos lares e, geralmente, na vida dos mais pobres desta região, que não se deixam vencer, mas lutam mesmo na ausência da água, na seca. Eles sempre são sedentos da vida representada na presença ou ausência da água.

A água ausente é a falta de energia buscada por todos. O homem do semi-árido, no seu imaginário – inverno, período de chuvas; verão, período de seca – vê nas duas estações o verão sempre certo e o inverno sempre, ou quase sempre, incerto. O olhar se volta para a tão desejada, incerta e esperada chuva. Uma natureza que está aliada não à lógica cartesiana, à racionalidade, mas a essas duas estações.

Para o carizeiro, todo o período de seca é sempre um período de preparação para a chegada das chuvas. Esses homens e mulheres nas ausências das chuvas dedicam seu tempo a preparar seus açudes, tanques, cisternas e os vários reservatórios – sem que esmoreça a esperança que a chuva virá. Além dos reservatórios, eles preparam também os campos para as pastagens, os roçados de milho, feijão, mandioca, algodão e outros pequenos cultivos – tudo em ordem e preparado para a chegada do inverno com chuva e assim iniciar o plantio, aguardar a floração e finalmente a colheita.

Na ausência da água temos, também, a representação de uma preparação para a festa, a celebração da vida, a fecundação dos campos, o plantio; essa espera na ausência faz presença, faz sonhar com que tudo esteja como morto, parece que isso nos induz a fazer analogia com o período de gravidez, gestação, fecundidade – esperança. Para alguém de fora isso se assemelha a algo desastroso; e de fato é exatamente isso; porém esses homens e mulheres há séculos esperam sempre atravessar o deserto da seca, ou ausência de chuvas e chegar ao término desta travessia com os relâmpagos, trovões e a água que fará uma visita rápida durante alguns dias caindo do céu, sinal divino, ecumênico e cósmico. Presente de Deus, a água vem como presente e presença, propicia alívio: vão-se o luto e dor; é tempo de celebrar toda a natureza que se reserva, cria, renasce. Agora tudo e todos celebram a vida, parece que todos se esqueceram de que aquele lugar esteve tão seco e que ali imperaram a ausência, morte e dor.

A ausência da chuva, ou escassez da água, pode ser compreendida sob diversas formas de representações. Se quisermos apresentar, por exemplo, a falta ou escassez, essa realidade leva ao desejo, desejo daquilo que não se tem e que está no campo do imaginário. A busca de saciar-se supera a falta. Para o homem carizeiro, no seu entorno, esteve muito visível a ausência da água, manifestada

pela condição da seca ou falta da chuva. Tudo sem vida, seco, sem colorido e podemos entender que talvez não seja apenas uma questão de desejar água: é antes e mais uma necessidade fundamental da pessoa humana, mais até, é necessidade fundamental para a vida. Nesta situação, a água pode ter várias representações, vida e morte, fartura, resistência, luta, poder, mística, plantação, colheita e tantas outras variadas representações.

Diante da falta ou ausência e escassez, não é difícil compreender a subjetividade do homem do semi-árido, cheio de dor, mas, principalmente, repleto de sonhos, sentimentos, força, coragem e luta; essa ausência é algo que desafia essas populações a vencerem na luta cotidiana para superarem a si mesmos ou a apreenderem a conviver com a seca permanente em sua história, com algumas lutas dos pequenos invernos ou períodos de chuvas. Na função de entrevistador, ao entrarmos em suas casas, geralmente encontramos uma sala praticamente vazia; não está vazia pois sempre existe um ou mais potes de barro em cima de um tripé cheio de água. Ao lado alguns copos e, mais acima, pregados na parede, quadros de santos (São João, São Pedro, São José, Santa Bárbara, Padre Cícero, Frei Damião, Maria Mãe de Jesus e o próprio Jesus) – quase todos os santos ligados à questão do inverno, plantio e chuvas – estão presentes ao lado de fotografias da família. Porém com a ausência das chuvas, esses homens e mulheres experimentados na dor da escassez da água, nem sempre conseguem sair vencedores das multiplicidades de dificuldades que suas casas encontram com a ausência da água.

Faltar água significa faltar vida, faltar tudo, alimento, trabalho: quando falta água sobejam privação, desnutrição, doenças, perda do plantio, perda do rebanho, desemprego, separação dos cônjuges, pois os homens migram para trabalhar nas monoculturas sazonais e muitos terminam por não voltar para a família, por vários motivos, como alcoolismo e terminam na marginalidade, fixam moradas nas periferias das grandes cidade e constituem segundo ou terceiro casamento.

A ausência da água é sempre período de riscos, além disso, é um período muito longo e que parece ainda mais demorado devido à penúria. Essa mudança não se restringe à natureza, mas abarca as relações familiares e sociais. A seca é sempre um deserto que os povos do semi-árido são chamados a atravessar todos

os anos de suas vidas. Não é possível imaginar ou decodificar essa realidade incompreensível. O homem do cariri tem a certeza de que em sua vida haverá vários desertos a serem atravessados; para cada um deles existe e existirá sempre essa representação; porém a cada travessia existe uma alegria inexplicável. Em seu modo de ver e de viver, eles não se restringem à seca, ou ao deserto, pois o deserto também é um tempo de experiência e aprendizado, de mística, de transcendência, de morte, porém a travessia também é tempo de nascimento. É outro modo de viver e ver a vida – a vida que caminha na lógica da natureza: ausência e presença da água, a qual ele sobrepuja por ser um forte, forte por sua religiosidade.

Geralmente, no período da ausência da chuva, escassez e falta da água, a mulher tem um papel fundamental e um sofrimento muito particularizado, pois na ausência do esposo, ela ocupa o lugar de mãe e pai e assume a chefia da família. Além de tomar conta da casa, buscar água em lugares difíceis e distantes, ela procura trabalho de diarista (lavagem de roupas, limpeza de casa, cozinha; bem como outros trabalhos, sejam eles domésticos ou também trabalho braçal, como limpar açudes, tanques de pedras, fazer carvão, plantar palma (plantio que acontece no período de seca) preparar o campo na destoca para o próximo inverno e outros trabalhos difíceis e pesados.

“As mulheres viúvas de maridos vivos” têm que assumir a total responsabilidade da educação dos filhos e, muitas vezes, compete a elas mantê-los na escola, alimentá-los, vesti-los e dar a formação moral e espiritual. São mulheres fortes, mais no espírito e na fé do que no físico. Mulheres guerreiras, rurais, mães, agricultoras, pecuaristas, trabalhadoras, religiosas, educadoras, femininas, amantes, irmãs e senhoras.

Parece que a letra da música Triste Partida, de autoria de Patativa do Assaré, interpretada por Luiz Gonzaga seja talvez o mais original retrato no qual encontramos as representações sociais do significado da falta de chuvas periódicas, a escassez da água e a seca, observemos:

*“Meu Deus, meu Deus Setembro passou
Outubro e Novembro, Já tamo em Dezembro
Meu Deus, que é de nós, Meu Deus, meu Deus
Assim fala o pobre Do seco Nordeste
Com medo da peste Da fome feroz*

*Ai, ai, ai, ai A treze do mês
Ele fez experiência Perdeu sua crença
Nas pedras de sal, Meu Deus, meu Deus
Mas noutra esperança Com gosto se agarra
Pensando na barra Do alegre Natal
Ai, ai, ai, ai Rompeu-se o Natal
Porém barra não veio O sol bem vermeio
Nasceu muito além Meu Deus, meu Deus...”*

*“Ai, ai, ai, ai Sem chuva na terra
Descamba Janeiro, Depois fevereiro
E o mesmo verão Meu Deus, meu Deus
Entonce o nortista Pensando consigo
Diz: "isso é castigo não chove mais não"
Ai, ai, ai, ai Apela pra Março
Que é o mês preferido Do santo querido
Sinhô São José Meu Deus, meu Deus
Mas nada de chuva. Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito O resto da fé...”*

*“Ele segue outra tria Chamando a famia
Começa a dizer Meu Deus, meu Deus
Eu vendo meu burro Meu jegue e o cavalo
Nóis vamo a São Paulo Viver ou morrer
Ai, ai, ai, ai Nóis vamo a São Paulo
Que a coisa tá feia Por terras alheia
Nós vamos vagar Meu Deus, meu Deus
Se o nosso destino Não for tão mesquinho
Ai pro mesmo cantinho Nós torna a voltar...”*

*“Ai, ai, ai, ai Em um caminhão
Ele joga a famia Chegou o triste dia
Já vai viajar Meu Deus, meu Deus
A seca terrívi Que tudo devora
Ai,lhe bota pra fora Da terra natal
Ai, ai, ai, ai O carro já corre
No topo da serra Oiando pra terra
Seu berço, seu lar Meu Deus, meu Deus
Aquele nortista Partido de pena
De longe acena Adeus meu lugar...”*

Na questão apresentada a eles, na qual lhes foi perguntado sobre os tipos (representações) de água que conhecem, foi expressa uma variedade de representações.

Da água presente no corpo humano foram citados: urina, lágrima, sangue, saliva, suor. Da natureza foram mencionados: chuva, rio, riacho, sub-solo, nuvens, plantas, lagos, lagoas, frutas, sementes, animais, peixes, nuvens, cachoeiras, mar, água nos estados sólido, líquido, gasoso, várzeas, brejos. Na experiência religiosa: água batismal (utilizada no sacramento do batismo na igreja, água benta utilizada para bênção de pessoas, lugares, objetos, água da purificação utilizada na liturgia da missa para purificação dos pecados, e purificação do sacerdote). Também foram referidas outras águas como: água suja, pesada, salgada, poluída, quente, fria, água ruim, boa, escura, clara, esgoto, barrenta, saneada, mineral (engarrafada), carro-pipa, poço, excrementos, do cata-vento (poço chamado artesiano) e água podre.

Nas entrevistas e no convívio com aquelas populações fica clara a água representada como infinitudes possíveis onde encontram-se todo o imaginário(virtual), mas também o informal, o princípio, as promessas de desenvolvimento da vida e ao mesmo tempo ameaças e morte, seja pela falta ou pelo excesso. O batismo, por exemplo, é um mergulhar nas águas, para delas sair sem dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, pois lavou-se da condição da paixão e morte de Cristo, para delas reformarem as origens, preencher novamente através de uma revigoração de força espiritual, de vida nova. As experiências destas populações expressam sempre as águas que trazem vida, força, nascimento, fecundidade, tanto no plano espiritual quanto no corporal.

A água, entendida como força substancial da manifestação da vida, tem o elemento da regeneração corporal e espiritual, o símbolo da fertilidade, da sabedoria, da graça e da virtude.

A relação do homem caririzeiro com a água parece ser uma relação não tão fácil de ser compreendida. Em um primeiro momento a água é um produto necessário para a vida. Mas a água é vista, também, como algo a ser consumido, como objeto de consumo. Mais que isso, ela é percebida ainda, portadora de bênção, divindade, pureza, paz, sagrado; ela faz parte dos vários ritos de passagem: nascimento, pois é na água que nomeiam as pessoas através do batismo; no

sacramento da reconciliação (penitência) asperge a água como purificação e perdão dos pecados; no casamento a água é utilizada para a benção das alianças; nos funerais são aspergidos com água o corpo e a sepultura antes do sepultamento, aliás, mesmo quando o bebê ainda está no ventre das mãe, à grávida é dada a benção e aspergida com água.

Essa mesma realidade é encontrada no decorrer da vida do homem; ela também se faz presente na natureza através de liturgias, novenas, orações e bênçãos, invocando santos e santas da igreja católica: São Cristóvão, protetor dos motoristas; São Pedro está ligado às águas; o dia de São José, 19 de março como possivelmente marca o início oficial do inverno no Cariri paraibano; São João, tempo de colheita; São Francisco, em 4 de outubro há benção aos animais; benção da garganta em 3 de fevereiro invocando São Braz (protetor da garganta). No dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, eles fazem a experiência das pedras de sal; nessa data, em um recipiente são colocadas 12 pedras de sal separadas uma das outras; uma pedra que “chova”, ou que se dissolver, representa a chuva que virá naquele mês.

A vida dessas pessoas é regida pela religiosidade e pela natureza, principalmente daqueles com mais de 50 anos de idade. A água se faz presente, mesmo quando ausente, em todos os momentos de maior significação: nas festas dos santos, no mês de junho (Santo Antonio, São João, São Pedro). Este período é o ápice de cada ano, pois nesse mês, com maior frequência, são celebrados casamentos e batizados; além disso, as maiores festas e as mais celebradas, comemoram o tempo da fartura, da colheita, dos reservatórios cheios (quando chove), das visitas dos que migraram, da venda dos animais que engordavam, da compra de roupas, móveis e outros objetos. As famílias geralmente se completam neste período. Depois de tanto tempo de seca, os rios, córregos, riachos, açudes, tanques e lagos agora estão cheios; a água também é utilizada para o lazer: a pescaria, o banho com toda a família, os piqueniques; afinal, tudo que tinha secado agora floresceu – as árvores estão cobertas de folhas e a terra de plantas, os pássaros voltam e se reproduzem, os animais se recuperam da seca e fome.

A religiosidade ali está presente com cunho devocional; os santos fazem parte das alegrias, dramas e esperança desses homens e mulheres que lhes confiaram os

pedidos e que souberam identificar-se com os desafios climáticos, geográficos, espirituais, sociais, psicológicos e afetivos. Na Comunidade São Francisco e no Sítio Poço Comprido, a religiosidade parece ser o eixo principal para congregar a comunidade; as pessoas deixam suas residências para, em torno do altar da igreja, viverem a experiência de fé através das missas, novenas, terços, procissões, romarias, casamentos, batizados, celebrações comunitárias. A religiosidade não é somente um momento importante da fé, mas vai além, ela cria uma maior comunhão social, maior participação da vida em comunidade que se reúne e reza unida, luta unida. Nesta oração eles colocam aquilo que é comum a todos e buscam decodificar questões como o problema da escassez das chuvas, plantio, colheita, pecuária, educação, família, doenças. Para os jovens é local de relacionamento para o futebol, namoros, brincadeiras e festas.

Em torno da comunidade espiritual se constrói e tece a comunidade social. As novidades são conhecidas na igreja; depois do ato religioso, as notícias são atualizadas como quem está doente, quem chegou ou partiu, casamento que vai acontecer, namoro que acabou, a troca ou compra de animais ou de outros objetos. Também acontecem ali os encontros dos compadres e comadres, dos namorados e futuros namorados, dos amigos. Os enfermos que estiveram presentes no ato religioso recebem palavras de consolo; é feita a apresentação das crianças que nasceram, é apresentada a solidariedade às famílias nas quais aconteceu algum óbito de membros, marcam-se visitas aos enfermos além de encontros gratuitos.

A experiência da religiosidade em torno do templo (igreja) expressa a igreja como casa não só da divindade. Aquele espaço é sentido como casa de cada fiel e, ao mesmo tempo, de toda a comunidade. Ali são construídas relações familiares, comunitárias, congrega-se e aproxima-se neste espaço relacionamento, convivência e sociabilidade. Essa prática traduz um Deus mais próximo, solidário e compassivo que vai além da expressão litúrgica e cultural. Deus sentido e respeitado de modo especial pelo sofrido nordestino que possui enorme fé e incomensurável religiosidade, nem sempre encontradas em regiões em que é mais fácil viver.

A religião, e não a ciência é o filtro para a compreensão do homem do semi-árido nestas comunidades no município de Cabaceiras – PB. Ele se decodifica ao decodificar o seu entorno a partir das suas representações sociais tendo como eixo

central um catolicismo eivado de outros elementos indígenas e africanos, ricos em elementos da natureza e devoções da própria igreja. Os Santos que vivem no seu imaginário, também são responsáveis pela interferência na natureza (chuvas, secas, plantio, colheita, saúde, doença, nascimento e morte); mais que isso ainda é perceptível uma outra presença. A força maior desse povo não está nos poderes públicos, nem na escola: a força maior deste povo é a fé e sua vivência religiosa para enfrentar a aridez e dificuldades físicas do semi-árido paraibano.

A vida nas pequenas comunidades, ao contrário do individualismo das grandes cidades, é muito forte.

Na cosmovisão destas populações rurais, um elemento característico de sua cultura é a solidariedade, uma solidariedade de cunho mais afetivo, determinada pelas relações entre seus membros, talvez seja pelo fato de eles conhecerem bem o sofrimento e as dificuldades de sobrevivência que permeiam a vida de todos. Acredito que esse fato desencadeie afetividade e hospitalidade impressionantes; as portas e janelas das casas geralmente estão abertas, as pessoas literalmente param os seus afazeres para receberem os que chegam e que, sem muita cerimônia, entram, sentam, comem, bebem e, até dormem ali, em uma atitude às vezes ingênua, sem muitas reservas ou desconfianças.

A racionalidade não é o elemento mais presente, mas sim o sentimento, a afetividade, o calor humano. Entre eles é comum a atitude de inter-ajuda, seja no trabalho, seja na agricultura ou pecuária, nas enfermidades; muitas vezes muitas pessoas da comunidade reservam dias ou semanas para velarem um moribundo até a morte dessa pessoa. Ainda é muito comum os nascimentos e mortes acontecerem nas residências e não nos hospitais. Os idosos geralmente são entendidos como sábios e respeitados pelos anos vividos e por sua experiência de vida. Eles falam e representam experiências vividas e têm memória, - a partir das necessidades de perspectivas de memória - trocam informações nas quais se instala a figura daquele que conta e atualiza essa cultura de compreender o incompreensível; geralmente estes papéis são dos atores mais velhos da comunidade avó-avô-pai, mãe-tio-tia. Os laços são muito fortes e eles compartilham o bom e o mau, o bem e o mal, talvez o certo e o errado.

V₂. Água na espiritualidade judaico-cristã

“Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, em primeiro lugar, a origem da criação. O mem (M) hebraico simboliza a água sensível: ela é mãe e matriz (útero). Fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e deve ser, em consequência, considerada como uma *hierofania*⁷¹.”

<http://www.ana.gov.br/aguaecultura/anexos/dicionario.doc> acessado 12 abril 2010

Quando nos debruçamos sobre as escrituras judaico-cristãs, as primeiras grande figuras citadas são as águas e o Espírito que pairava sobre elas. É a partir daí que o texto nos apresenta os elementos fundantes no qual a matéria é água e o sopro é o Espírito. Nesta narrativa temos o início, o princípio de toda a realidade criacional; formou-se então um grande ecossistema de águas diversas, algas, macrófitas⁷², terras, plantas e animais. Podemos aprender que o Espírito fecunda a água que é materialidade e vida, ou seja, na compreensão bíblica, tudo é vida e a água é entendida como mãe de todas as coisas.

Na compreensão judaico-cristã, a espiritualidade e a história do povo hebreu se fazem presente o tema água, mesmo quando ela está ausente; por exemplo, na experiência do deserto temos fortemente a compreensão da busca da água não apenas como algo necessário à vida, mas a busca da espiritualidade da água como libertação.

Um dos quadros mais significativos que encontramos nas várias casas dos entrevistados na Comunidade São Francisco, Cabaceiras, PB foram a Passagem do Mar Vermelho e a Arca de Noé. O primeiro quadro representa sair da escravidão em busca da terra prometida na qual correm leite e mel – uma terra sem males. Nisto temos o sentido da esperança de uma terra que retome o Édem – a primeira criação sem o pecado. O segundo quadro, a figura da Arca de Noé, representa duas

⁷¹ Hierofania – aparecimento ou manifestação reveladora do sagrado.

⁷² As macrófitas aquáticas, em sua grande maioria, constituem vegetais superiores que retornaram ao ambiente aquático. Dessa forma, apresentam ainda algumas características de vegetais terrestres e grande capacidade de adaptação a diferentes tipos de ambientes (ESTEVEZ, 1998). Dada a sua heterogeneidade filogenética, são geralmente classificadas segundo seu biótipo no ambiente aquático, nos seguintes grupos ecológicos: . Macrófitas aquáticas emersas: enraizadas, porém com folhas fora d'água. Ex: *Eleocharis* sp, *Typha domingensis*.; Macrófitas aquáticas com folhas flutuantes: enraizadas e com folhas flutuando na superfície da água. Ex: *Nymphaea* sp, *Nymphoides* sp.; Macrófitas aquáticas submersas enraizadas: enraizadas, crescendo totalmente submersas na água. Ex: *Egeria densa*, *Mayaca* sp.; Macrófitas aquáticas submersas livres: permanecem flutuando submergidas na água. Geralmente prendem-se a pecíolos e caules de outras macrófitas. Ex: *Utricularia* sp. Macrófitas aquáticas flutuantes: flutuam na superfície da água. Ex: *Pistia stratiotes*, *Eichhornia* sp.

realidades das águas: a primeira é a morte e o fim de um mundo de uma humanidade corrompida pelo mal. Essa mesma água em que submerge todo mal humano e que cobre todas as coisas, com exceção da Arca de Noé que garante uma nova criação, da qual o primeiro mal foi exterminado. Sobre essas águas emerge uma grande semente dentro da qual está todo o macro ecossistema: a Arca de Noé.

No capítulo 12 de Gênesis – a água destrói, mas ela refaz, ela recria uma outra criação e uma nova humanidade. Esses dois exemplos representados nessas figuras demonstram a profunda espiritualidade religiosa de cunho ético-moral na perspectiva judaico-cristã.

Nas Sagradas Escrituras, encontramos a água como lugar privilegiado de vários acontecimentos significativos da vida dos hebreus: poços, fontes, rios, mares, lagos e a encontramos até nos oásis dos desertos. Podemos citar alguns fatos importantes: todavia, a água, como, aliás, todos os símbolos, pode ser encarada em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhum modo irredutíveis e essa ambivalência se situa em todos os níveis. A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora.

“Na Bíblia, os poços no deserto, as fontes que se oferecem aos nômades são outros tantos lugares de alegria e encantamento. Junto das fontes e dos poços operam-se os encontros essenciais. Como lugares sagrados, os pontos de água têm papel incomparável. Perto deles, nasce o amor e os casamentos principiam. A marcha dos hebreus e a caminhada de todo homem na sua peregrinação terrena estão intimamente ligadas ao contato exterior ou interior com a água. Esta se torna, então, um centro de paz e de luz, oásis.

A Palestina é uma terra de torrentes e de fontes. Jerusalém é regada pelas águas tranqüilas de Silóé. Os rios são agentes de fertilização de origem divina, as chuvas e o orvalho trazem consigo a fecundação e manifestam a benevolência divina. Sem água, o nômade seria imediatamente condenado à morte e crestado pelo sol da Palestina. Assim, a água que ele encontra no caminho é comparável ao maná celeste: desalterando-o, ela o alimenta. É por isso que se reza pedindo água, pois é ela objeto de súplica. Que Deus escute o grito do seu servo, que lhe envie os seus aguaceiros, que faça encontrar os poços e as fontes. A hospitalidade exige que se apresente água fresca ao visitante, que seus pés sejam lavados, a fim de assegurar a paz do seu repouso. Todo o Antigo Testamento celebra a magnificência da água. O Novo receberá esse legado e saberá utilizá-lo.”
<http://www.ana.gov.br/aguaecultura/anexos/dicionario.doc> Acesso 12 abril 2010.

Falar da espiritualidade judaico-cristã é citar a transversalidade da água, falar de suas significações e simbologia. A água, neste caso, não apenas um meio utilizado para representar a bênção e a ação de Deus na história da espiritualidade. Muitas vezes ela é a própria representação social de Deus conforme:

“Jeová é comparado a uma chuva de primavera (Oséias, 6, 3), ao orvalho que faz crescer as flores (id., 14, 6), às águas frescas que descem das montanhas, à torrente que sacia. O justo é como a árvore plantada à beira de águas correntes (Números, 24, 6). A água aparece, então, como um sinal de bênção. Mas convém reconhecer nela justamente a origem divina. Assim, e segundo (Jeremias, 2, 13), o povo de Israel, na sua infidelidade, desprezando Jeová, esquecendo suas promessas e deixando de considerá-lo como a fonte de água viva, quis cavar suas próprias cisternas. Estas, porém, gretadas, não conservavam a água. Jeremias, verberando a atitude do povo em face de Deus, fonte de água viva, lamenta-se dizendo: *Eles farão do seu próprio país um deserto* (18, 16). As alianças estrangeiras são comparadas às águas do Nilo e do Eufrates (11, 18). A alma busca seu Deus como o cervo sedento busca a presença da água viva (Salmos, 42, 2-3). A alma aparece, assim, como terra seca e sedenta, orientada para a água. Espera a manifestação de Deus como a terra ressecada anseia pelas chuvas que deverão encharcá-la (Deuteronômio, 32, 2). É muito natural que os orientais tenham visto, assim, a água, primeiro como um sinal e um símbolo de bênção: pois não é ela que permite a vida? Quando Isaías profetiza uma era nova, diz: *brotará água no deserto... o país da sede se abrirá em fontes...* (Isaías 35, 6-7). O vidente do Apocalipse não fala outra linguagem: *O Cordeiro... os conduzirá às fontes das águas da vida* (Apocalipse, 7, 17).

A água é dada por Jeová à terra, mas trata-se de uma outra água, mais misteriosa: provém da Sabedoria, que presidiu, no momento da criação, à formação das águas (Jó, 28, 25-26; Provérbios, 3, 20; 8, 22, 24, 28-29; Eclesiástico, 1,2-4). No coração do sábio reside a água; ele é semelhante a um poço e a uma fonte (Provérbios, 20, 5; Eclesiástico, 21, 13), e suas palavras têm a potência da torrente (Provérbios, 18, 4). Quanto ao homem privado de sabedoria, seu coração é comparável a um vaso rachado que deixa escapar o conhecimento (Eclesiástico, 21, 14). Ben Sira compara a Torá (*Torah*: a lei mosaica) à Sabedoria, pois a Torá espargue uma água de Sabedoria. Os Padres da Igreja consideram o Espírito Santo como autor do dom de sabedoria, que dispensa aos corações sequiosos. A água se torna o símbolo da vida espiritual e do Espírito, oferecidos por Deus e muitas vezes recusados pelos homens.”
<http://www.ana.gov.br/aguaecultura/anexos/dicionario.doc> Acesso 12 abril 2010.

Foi no contexto de profunda escassez da água que a humanidade conheceu a sua mais ilustre Personagem – Jesus de Nazaré. Sua presença em missão universalizou-se e teve como marco sua vida pública; às margens do Rio Jordão, Jesus é batizado e diante do Pai assume sua vida como uma entrega à humanidade e ao seu *Abba* (paizinho em hebraico): tem início o tão desejado projeto de

construção do Reino de Deus. Jesus, ao largo do mar da Galiléia, convida João, Pedro, Thiago e André para serem seus discípulos, e deixarem as redes de peixes para se tornarem pescadores da humanidade. A vida de Jesus foi marcada por fatos importantes de cura, de milagres, de palavras e obras e, muitas vezes Ele utilizou a água para manifestar transcendência, fazendo visível Seu Reino e definindo-se como Fonte de Água Viva. (João, 4)

Jesus retoma esse simbolismo no seu diálogo com a samaritana: *Aquele que beber da água que eu lhe darei não terá mais sede... A água que eu lhe darei se tornará nele fonte de água a jorrar em vida eterna* (João 4, 4).

Símbolo, antes de tudo, de vida no antigo Testamento, a água se tornou, no Novo, símbolo do Espírito (Apocalipse 21).

Jesus Cristo se revela Senhor da água viva à samaritana (João 4, 10). Ele é a fonte: *Se alguém tiver sede, que venha a mim e se desaltare* (op.cit. 7,37-38). Como do rochedo de Moisés, a água jorra do seu seio e, na cruz, a lança fará correr sangue e água do seu flanco aberto. É do Pai que flui a água viva, comunica-se pela humanidade do Cristo ou, ainda, pelo dom do Espírito Santo que, conforme o texto de um hino de Pentecostes, é *fons vivus* (manancial de água viva), *ignis caritas* (fogo de amor), *Altissimi Donum Dei* (Dom do Altíssimo Deus). São Atanásio explica o sentido dessa doutrina, dizendo: O Pai sendo a fonte, o Filho é denominado rio, e diz-se que nós bebemos o Espírito (*Ad Serapionem*, 1, 19). A água se reveste, então, de um sentido de eternidade. Aquele que bebe dessa água viva participa antecipadamente da vida eterna (João 4, 13-14). <http://www.ana.gov.br/aguaecultura/anexos/dicionario.doc> Acesso 12 abril 2010.

Na espiritualidade judaico-cristã, como referido anteriormente, a água é o elemento fundamental ou fundante para a vivência espiritual, seja através das varias citações da água na Bíblia ou na transversalidade do tema nos vários fatos reveladores nesses mais de três mil anos de história, seja na liturgia sacramental da Igreja Católica Apostólica Romana – como por exemplo os Sacramentos: Batismo, Eucaristia, Matrimônio, Unção dos Enfermos, Ordem, Penitência ou Reconciliação, além das várias emoções populares em que os fiéis utilizam a Água Benta para bênçãos de vários objetos de devoções: terços, rosários, quadros, imagens de Santos, grávidas, crianças, enfermos, casas, plantações, estabelecimentos públicos, hospitais, colégios, indústrias, comércio etc.

V₃. Representações sobre os Santos Padres da Igreja

Ao longo da história da Igreja Católica Apostólica Romana até os dias de hoje, é encontrada uma farta e preciosa reflexão a respeito da espiritualidade da água. Desde a primeira comunidade primitiva até os dias de hoje religiosos e religiosas usufruíram e aprofundaram a temática da espiritualidade da água. Tema que, por mais que seja estudado e discutido, por mais que seja sobejamente conhecido, sempre poderá ser desenvolvido e aprofundado no que refere à mística da água. Acredito ser importante apresentar algumas compreensões da espiritualidade da água na visão dos Santos Padres

A água viva, a água da vida se apresenta como um símbolo cosmogônico. E porque ela cura, purifica e rejuvenesce, conduz ao eterno. Segundo Gregório de Nissa, os poços conservam uma água estagnada. *Mas o poço do Esposo é um poço de águas vivas. Ele tem a profundidade da cisterna e a mobilidade do rio.*

Segundo Tertuliano, o Espírito Divino escolheu a água entre os diversos elementos. É para ela que se voltam as suas preferências, pois ela se mostra, desde a origem, como matéria perfeita, fecunda e singela, totalmente transparente (*De baptismo*, 3). Possui, por si mesma, uma virtude purificadora e, por mais esse motivo, é considerada sagrada. Onde seu uso nas abluções rituais. Por sua virtude, a água apaga todas as infrações e toda mácula. A água do batismo, e só ela, lava os pecados, e só é conferida uma vez porque faz aceder a um outro estado: o do homem novo. Essa rejeição do homem velho, ou melhor, essa morte de um momento da história, é comparável a um dilúvio, porque este simboliza uma desapareição, uma destruição: uma era se aniquila, outra surge.

A água, possuidora de uma virtude lustral, exercerá ademais um poder soteriológico. A imersão nela é regeneradora, opera um renascimento, no sentido já mencionado, por ser ela, ao mesmo tempo, morte e vida. A água apaga a história, pois restabelece o ser num estado novo. A imersão é comparável à deposição do Cristo no santo sepulcro: ele ressuscita, depois dessa descida nas entranhas da terra. A água é símbolo de regeneração: a água batismal conduz explicitamente a um novo nascimento (João 3,3-7), é iniciadora. O pastor de Hermas fala daqueles que *desceram à água mortos e dela subiram vivos*. É o simbolismo da água viva, da *fonte de juventude*. O que tenho em mim, diz Inácio de Teóforo (segundo Calisto), *é a água que opera e fala*. Sabe-se que a água da fonte de Castália, em Delfos, inspirava a Pítia. A água da vida é a Graça divina.

Os cultos são deliberadamente concentrados em torno das nascentes de água. Todo lugar de peregrinação comporta seu olho d'água, sua fonte. A água pode curar em razão das suas virtudes específicas. No curso dos séculos, a Igreja se levantou muitas vezes contra o culto prestado às águas. A devoção popular considerou sempre o valor sagrado e sacralizante das águas. Mas os desvios pagãos e a volta das superstições constituíam, sempre uma ameaça. A magia espreita o sagrado para pervertê-lo na imaginação dos homens.

Se as águas precedem a criação, é evidente que elas continuam presentes para a recriação. Ao homem novo corresponde a aparição de um outro mundo.

Em certos casos, e já o dissemos no começo deste verbete, a água pode fazer obra de morte. As *grandes águas* anunciam, na Bíblia, as provações. O desencadeamento das águas é o símbolo das grandes calamidades.

Certeiras, surgirão rajadas de raios, do teso arco das nuvens para o alvo voarão; sua funda lançará furiosa saraivada, contra eles lufarão as ondas do mar, sem piedade os rios os afogarão. Um sopro poderoso se levantará contra eles e os dispersará qual furacão. (Sabedoria 5, 21-23).

A água pode destruir e engolir, as borrascas destroem as vinhas em flor. Assim, a água também comporta um poder maléfico. Nesse caso, ela pune os pecadores, mas não atinge os justos: estes nada têm a temer das *grandes águas*. Às *águas da morte* concernem apenas os pecadores e se transformam em *águas de vida* para os justos. Como o fogo, a água pode servir de ordálio⁷³. Os objetos nela lançados se julgam, a água não profere sentença.

Símbolo da dualidade do alto e do baixo: água de chuva – água do mar. A primeira é pura; a segunda, salgada. Símbolo de vida: pura, ela é criadora e purificadora (Ezequiel 36, 25); ela produz maldição (Números 5, 18). Os rios podem ser correntes benéficas ou dar abrigo a monstros. As águas agitadas significam o mal, a desordem.

Os maus são comparados ao mar agitado... (Isaias 57, 20). *Salva-me Ó Deus, pois a água está subindo ao meu pescoço. Estou afundando num lodo profundo, sem nada que me afirme (...) ...* (Salmos 69, 1-2).

As águas calmas significam a paz e a ordem (Salmos 23, 2). No folclore judaico, a separação feita por Deus, quando da criação das águas superiores e inferiores, designa a partilha das águas masculinas e femininas, simbolizando a segurança e a insegurança, o masculino e o feminino, o que se liga, como já foi dito, a um simbolismo universal.

(<http://www.ana.gov.br/aguaecultura/anexos/dicionario.doc>) acesso 12 abril 2010.

A água como uma realidade apocalíptica

Podemos observar que a seca é a realidade vivida pelo caririzeiro com mais cinqüenta anos de idade, que viveu parte considerável da vida – às vezes toda ela – geralmente na zona rural dos Cariris Velhos, que é o ecossistema deste estudo. Ele compreende o mundo, regido pela fé e não pela ciência ou pela lógica cartesiana, essa fé é vivida no catolicismo de cunho popular. Como a proposta é analisar essa vivência e esse posicionamento dos indivíduos entrevistados – que compuseram a

⁷³ Prova judiciária feita com a concorrência de elementos da natureza e cujo resultado era interpretado como um julgamento divino; juízo de Deus.

amostra da população – com base nas representações sociais, e como a realidade do semi-árido não é a água, mas sua escassez, falta e seca, elas é que serão o objeto do estudo das representações de Moscovici.

Podemos refletir questões como a entrevista da senhora MSA, 68 anos, mãe de 8 filhos que fala o seguinte sobre a seca:

“teve muita seca de 50 a 60, foi uma seca monstra; quase morreu a madeira toda. Estava no Rio e cheguei e tive vontade de voltar”.

A representação da água no caso da escassez e seca de quase uma década, foi representada como uma realidade apocalíptica, “fim do mundo”, “seca monstra”. Uma monstruosidade da natureza algo maior que atinge tudo, penetra tudo, ameaça tudo, causa desordem total, leva essa guerra à fuga. A seca aqui é representada como monstro literalmente, ela visualiza na morte da natureza a ausência da água. “Quase morreu tudo”. É uma experiência muito forte, representa também o sofrimento, a perda, a ausência da água, presença através da morte do entorno das coisas e das perdas não só material, mas também espiritual e relacional. Continua a senhora MSA:

“conviver com a seca é muito difícil, mas a gente convive. Não tem produção, não tem comida para os animais. Tem muita despesa, bicho chega a morre de fome. A enchente destrói muito o roçado, carrega a madeira...”.

Eles estão sempre em situação de risco e podemos imaginar além da pobreza em que vivem as pessoas nessa zona rural - região em processo de desertificação, com os menores índices pluviométricos do país. “A seca é muito difícil” fala Dona MSA; o tema da água sempre presente é ponto central na agenda. A seca ou a escassez da água pode ser representada como um combate de vida e morte, e eles lutam contra ela, contra a seca como um ser destruidor e forte, mas ao mesmo tempo assim falou a nossa entrevistada “a seca é muito difícil, mas a gente convive”. Fica entendido a sua presença indesejável, porém quase inseparável daquelas populações. A seca por ser ausência da água torna-se presença da sempre desejada e esperada chuva.

Essa menção da representação da seca, ausência ou falta de água, nos remete às representações vivenciadas por essas populações no dia-a-dia; e assim é possível entender quando todos definem o que representa água - “água é vida” - , a

questão de não ter água é uma das representações para esse grupo, representação de ameaça contínua de morte, por isso falamos anteriormente da falta da água como uma contínua realidade de fim de mundo; morte dos rios, plantas, lagos, peixes e animais, de tudo, inclusive da pessoa humana.

A ausência de água para aquele povo geralmente pobre, no período da seca tem custo não apenas ambiental, social, espiritual, mas econômico.

Fala Dona MSA:

“não tem produção, não tem comida para os animais, tem muita despesa, os bichos chegam a morrer de fome”.

A insuficiência da regularidade de água para conviver no semi-árido nordestino, foi e continua a ser uma tarefa difícil para as populações autóctones e os poderes públicos têm demonstrado a incapacidade de solucionar esse problema social.

As representações encontradas na escassez da água foram diversas vezes referidas no decorrer deste trabalho de mestrado. Podemos entender a água como elo de identidade, de construção do ser, construção de uma sociedade onde sejam asseguradas as garantias fundamentais da pessoa humana. A manutenção das populações desta região do semi-árido e a preocupação de áreas degradadas e em processo de desertificação, seja a seca, escassez, ou as enchentes, são constantes ameaças a todos (pessoais, animais, plantas e a própria biodiversidade).

Na fala de Dona MSA, a oração e a experiência religiosa, não é uma forma de resignação mas de resistência, de perseverança, perseverança para manter-se sempre em confronto onde e quando tudo leva às perdas, ao fracasso e, às vezes, leva à vitória. Essas pessoas guerreiras lutam contra a ineficiência dos poderes públicos, o isolamento, a própria realidade climática, o alto custo de viver na privação, a fome, a seca e o abandono. Porém a religiosidade é o elemento fundamental para a resistência de um enfrentamento da seca e da escassez da água e das várias realidades que dificultam a permanência do caririzeiro nos cariris paraibanos.

O grande hino de todo o semi-árido e que de um modo extremamente feliz foi interpretado por Luiz Gonzaga - o artista que mais teve competência para falar da

seca, escassez, falta de água, enchentes, além do sentimento do homem e da mulher do nordeste - nesta composição de sua autoria junto com Humberto Teixeira.

Asa Branca

Quando oiei a terra ardendo
Com a fogueira de São João
Eu perguntei, a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por farta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas légua
Numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo
Para mim vortá pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu
Meu coração

Quando falamos em escassez de água percebemos uma unanimidade ou senso comum para essa representação: a escassez é visto, a exemplo do que fala a senhora PJS, 78 anos:

Já vi foi muita fome, no tempo de criança. To rica hoje, mas passei fome. A comida era xique-xique no tempo de criança, comendo fruta de facheiro, não tinha outra coisa pra comer. Minha mãe dizia: vamos caçar fruta de facheiro, lá por aqueles mundo de longe, bem longe; quando chegava ia repartir as frutas que era o almoço da gente e deixava um bocado pra de noite ser a janta. As vezes chegava tarde e era almoço e janta. Caçava pra ficar de um dia pra outro”.

A senhora RAF, 52 anos, falando da escassez e da seca, assim diz:

“Já, muita (seca) carregava água na cabeça. A seca é direto aqui. Lá ia buscar na serra de Pai Mateus, na Viração... Sofri tudo no mundo, passei necessidade; lata d’água na cabeça. O tempo da seca é sacrifício. Depois da aposentadoria é bom demais. Comia xique-xique, mas era conformada e satisfeita”

Ao observarmos textos como estes percebemos que estamos diante de uma representação social. A questão da seca, escassez ou ausência de água é uma realidade de séculos, mesmo com a dificuldade da escassez da água, existe a questão da terra, ela é objeto primeiro e não só a água durante centenas de anos. Povos indígenas e as populações mais recentes tentaram buscar meios para conviver neste semi-árido. Os dados da pesquisa nos revelam que sempre houve a presença de populações humanas nessas regiões. É possível que essa representação social ainda não esteja objetivada totalmente para aqueles entrevistados porque talvez por supor que com o processo migratório seja interpretado somente pela questão da seca e essa compreensão pode estar equivocada. Porém, ao nos depararmos com a música e outras expressões culturais, veremos que o desejo no homem do semi-árido é estar em sua terra, manter-se no cariri que é a caatinga nordestina.

Ao ouvirmos as falas dos entrevistados sobre as questões discutidas neste trabalho, por mais difícil que a situação se apresente como nos falou o senhor MCR:

“A água é vida, ninguém pode viver sem ela, nem árvore, nem bicho, hoje necessita demais. Tanta gente conduzindo na cabeça com léguas (distância de 6 Km) e de mais duzentas pessoas carregando na cabeça, num pote ou numa lata ou qualquer coisa... Nasci em 1918. Teve seca 20, 21, 22, 23 choveu 24 e 26 até bom, 27, 28, 29 e 30 não teve nada de água; teve uma data 48 até 60; 12 anos de seca nesse lugar sem chover nada 48 pra 60; 12 anos de seca”.

O que são 12 anos de seca?

“A maior dificuldade deste mundo carregando água na cabeça, a léguas de distância, água de cacimba e quando foi nessa de 12 anos morreu todas as árvores do conhecimento, morreu tudo e não ficou um pé de marmeleiro, somente nesse conhecimento daqui (Comunidade São Francisco) de Cabaceiras (cidade a 15 Km de distância)”.

Parece haver certa resignação diante da problemática das representações na discussão da ausência da chuva, uma região de desolação e um povo com resignação. Esses elementos parecem claros, porém percebemos ser muito mais

importante ressaltar – diante da resignação – outros elementos, não apenas a resignação e a passividade, mas a resistência diante dos problemas no período de verão (seca) com escassez da água e, muitas vezes sua falta.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa, como eixo central, comprovou, a hipótese que a escassez de água no semi-árido brasileiro e as extemporâneas enchentes que fizeram parte do difícil cotidiano da população que atualmente tem mais de 50 anos teria exercido papel relevante nas representações da água nas identidades sociais, no cristianismo popular dos grupos minoritários que habitam essa região.

A cosmovisão que rege as vidas dos entrevistados de São Francisco e Poço Comprido, não é a racionalidade cartesiana e sim a lógica cíclica da natureza marcada por duas sações: o verão que pode chegar a até 10 meses por ano, período que geralmente não tem chuva alguma e o esperado inverno, período de dois a quatro meses, no máximo cinco meses, com possíveis chuvas.

Esta realidade permitiu-nos perceber a religiosidade como ponto fundante que marca o tempo através das festas de santos católicos. Uma religiosidade devocional, na qual os santos estão estreitamente ligados à natureza e são intercessores para a chuva. O inverno oficialmente começa com a festa de São José no dia 19 de março. Esta festa religiosa não é apenas o início oficial do possível inverno, mas são comemorada e pré-anunciada a certeza de um bom inverno com chuvas abundantes, reservatórios cheios e sangrantes e, principalmente, uma boa pastagem para engordar os animais e, ainda, uma fartura na colheita.

Temos um tempo marcado pela escassez da água e um tempo em que as chuvas vêm acompanhadas por uma religiosidade devocional com elementos afro-ameríndios que, possivelmente, facilitam o entendimento desta realidade em que vive o homem caririzeiro, no interior do estado da Paraíba, o terceiro estado com o maior número de católicos do País.

A espiritualidade, ligada à festa dos vários santos e santas católicos, e a religiosidade marcam a vida como parte fundamental e principal para a vida social: casamentos, batizados, velórios, primeira eucaristia, crisma, missas, terços, novenas e nos trabalhos pastorais, pastoral da criança, grupo de jovens, pastoral dos enfermos, celebrações da palavra (novena de natal, mês de maio, via-sacra, campanha da fraternidade).

Planta-se no dia de São José e colhe-se no dia de São João, última semana do mês de Junho, mês de maior festividade em torno do semi-árido nordestino. Nesse mês celebra-se a festa de Santo Antonio, protetor dos solteiros e solteiras que procuram casamento; São João, tempo de colheita, é a festa mais comemorada em todo o nordeste; e São Pedro, aquele que tem as chaves do céu e está ligado à água, às chuvas e às trovoadas.

Outras festas importantes se fazem presentes no calendário: em janeiro, Festa de Reis e São Sebastião, o último, protetor contra as pestes e enfermidades; em fevereiro, Nossa Senhora da Luz e início da quaresma; em março, São José e o esperado inverno; Abril, final da quaresma e Semana Santa; Maio, mês das mães e Maria (terço, novenas, missas etc.), Junho, as festas juninas são o ápice da vida celebrativa do semi-árido; Julho, os santos avós (São Joaquim e Santana); Agosto, o mês temático, mês vocacional e festa de São Bento, um dos padroeiros da paróquia de Cabaceiras que faz a festa tradicional; Setembro, mais um mês temático – mês da bíblia e festa da Santa Cruz e Nossa Senhora das Dores; Outubro, mês dedicado às missões e festa de São Francisco padroeiro que nomeia a localidade na qual foi realizado o trabalho de campo; um dos santos mais venerados no mundo, é padroeiro da ecologia e protetor dos animais; Novembro, festa de todos os santos, celebram ainda o Dia de Finados; Dezembro, festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, também Santa Luzia protetora dos olhos e o Natal do Senhor Jesus.

O elemento religioso foi encontrado nas várias atitudes de resignação e na passividade diante da realidade secular da escassez da água, porém percebe-se mais forte a persistência, a luta para não deixar o seu torrão (terra), o enfrentamento e a convivência com a seca. O homem do Cariri é portador de uma mística e espiritualidade de luta para aprender a conviver com a seca e não abandonar a terra, ele não quer lutar contra a seca, ele busca aprender a conviver com ela; ela é parte significativa deste ecossistema e conviver com ela é fundamental para permanecer na região dos cariris velhos da Paraíba.

Outro elemento importante é a solidariedade afetiva, pois entre eles ela é muito forte, seja nos momentos de enfermidades, escassez da água, nos vários trabalhos não só no campo, mas na casa, no nascimento de uma criança, na doença de membros da comunidade, ou com família do enfermo que recebe ajuda material e espiritual e na construção ou reforma de casas. Quando desaparecem animais, a

procura acontece em uma espécie de mutirão. Talvez essa solidariedade afetiva seja mais impressionante, mais patente e mais dadivosa na partilha da água – o mais precioso bem nesta região; água que não é vendida e cuja busca é partilhada na construção de cisternas e em vários outros momentos da vida do povo. Antes de tudo, os entrevistados se referem à água como fonte de vida. “água é vida”, origem e princípio de todas as coisas.

Para todos nós, a água é o âmago da vida, a sua essência. Bem sabemos que sem água não há vida – pelo menos a vida como nós a conhecemos e concebemos – e a população de Cabaceiras ainda o sabe mais por sofrer com sua falta.

Para os entrevistados – e, provavelmente, para os nordestinos que sofrem a seca, a água está como centro da existência, esteja ela ou não presente, mais presente se estiver ausente; mesmo quando não se tem, ela está presente no imaginário daquele povo que reflete o mundo. Povo que pensa ver o mundo a partir de sua presença ou ausência, ver o mundo através dela, mas ele sabe ver também a partir da sua falta.

O tema água é, para o forte sertanejo, o espelho onde ele se vê. A água como comunicação de si mesmo, com os outros e com o meio ambiente; as relações entre eles e o divino, o mundo através das festas; celebrações litúrgicas: missa, casamento, batizado, nascimento, morte, plantio, colheita, refeição, lazer, dor, sentimento, trabalho, namoro e dança.

Água presente no ar, água como luz para os seus olhos e esperança na vida dessa população forte e sofredora. A água é o elemento mais desejado, seja para o homem, seja para a terra, animais, plantas, aves, insetos, sol ou ar.

Para eles a água é algo que compõe a humanidade física, cultural ou religiosa da pessoa, a água como vida e parte dela nas várias formas da vida e da água. A água como identidade, corporeidade, religião, comunhão, parte da existência física ou simbólica pessoal ou social, nos sonhos, na vida ou na morte.

Assim esse elemento ora é parte-e-todo de todas as coisas visíveis e invisíveis. Simbólica, diabólica, ou divina, representativa e imaginária.

A água em sua significação simbólica pode ser compreendida como fonte de vida, esta foi a frase mais dita e repetida nas entrevistas; 100% dos mais de cinquenta entrevistados foram unânimes em responder que a água é vida e, principalmente a água de chuva.

A água pode ser vista como boa ou má, em função do lugar onde ela esteja, do contato que ela tenha tido ou venha a ter. Na compreensão do caririzeiro toda água de chuva é boa.

Fica bastante patente e claro que a água pode ter uma multiplicidade de representações e significados segundo a cosmovisão dos entrevistados. Eles têm sua própria moral uma moral de pensar a água, (bem por isso não a vendem: dão).

A busca da água não é apenas a busca de um alimento para manter-se vivo. Na ausência da água, fica claro que ela é, de fato, a própria vida. Como disse o caririzeiro, “ela é tudo: é vida”.

A realidade da ausência tem seus sinais não apenas na natureza, mas também, dentro dos lares e, geralmente, na vida dos mais pobres desta região, que não se deixam vencer, mas lutam mesmo na ausência da água – na seca. Eles sempre são sedentos da vida representada na presença ou ausência da água.

A água ausente é falta de energia – água é a energia que todos buscam. O homem do semi-árido, no seu imaginário – inverno, período das chuvas; verão, período de seca – vê nas duas estações o verão sempre certo e o inverno sempre, ou quase sempre, incerto. O olhar se volta para a tão desejada, incerta e esperada chuva.

Para o caririzeiro, todo o período de seca é sempre um período de preparação para a chegada das chuvas. Esses homens e mulheres nas ausências das chuvas dedicam seu tempo a preparar seus açudes, tanques, cisternas e os vários reservatórios – sem que esmoreça a esperança de que a chuva virá.

Na ausência da água temos, também, a representação de uma preparação para a festa, a celebração da vida, a fecundação dos campos, o plantio; essa espera na ausência faz presença, faz sonhar com que volte a viver tudo que esteja como morto. Parece que isso nos induz a fazer analogia com o período de gravidez, gestação, fecundidade – esperança.

Diante da falta ou escassez, não é difícil compreender a subjetividade do homem do semi-árido, cheio de dor, mas principalmente, repleto de sonhos, sentimentos, força, coragem e luta; essa ausência é algo que desafia essas populações a vencerem a luta cotidiana para superarem a si mesmos ou para aprenderem a conviver com a permanente seca em sua história.

Faltar água significa faltar vida, faltar tudo, alimento, trabalho: quando falta água sobeja privação, desnutrição, doenças, perda do plantio, perda do rebanho, desemprego, separação dos cônjuges.

A ausência da água é sempre período de riscos, além disso, é um período muito longo, que parece ainda mais demorado devido à penúria. Essa mudança não se restringe à natureza, mas abarca as relações familiares e sociais.

A seca é sempre um deserto que os povos do semi-árido são chamados a atravessar todos os anos de suas vidas. Não é possível imaginar ou decodificar essa realidade incompreensível. O homem do cariri tem a certeza que em sua vida haverá vários desertos a serem atravessados, para cada um deles existe e existirá sempre essa representação; porém, a cada travessia existe uma alegria inexplicável. Em seu modo de ver e de viver, eles não se restringem à seca, ou ao deserto, pois o deserto também é um tempo de experiência e aprendizado, de mística, de transcendência, de morte, porém a travessia também é tempo de nascimento. É outro modo de viver e ver a vida – a vida que caminha na lógica da natureza: ausência e presença da água, à qual ele sobrepuja por ser um forte, forte por sua religiosidade.

A água é percebida, ainda, como portadora de benção, divindade, pureza, paz, sagrado; ela faz parte dos vários ritos de passagem: nascimento, pois é na água que nomeiam as pessoas através do batismo, no sacramento da reconciliação (penitência) a água é aspergida como purificação e perdão dos pecados, no casamento a água é utilizada para a benção das alianças; nos funerais são aspergidos com água o corpo e a sepultura antes do sepultamento.

Na comunidade São Francisco e no Sítio Poço Comprido, a religiosidade parece ser o eixo principal para congregar a comunidade; as pessoas deixam suas residências para, em torno do altar da igreja, viver a experiência da fé.

A religiosidade não é somente um momento importante da fé, mas vai além, ela cria maior comunhão social, maior participação da vida em comunidade que se reúne e reza unida, – luta unida. Nesta oração eles colocam aquilo que é comum a todos e buscam decodificar questões como o problema da escassez das chuvas.

Em torno da comunidade espiritual se constrói e é tecida a comunidade social. As novidades são conhecidas na igreja; depois do ato religioso, as notícias são

atualizadas como quem está doente, quem chegou ou partiu, casamento que vai acontecer, namoro que acabou a troca ou compra de animais e de outros objetos.

A experiência da religiosidade em torno do templo (igreja) expressa a igreja como casa não apenas da divindade. Aquele espaço é sentido como casa de cada fiel e, ao mesmo tempo, de toda a comunidade.

A casa revelou ser o núcleo simbólico, na qual os entornos espaciais internos e externos têm uma linguagem representativa ligada a uma transversalidade simbólica de gênero, poder, trabalho, religião, água, ambiente que fala muito daquele mundo, e principalmente, no que se refere à sua relação com a água, quase sempre escassa, insuficiente para suas necessidades.

Essa questão constrói elos de identidade e torna-se tema da pauta cotidiana, na qual a memória trazida pelos mais velhos compara as várias secas, as dificuldades e quais foram as saídas diante da falta de chuvas. A meteorologia e história, sempre orais, significam precioso recurso para compreender os valores sociais, a religiosidade, as práticas, o aprendizado, tudo isso por ouvirem falar das representações, experiências vividas e memórias. A casa é um baú que se abre para fazer memória do passado, decodificar o presente (compreender), encontrar respostas, pistas para caminhar rumo ao futuro. A água, nesta realidade, sempre será a representação da identidade, da cultura, da religião, das relações afetivas e efetivas deste povo para o qual a casa tem um papel fundamental.

Falar das representações sociais da água, particularmente da escassez, é especificamente um processo social de produção de conhecimento, a definição de um grupo social e das suas representações sociais.

A água, no caso da escassez e seca de quase uma década, foi representada como uma realidade apocalíptica, “fim do mundo”, “seca monstra”. Uma monstruosidade da natureza algo maior que tudo atinge, penetra tudo, ameaça tudo, causa desordem total, leva à guerra e à fuga. A seca aqui é representada literalmente como monstro,, ela visualiza na morte da natureza a ausência da água: “quase morreu tudo”.

É uma experiência muito forte, representa também o sofrimento, a perda, a ausência da água presenciada através da morte no entorno das coisas e das perdas não só materiais, mas também espirituais e relacionais.

Nos últimos quatro anos, essa região teve uma grande conquista e muitas famílias foram beneficiadas pelo projeto de construção de cisternas de placas. Em muitas residências foram construídas cisternas com apoio financeiro dos poderes públicos, igrejas e organizações não governamentais, isso fez uma grande diferença na vida daquele povo. É importante ampliar esse programa não como forma de solucionar o processo de armazenagem, mas como forma de minimizar o sofrimento dessas pessoas.

Quando refletimos sobre a vulnerabilidade de impactos nesta área do semi-árido, é preciso pensar vulnerabilidade a partir de vários eixos: econômico, social, ambiental, institucional, político, científico, tecnológico, educacional e cultural. Tudo isso deve ser levado em conta como barreiras para o desenvolvimento sustentável. É preciso entender a questão da seca como realidade secular e também a grande dificuldade de continência com a escassez de chuvas. Estes fatores provocam não só um problema ambiental, mas também econômico-social, com progressivo agravamento nestes últimos anos.

É necessário compreender o homem rural nessa complexa terra da escassez da água e sua relação com essa temática como, também, com toda natureza em seu redor, a relação de certa mobilidade na constante busca de compreender o fenômeno da seca, mas também de busca para uma decodificação para melhor enfrentar esse fenômeno natural

Diante do quadro de vulnerabilidade e impactos do território/região, de Cabaceiras, como de todo o semi-árido brasileiro, faz-se urgente pensar e buscar implantar políticas públicas que favoreçam as carências e privações dessas populações de risco, as quais garantam a geração de renda, levando-as a uma melhor qualidade de vida e preservação da caatinga.

Precisamos buscar, de forma eficaz, o desenvolvimento sustentável, levando em conta a fragilidade de cada local, especialmente, nas micro-regiões, como os sítios que formam a comunidade São Francisco.

Aquele que aprendeu a vencer a escassez da água e conviver com a cultura de um verão de 6 a 10 meses por ano, tem muito a ensinar aos outros com sua experiência e tem o que ensinar às várias ciências que buscam a superação deste problema. Acredito ser importante que poderes públicos, organizações não

governamentais, igreja e sociedade como um todo possam ouvir mais e dar maior credibilidade à experiência e à voz do homem do semi-árido.

A insuficiência da regularidade de da água de chuva para conviver no semi-árido nordestino foi e continua a ser uma tarefa difícil para as populações autóctones e os poderes públicos têm demonstrado a incapacidade de solucionar esse problema social. Fica entendida a sua presença indesejável, porém quase inseparável daquelas populações.

É preciso criar um processo contínuo de avaliação das políticas públicas que são executadas nessa região. É muito importante dinamizar o projeto de construção de cisternas para que todas as casas das comunidades rurais possam obter esse benefício.

Entretanto, a força maior desse povo não está nos poderes públicos, nem na escola: a força maior deste povo é a fé e sua vivência religiosa para enfrentar a aridez e as dificuldades físicas do semi-árido paraibano.

Podemos entender a água como elo de identidade, de construção do ser, construção de uma sociedade na qual sejam asseguradas as garantias fundamentais da pessoa humana. A manutenção das populações desta região do semi-árido e a preocupação em proteger áreas degradadas e em processo de desertificação, seja a seca, escassez, ou as enchentes são constantes ameaças a todos (pessoais, animais, plantas e a própria biodiversidade).

Essas pessoas guerreiras lutam contra a ineficiência dos poderes públicos, o isolamento, a própria realidade climática, o alto custo de viver na privação, a fome, a seca e o abandono. Porém, a religiosidade é o elemento fundamental para a resistência de um enfrentamento da seca e da escassez da água e das várias realidades que dificultam a permanência do caririzeiro nos cariris paraibanos.

As hipóteses que nortearam a pesquisa confirmaram que a escassez de água no semi-árido brasileiro e as extemporâneas enchentes que fizeram parte do difícil cotidiano da população que atualmente tem mais de 50 anos, exercem papel relevante nas representações da água, nas identidades sociais, no cristianismo popular dos grupos minoritários que habitam essa região.

A provável identificação de disputas entre grupos radicados nas práticas hegemônicas e o grupo vulnerável investigado, hipótese do trabalho – felizmente – não foi confirmada, aliás, a única hipótese não confirmada. Os sujeitos foram

unânicos em dizer que não presenciaram nem ouviram contar de qualquer tipo de discórdia, menos ainda de brigas e disputas por água, mesmo nos momentos de maior escassez. A solidariedade afetiva aflora na religiosidade dos respondentes, uma religiosidade mais pura, mais solidária, posto que mais simples, mais ingênua, mais cristã, mais bíblica – ainda que eles não leiam a Bíblia, eles ouvem e apreendem os trechos dela em cada missa, cada novena, cada comemoração.

Ao autor resta a esperança que esta dissertação, de alguma forma possa motivar e talvez contribuir para que esta população do semi-árido seja melhor compreendida e, quiçá, inserida em políticas de inclusão social. Políticas que permitam a recuperação das áreas degradadas e desertificadas, garantam sustentabilidade à agricultura familiar e reduzam as vulnerabilidades a níveis aceitáveis. Isto porque este trabalho propiciou mais um encontro com a realidade de minha trajetória e com os desafios de minhas escolhas de vida.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, M.L.S. de (2004). *El Nino de 1997/1998: Sistemas Hídricos, degradação ambiental e vulnerabilidades socioeconômica no Cariri Paraibano*. Dissertação (Mestrado em engenharia agrícola). Departamento de Engenharia Agrícola. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 170p.
- ALIER, JOAN MARTINEZ (2007). *O ecologismo dos pobres*. Editora Contexto, 379p.
- ALMEIDA-CORTEZ, JARCILENE S.; CORTEZ, PEDRO HENRIQUE M.; FRANCO, JOSÉ MARIA V; UZUNIAN, ARMÊNIO (2007). *Caatinga*. Editora Harbra, 64p.
- ARAUJO, A.E. de (2002) *Construção Social dos Ricos e Degradação Ambiental: Município de Souza, um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado e engenharia agrícola). Departamento de Engenharia Agrícola. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande. 122p.
- BARBOSA, M.P. (1997) *Vulnerabilidade de risco a desastre*. Campina Grande: Departamento de Engenharia Agrícola/ UFPB. 87p. (Apostila).
- BERQUÓ, E. S; Souza, J.M.P; Gotlieb, S.L. (1987) *Bioestatística*, São Paulo, EPU.
- BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES; SANTOS, RODRIGO HERLES; DE OLIVEIRA, JOYCELAINE APARECIDA; DE PAULA, ANDRÉA MARIA NARCISO & GAMA, MARIA DAS GRAÇAS (2005). *Um estudo sobre as águas em Gaston Bachelard*. III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária, Presidente prudente – SP.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA; (1972) *Levantamento Exploratório-Reconhecimento de Solos do Estado da Paraíba. II – Interpretação para Uso Agrícola dos Solos da Paraíba*. M.A./ CONTAP/ USAID / BRASIL. (Boletim DPFS. EPE-MA, 15 – Pedagogia, 8). Rio de Janeiro. 683p.
- BRYMAN, A.. (1989) *Research methods and organization studies*. London: Unwin Hyman.
- CABRAL, MARIA ELISA (1997). *Os cariris velhos da Paraíba*. Editora União, 1997, 88p.
- CÂMARA, E. A (2000) *Evolução do Catolicismo na Paraíba*. Campina Grande: edições Caravelas
- CAPRA, FRITJOF (2002). *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. Editora Cultrix, 2002, 296p.

CARDONA, O.D. (2001) *La necesidad de repensar de manera holística los conceptos de vulnerabilidad y riesgo: una crítica y una revisión necesaria para la gestión*. Bogotá: CEDERI, jun. 2001.

CASTRO, E. P. Amostragem e Estatística (1985) Manual para uso em aula do Curso de Pós-GRaduação da FSPUSP, São Paulo.

CAVALCANTI FILHO, JOSÉ ROCHA; GALLO, ZILDO (2008a). *Representações sociais do acesso à água potável e das práticas de uso*. Conferencia da Terra - Fórum Internacional do Meio Ambiente, UFPB, Maio, 2008, 10p.

CAVALCANTI FILHO, JOSÉ ROCHA; GALLO, ZILDO; MEDEIROS, SONISE DOS SANTOS (2008b). *Representações sociais do acesso à água potável e das práticas de uso da agricultura familiar na região do cariri*. III Simpósio sobre reforma agrária e assentamentos rurais: o lugar dos assentamentos rurais: atores, territórios, rede de cooperação e conflito, UNIARA, Junho, 2008, 15p.

CHAGAS, C. da S. Zoneamento Agropedoclimático do Brasil. Disponível em <<http://www.cnps.embrapa.br/search/pesqs/proj02.html#11>>. Acesso em: 18 mai. 2004.

CHRISTOFOLETTI, A . (1999). *Modelagem de Sistemas Ambientais*. São Paulo: Editora Edgard Blucher LTDA.

CUNHA, LUIS VEIGA DA; GONÇALVES, ANTÓNIO SANTOS; FIGUEIREDO, VITOR ALVES DE; LINO, MÁRIO (1980). *A gestão da água: princípios fundamentais e sua aplicação em Portugal*. Editora da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 697 p.

DEBERT, G.G. (2001) Problemas relativos à utilização da história oral de vida e história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos & abusos da história oral. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 304 p.

DUARTE, ROSÁLIA (2002). *Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. Cadernos de Pesquisa, n. 115, mp. a1rç3o9/-125040,2 março/ 2002.

ELIAS, NORBERT & SCOTSON, JOHN. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 213p.

GALLO, ZILDO (2007), *Ethos: a grande morada humana: economia, ecologia e ética*. Ottoni Editora, 2007, 130p.

GUIMARÃES, Ruth. (1995) Dicionário da mitologia grega, São Paulo,. Ed. Cultrix .

HUMEREZ, DORISDAIA CARVALHO DE (1998). *Uso da história de vida: instrumento para a captação de dados na pesquisa qualitativa*. Acta Paulista de Enfermagem, v11, n.2, p.32-37, 1998.

LACERDA, ALECKSANDRA VIEIRA DE (2003). *A semi-aridez e a gestão em bacias hidrográficas: visões e trilhas de um divisor de idéias*. Editora da Universidade Federal da Paraíba, 164 p.

LACERDA, ALECKSANDRA VIEIRA DE; BARBOSA, FRANCISCA MARIA (2006). *Matas Ciliares*. Editora da Universidade Federal da Paraíba, 150p.

LIMA, RENATA FERREIRA; FERRO, FLAVIO FERREIRA & SILVA, ANDERSON DE MENDONÇA (1994). *Projeto SECCA: Os impactos ambientais e o desenvolvimento sustentável na região árida de Cabaceiras - PB*. Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia científica*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARTINS, R. A. *Sistemas de medição de desempenho: um modelo para estruturação do uso*. 1999. Tese (Doutorado) – Departamento de Engenharia de Produção, Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOSCOVICI, SERGE. (2003) *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 404p.

ODUM, E.P.(1988). *Ecologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A , 434p.

RYMAN, A. 1989. *Research methods and organization studies*. London: Unwin Hyman.

SACHS, IGNACY (2004). *Desenvolvimento includente, sustentável, sustentado*. Editora Garamond, 2004, 151p.

SACHS, IGNACY (2007). *Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável no Brasil*. Editora Garamond, 2007, 146p.

SACHS, IGNACY (2002). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Editora Garamond, 2002, 95p.

SCATENA, LUCIA MARINA (2005), *Subsídios para o processo de gestão de Microbacias Hidrográficas; caracterização do sistema fundiário, usuários da terra, sistema de produção e qualidade ambiental: Desafios de Educação Ambiental – Estudo de caso da Microbacia do córrego da Capituva, Macedônia. SP*, Tese de Doutorado, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo.

SENNETT, RICHARD (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Editora Record, 2007, 189p.

SILVA, ALINE PACHECO; REIS-BARROS, CAROLYNE; NOGUEIRA, MARIA LUÍSA MAGALHÃES; ANDRADE DE BARROS, VANESSA (2007). "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. Mosaico: estudos em psicologia, Vol. 1, Nº 1, 2007.

SOBRINHO, JOSÉ FALCÃO; FALCÃO, CLEIRE LIMA DA COSTA (2006). *Semi-árido: diversidades, fragilidades e potencialidades*. Editora Sobral, 212p.

SOUZA, RIDELSON FARIAS; BARBOSA, MARX PRESTES; MORAIS NETO, JOÃO MIGUEL; FERNANDES, MARIA DE FÁTIMA. (2007) *Estudo do processo de desertificação e das vulnerabilidades do município de Cabaceiras – PB*. Engenharia Ambiental – Espírito Santo do Pinhal, 2007, V.4, n.1, p. 82-102.

TANSLEY, J.R. (1935). *The use and abuse of vegetational concept and terms*. *Ecology*, 16: 284-307.

VALENCIO, NORMA FELICIDADE LOPES DA SILVA; MARTINS, RODRIGO CONSTANTE E LEME, ALESSANDRO ANDRÉ (2001a). *A água como valor social: considerações acerca de uma prática acadêmica em torno do tema*. Capítulo 15 em *Caminhos da cidadania: um percurso universitário em prol dos direitos humanos*. Ed. EdefSCar, Norma Felicidade (org.), São carlos, 210p.

VALENCIO, NORMA FELICIDADE LOPES DA SILVA; VARGAS, MARCELO COUTINHO E MIRANDA, CRISTINA OLGA (2001b). *O processo de interiorização do desenvolvimento e suas implicações ao acesso e uso da água pelo cidadão: desafios econômicos, sociais e político-institucionais do Caso Paulista*. Capítulo 13 em *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil*. Orgs, Norma Felicidade, Rodrigo Constante Martins e Alessandro André Leme. Ed. Rima, São Carlos, 238 p.

VEIGA, JOSÉ ELI DA (2007). *A emergência socioambiental*. Editora Senac, 2007, 138p.

Nova Delimitação do Espaço Brasileiro – Ministério da Integração Regional – Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional – Disponível em: <<http://www.mi.gov.br/cartilha>>. Acesso em: 23 março 2009.

Disponível em: <<http://www.mds.gov/programas/seguranca-alimentar-e-nutricional-san/cisternas/cisternas-2/o-semi-arido>>. Acesso em: 05 abril 2009.

Disponível em: <<http://www.rts.org.br/artigos/artigos-2007/o-semi-arido-e-belo-e-constroio-conhecimentos/>>. Acesso em: 05 abril 2009.

Disponível em: <<http://www.embrapa.br/imprensa/noticias/1997/abril.2004.11.25.8425384557/>>. Acesso em: 05 abril 2009.

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabaceiras>>. Acesso em: 05 abril 2009.

Disponível em: <<http://wikimapia.org/1301816/pt/Cabaceiras-Para%C3%ADba-Brasil>>. Acesso em: 21 abril 2009.

Disponível em: <<http://www.ipcdigital.com/br/Noticias/Mundo/Situacao-da-agua-no-mundo-e-por-regioes>>. Acesso em: 12 agosto 2009.

Disponível em: <<http://www.agencia.fapesp.br/materia/10503/entrevistas/agua-em- crise.htm>>. Acesso em: 12 agosto 2009.

Disponível em: <<http://revistadasaguas.pgr.mpf.gov.br/edicoes-da-revista/edicao-06/artigos/a-agua-e-sua-distribuicao-especial>>. Acesso em: 11 agosto 2009.

Disponível em: <<http://revistadasaguas.pgr.mpf.gov.br/edicoes-da-revista/edicao-atual/materias/a-importancia-dos-comites-da-bacia-hidrografica>>. Acesso em: 16 agosto 2009.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9433.htm>>. Acesso em: 16 agosto 2009.

Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-agua/tipos-de-agua-2.php>>. Acesso em: 11 agosto 2009.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Nordeste_do_Brasil>. Acesso em: 16 agosto 2009.

Disponível em: <<http://www.aesa.pb.gov.br/comites/paraiba/>>. Acesso em: 16 agosto 2009.

Disponível em: www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/CABA039.pdf>. Acesso em: 16 agosto 2009.

Apêndice

VII.1 Apêndice 1 - *Formulário Aplicado para a Coleta de Dados*

Roteiro de Entrevistas realizadas no Município de Cabaceiras -PB

1. Identificação do entrevistado:

1.1 nome;

1.2 idade;

1.3 gênero

1.4 escolaridade/ formação;

2. Água e suas representações

2.1 Qual o significado da água para você?

2.2 Já enfrento alguma seca ou enchente?

2.3 Quais foram as dificuldades que você viveu nesta situação de enchente ou seca?

2.4 O que significa conviver com a seca, ou enchente?

2.5 Quais os tipos água que você conhece?

2.6 Você tem reservatório de água, onde?

2.7 Como você cuida da água ou não cuida?

2.8 O que representa a água do batismo para você?

2.9 O que representa para você a água benta dada nas igrejas?

2.10 O que representa a água da chuva?

2.11 O que representa a água do rio?

2.12 O que representa a água de açude?

2.13 O que representa a água de poço?

2.14 O que representa a água suja?

2.15 O que representa a água quente?

2.16 O que representa a água da lágrima?

- 2.17 O que representa a água da urina?
- 2.18 O que representa a água da saliva?
- 2.19 O que representa a água das nuvens?
- 2.20 O que representa a água do suor?
- 2.21 O que significa não ter água?

3. Religiosidade

- 3.1 Você tem algum credo religioso, qual (religião)?
- 3.2 Quanto tempo você está nesta religião?
- 3.3 Você tem participado de sua igreja semanalmente, quinzenalmente, mensalmente ou as vezes?
- 3.4 Como é sua vivencia espiritual? (prática religiosa)
- 3.5 Qual a relação que você faz entre Deus e a natureza?
- 3.6 Quando existe seca ou enchente você faz alguma oração, buscando resolver este problema?
- 3.7 Existe alguns santos que estão diretamente ligados às questões da água e do plantio? Quais são estes santos e santas, e como isto acontece?
- 3.8 A água na Bíblia, identificar.

4. Água e Sociedade

- 4.1 Qual o valor econômico da água?
- 4.2 Você já passou ou passa por conflitos por causa da água?
- 4.3 Você conhece algum conflito que envolve a água?
- 4.4 Você possui água própria?
- 4.5 Você partilha a sua água com outras pessoas?
- 4.6 Você depende da água de outras pessoas?
- 4.7 Você usa a água para quê?
- 4.8 Quantas vezes você usa a mesma água?
- 4.9 Como você reutiliza a água?

4.10 Você conhece na região de Cabaceiras algum crime causado que envolveu o tema da água?

4.11 você já ouviu falar de alguém roubar água?

4.12 Alguém já foi preso por causa de água?

4.13 Você já teve conhecimento de morte de pessoas, animais ou plantações pela falta de água ou por seca ou enchentes?

Anexos

VII.2 Anexo 1 – O caso Wallig Nordeste

A Wallig Nordeste tinha como acionista maior, o industrial paulista Werner Wallig que, em 1967, aceitou o convite do prefeito de Campina Grande, Newton Rique, para ali instalar uma filial de sua indústria de fogões domésticos. A empresa pertencente ao Grupo Wallig do Rio Grande do Sul – surgida em Porto Alegre em 1904 –, possuía uma das mais modernas fábricas do Nordeste, em uma área de 23.000 metros quadrados, localizada, no Distrito Industrial de Campina Grande.

Durante sua existência em Campina Grande, fruto de excelentes incentivos fiscais, a Wallig Nordeste chegou a fabricar de 22.500 unidades por mês, o que lhe deu alto conceito por parte dos revendedores e lhe propiciou exportar para o continente africano. Cabe salientar em sua versão nordestina, a empresa era altamente rentável.

Em 1972, em São Paulo, a indústria de fogões “Cosmopolita”, que fabricava os mesmos modelos de fogões da Wallig Nordeste, entrou em processo de falência mas, a empresa paulista conseguiu recursos do Governo Federal, tendo como subsidiária a Wallig que, a partir de então, teve de destinar os seus recursos para a Cosmopolita e com isso perdeu seu capital de giro.

Desta forma, a Wallig assumiu todos os débitos da Cosmopolita, mas mesmo assim, ainda conseguiu recursos para uma expansão da empresa de Campina Grande, através da SUDENE. Todavia, os recursos seriam desviados para a sede de São Paulo, para arcar com os débitos que cresciam assustadoramente. Some-se a isso, o fim dos incentivos fiscais que o governo estadual concedera à Indústria.

Ainda ocorreriam tentativas por parte do Banco do Estado da Paraíba, do Banco do Nordeste e do Banco do Brasil, de facilitar empréstimos para que, assim, a empresa tivesse certo alívio financeiro. Até a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba tentou, de todas as formas, ajudas governamentais para a Wallig.

Baldados os esforços a empresa teve que encerrar suas atividades aos 17 de setembro de 1979, fato que gerou um alto índice de desempregados em Campina Grande, quando cerca de 1.500 empregos diretos e indiretos foram perdidos. A própria Wallig sul encerraria suas atividades em 1980.

Em visita a Campina Grande, o presidente João Figueiredo chegou a prometer a reabertura da fábrica, fato que nunca ocorreu. O industrial cearense Edson Queiroz (fogões Jangada) tentou algumas investidas para comprar a Wallig Nordeste. Mas ao perceber a grave situação financeira da organização (com um passivo de 1 bilhão de cruzeiros), desistiu de seu intento.

No ano de 1982, o Ministro Delfim Netto afirmou o seguinte: *“nós fizemos tudo para manter aquilo funcionando. Tudo, tudo, tudo. Simplesmente ela não é rentável. Não fomos nós, não, foram os empresários que fizeram aquilo. Eles fizeram tudo. A Wallig recebeu recursos a custo zero; recursos a menos 125; a menos 284; recebeu tudo o que era possível. Simplesmente, ela não pode prosseguir na sua atividade; ela não é viável. A Wallig era uma grande empresa no Brasil todo. Começou no Rio Grande do Sul e depois se estendeu por todo o Brasil. Ela não teve condições de se sustentar. E, no caso particular da Wallig Nordeste, foi feito um empenho especial”.*

A partir de então, durante boa parte das décadas de 80 e 90 do século passado, a Wallig seria alvo de promessas de quase todos os candidatos a prefeitos de Campina Grande, que insistiam no fato que, se eleitos, reabririam a empresa.

Em 2006, através do “Condomínio Industrial Wallig”, nos antigos galpões da empresa no Distrito Industrial, 16 empresas de vários setores passaram a fabricar móveis e colchões; mangueiras de PVC; peças de plástico e computadores.

Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2010/05/relembrando-wallig-nordeste-sa.html>> Acesso em: 25 julho 2010. E com consulta à: Gazeta do Sertão (Coleção), Diário da Borborema (Coleção), revista Veja (Coleção), Anuário de Campina Grande – 1980 – Grafset Ltda, Anuário de Campina Grande – 1982 – Grafset Ltda.

VII.2 Anexo 2 - Resolução CONAMA

RESOLUÇÃO CONAMA Nº 20, de 18 de junho de 1986

Publicado no D.O.U. de 30/07/86

O CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE - CONAMA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 7º, inciso IX, do Decreto 88.351, de 1º de junho de 1983, e o que estabelece a RESOLUÇÃO CONAMA Nº 003, de 5 de junho de 1984;

Considerando ser a classificação das águas doces, salobras e salinas essencial à defesa de seus níveis de qualidade, avaliados por parâmetros e indicadores específicos, de modo a assegurar seus usos preponderantes;

Considerando que os custos do controle de poluição podem ser melhor adequados quando os níveis de qualidade exigidos, para um determinado corpo d'água ou seus diferentes trechos, estão de acordo com os usos que se pretende dar aos mesmos;

Considerando que o enquadramento dos corpos d'água deve estar baseado não necessariamente no seu estado atual, mas nos níveis de qualidade que deveriam possuir para atender às necessidades da comunidade;

Considerando que a saúde e o bem-estar humano, bem como o equilíbrio ecológico aquático, não devem ser afetados como consequência da deterioração da qualidade das águas;

Considerando a necessidade de se criar instrumentos para avaliar a evolução da qualidade das águas, em relação aos níveis estabelecidos no enquadramento, de forma a facilitar a fixação e controle de metas visando atingir gradativamente os objetivos permanentes;

Considerando a necessidade de reformular a classificação existente, para melhor distribuir os usos, contemplar as águas salinas e salobras e melhor especificar os parâmetros e limites associados aos níveis de qualidade requeridos, sem prejuízo de posterior aperfeiçoamento;

RESOLVE estabelecer a seguinte classificação das águas, doces, salobras e salinas do Território Nacional:

Art. 1º - São classificadas, segundo seus usos preponderantes, em nove classes, as águas doces, salobras e salinas do Território Nacional:

ÁGUAS DOCES

1 - Classe Especial - águas destinadas:

- a) ao abastecimento doméstico sem prévia ou com simples desinfecção.
- b) à preservação do equilíbrio natural das comunidades aquáticas.

II - Classe 1 - águas destinadas:

- a) ao abastecimento doméstico após tratamento simplificado;
- b) à proteção das comunidades aquáticas;
- c) à recreação de contato primário (natação, esqui aquático e mergulho);
- d) à irrigação de hortaliças que são consumidas cruas e de frutas que se desenvolvam rentes ao Solo e que sejam ingeridas cruas sem remoção de película.
- e) à criação natural e/ou intensiva (aquicultura) de espécies destinadas á alimentação humana.

III - Classe 2 - águas destinadas:

- a) ao abastecimento doméstico, após tratamento convencional;
- b) à proteção das comunidades aquáticas;
- c) à recreação de contato primário (esqui aquático, natação e mergulho);

- d) à irrigação de hortaliças e plantas frutíferas;
- e) à criação natural e/ou intensiva (aquicultura) de espécies destinadas à alimentação humana.

IV - Classe 3 - águas destinadas:

- a) ao abastecimento doméstico, após tratamento convencional;
- b) à irrigação de culturas arbóreas, cerealíferas e forrageiras;
- c) à dessedentação de animais.

V - Classe 4 - águas destinadas:

- a) à navegação;
- b) à harmonia paisagística;
- c) aos usos menos exigentes.

ÁGUAS SALINAS

VI - Classe 5 - águas destinadas:

- a) à recreação de contato primário;
- b) à proteção das comunidades aquáticas;
- c) à criação natural e/ou intensiva (aquicultura) de espécies destinadas à alimentação humana.

VII - Classe 6 - águas destinadas:

- a) à navegação comercial;
- b) à harmonia paisagística;
- c) à recreação de contato secundário.

ÁGUAS SALOBRAS

VIII - Classe 7 - águas destinadas:

- a) à recreação de contato primário;
- b) à proteção das comunidades aquáticas;
- c) à criação natural e/ou intensiva (aquicultura) de espécies destinadas à alimentação humana.

IX - Classe 8 - águas destinadas:

- a) à navegação comercial;
- b) à harmonia paisagística;
- c) à recreação de contato secundário

Art. 2º - Para efeito desta resolução são adotadas as seguintes definições.

- a) **CLASSIFICAÇÃO:** qualificação das águas doces, salobras e salinas com base nos usos preponderantes (sistema de classes de qualidade).
- b) **ENQUADRAMENTO:** estabelecimento do nível de qualidade (classe) a ser alcançado e/ou mantido em um segmento de corpo d'água ao longo do tempo.
- c) **CONDIÇÃO:** qualificação do nível de qualidade apresentado por um segmento de corpo d'água, num determinado momento, em termos dos usos possíveis com segurança adequada.
- d) **EFETIVAÇÃO DO ENQUADRAMENTO:** conjunto de medidas necessárias para colocar e/ou manter a condição de um segmento de corpo d'água em correspondência com a sua classe.
- e) **ÁGUAS DOCES:** águas com salinidade igual ou inferior a 0,50 ‰.
- f) **ÁGUAS SALOBRAS:** águas com salinidade igual ou inferior a 0,5 ‰ e 30 ‰.
- g) **ÁGUAS SALINAS:** águas com salinidade igual ou superior a 30 ‰.

Art. 3º - Para as águas de Classe Especial, são estabelecidos os limites e/ou condições seguintes:

COLIFORMES: para o uso de abastecimento sem prévia desinfecção os coliformes totais deverão estar ausentes em qualquer amostra.

Art. 4º - Para as águas de classe 1, são estabelecidos os limites e/ou condições seguintes:

a) materiais flutuantes, inclusive espumas não naturais: virtualmente ausentes;

b) óleos e graxas: virtualmente ausentes;

c) substâncias que comuniquem gosto ou odor: virtualmente ausentes;

d) corantes artificiais: virtualmente ausentes;

e) substâncias que formem depósitos objetáveis: virtualmente ausentes;

f) coliformes: para o uso de recreação de contato primário deverá ser obedecido o Art. 26 desta Resolução. As águas utilizadas para a irrigação de hortaliças ou plantas frutíferas que se desenvolvam rentes ao Solo e que são consumidas cruas, sem remoção de casca ou película, não devem ser poluídas por excrementos humanos, ressaltando-se a necessidade de inspeções sanitárias periódicas. Para os demais usos, não deverá ser excedido um limite de 200 coliformes fecais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês; no caso de não haver na região meios disponíveis para o exame de coliformes fecais, o índice limite será de 1.000 coliformes totais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês.

g) DBO₅ dias a 20°C até 3 mg/l O₂;

h) OD, em qualquer amostra, não inferior a 6 mg/lO₂;

i) Turbidez até 40 unidades nefelométrica de turbidez (UNT);

j) cor: nível de cor natural do corpo de água em mg Pt/l

l) pH: 6,0 a 9,0;

m) substâncias potencialmente prejudiciais (teores máximos) :

Alumínio:	0,1 mg/l Al
Amônia não ionizável:	0,02 mg/l NH ₃ .
Arsênio:	0,05 mg/l As
Bário:	1,0 mg/l Ba.
Berílio:	0,1 mg/l Be
Boro:	0,75 mg/l B
Benzeno :	0,01 mg/l
Benzo-a-pireno:	0,00001 mg/l
Cádmio:	0,001 mg/l Cd
Cianetos:	0,01 mg/l CN
Chumbo:	0,03 mg/l Pb
Cloretos:	250 mg/l Cl
Cloro Residual:	0,01 mg/l Cl
Cobalto:	0,2 mg/l Co
Cobre:	0,02 mg/l Cu
Cromo Trivalente:	0,5 mg/l Cr

Cromo Hexavalente:	0,05 mg/l Cr
1,1 dicloroetano :	0,0003 mg/l
1,2 dicloroetano:	0,01 mg/l
Estanho;	2,0 mg/l Sn
Índice de Fenóis:	0,001 mg/l C ₆ H ₅ OH
Ferro solúvel:	0,3 mg/l Fe
Fluoretos:	1,4 mg/l F
Fosfato total:	0,025 mg/l P
Lítio:	2,5 mg/l Li
Manganês:	0,1 mg/l Mn
Mercúrio:	0,0002 mg/l Hg
Níquel:	0,025 mg/l Ni
Nitrato:	10 mg/l N
Nitrito:	1,0 mg/l N
Prata:	0,01mg/l Ag
Pentaclorofenol:	0,01 mg/l
Selênio:	0,01mg/l Se
Sólidos dissolvidos totais:	500 mg/l
Substâncias tenso-ativas que reagem com o azul de metileno :	0,5 mg/l LAS
Sulfatos:	250 mg/l SO ₄
Sulfetos (como H ₂ S não dissociado):	0,002 mg/l S
Tetracloroetano:	0,01 mg/l
Tricloroetano:	0,03 mg/l
Tetracloro de carbono:	0,003 mg/l
2, 4, 6 triclorofenol:	0,01 mg/l
Urânio total:	0,02 mg/l U
Vanádio:	0,1 mg/l V
Zinco:	0,18 mg/l Zn
Aldrin:	0,01 mg/l
Clordano:	0,04 µg/l
DDT;	0,002 µg/l
Dieldrin:	0,005 µg/l
Endrin:	0,004 µg/l
Endossulfan:	0,056 µg/l
Epóxido de Heptacloro:	0,01 µg/l

Heptacloro:	0,01 µg/l
Lindano (gama.BHC)	0,02 µg/l
Metoxicloro:	0,03 µg/l
Dodecacloro + Nonacloro:	0,001 µg/l
Bifenilas Policloradas (PCB'S):	0,001 µg/l
Toxafeno:	0,01 µg/l
Demeton:	0,1 µg/l
Gution:	0,005 µg/l
Malation:	0,1 µg/l
Paration:	0,04 µg/l
Carbaril:	0,02 µg/l
Compostos organofosforados e carbamatos totais:	10,0 µg/l em Paration
2,4 - D:	4,0 µg/l
2,4,5 - TP:	10,0 µg/l
2,4,5 - T:	2,0 µg/l

Art. 5º - Para as águas de Classe 2, são estabelecidos os mesmos limites ou condições da Classe 1, à exceção dos seguintes:

- a) não será permitida a presença de corantes artificiais que não sejam removíveis por processo de coagulação, sedimentação e filtração convencionais;
- b) Coliformes: para uso de recreação de contato primário deverá ser obedecido o Art. 26 desta Resolução. Para os demais usos, não deverá ser excedido uma limite de 1.000 coliformes fecais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês; no caso de não haver, na região, meios disponíveis para o exame de coliformes fecais, o índice limite será de até 5.000 coliformes totais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês;
- c) Cor: até 75 mg Pt/l
- d) Turbidez: até 100 UNT;
- e) DBO₅ dias a 20°C até 5 mg/l O₂;
- f) OD, em qualquer amostra, não inferior a 5 mg/l O₂.

Art. 6º - Para as águas de Classe 3 são estabelecidos os limites ou condições seguintes:

- a) materiais flutuantes, inclusive espumas não naturais: virtualmente ausentes;
- b) óleos e graxas: virtualmente ausentes;
- c) substâncias que comuniquem gosto ou odor: virtualmente ausentes;
- d) não será permitida a presença de corantes artificiais que não sejam removíveis por processo de coagulação, sedimentação e filtração convencionais;
- e) substâncias que formem depósitos objetáveis: virtualmente ausentes;
- f) número de coliformes fecais até 4.000 por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês; no caso de não haver, na região, meios disponíveis para o exame de coliformes fecais, índice limite será de até 20.000 coliformes totais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês;

- g) DBO₅ dias a 20°C até 10 mg/l O₂;
 h) OD, em qualquer amostra, não inferior a 4 mg/l O₂
 1) Turbidez: até 100 UNT;
 j) Cor: até 75 mg Pt/l;
 l) pH: 6,0 a 9,0

m) Substâncias potencialmente prejudiciais (teores máximos) :

Alumínio:	0,1 mg/l Al
Arsênio:	0,05 mg/l As
Bário:	1,0 mg/l Ba
Berílio:	0,1 mg/l Be
Boro:	0,75 mg/l B
Benzeno:	0,01 mg/l
Benzo-a-pireno:	0,00001 mg/l
Cádmio:	0,01 mg/l Cd
Cianetos:	0,2 mg/l CN
Chumbo:	0,05 mg/l Pb
Cloretos:	250 mg/l Cl
Cobalto:	0,2 mg/l Co
Cobre:	0,5 mg/l Cu
Cromo Trivalente:	0,5 mg/l Cr
Cromo Hexavalente:	0,05 mg/l Cr
1,1 dicloroetano:	0,0003 mg/l
1.2 dicloroetano:	0,01 mg/l
Estanho:	2,0 mg/l Sn
Índice de Fenóis:	0,3 mg/l C ₆ H ₅ OH
Ferro solúvel:	5,0 mg/l Fe
Fluoretos:	1,4 mg/l F
Fosfato total:	0,025 mg/l P
Lítio:	2,5 mg/l Li
Manganês:	0,5 mg/l Mn
Mercúrio:	0,002 mg/l Hg
Níquel:	0,025 mg/l Ni
Nitrato:	10 mg/l N
Nitrito:	1,0 mg/l N
Nitrogênio amoniacal:	1,0 mg/l N
Prata:	0,05 mg/l Ag

Pentaclorofenol:	0,01 mg/l
Selênio:	0,01mg/l Se
Sólidos dissolvidos totais:	500 mg/l
Substâncias tenso-ativas que reagem com o azul de metileno:	0,5 mg/l LAS
Sulfatos:	250 mg/l SO ₄
Sulfatos (como H ₂ S não dissociado):	0,3 mg/l S
Tetracloroetano:	0,01 mg/l
Tricloroetano:	0,03 mg/l
Tetracloroeto de Carbono:	0,003 mg/l
2, 4, 6 triclorofenol:	0,01 mg/l
Urânio total:	0,02 mg/l U
Vanádio:	0,1 mg/l V
Zinco:	5,0 mg/l Zn
Aldrin:	0,03 µg/l
Clordano:	0,3 µg/l
DDT:	1,0 µg/l
Dieldrin:	0,03 µg/l
Endrin:	0,2 µg/l
Endossulfan:	150 µg/l
Epóxido de Heptacloro:	0,1 µg/l
Heptacloro:	0,1 µg/l
Lindano (gama-BHC):	3,0 µg/l
Metoxicloro:	30,0 µg/l
Dodecacloro + Nonacloro:	0,001 µg/l
Bifenilas Policloradas (PCB'S):	0,001 µg/l
Toxafeno:	5,0 µg/l
Demeton:	14,0 µg/l
Gution:	0,005 µg/l
Malation:	100,0 µg/l
Paration:	35,0 µg/l
Carbaril:	70,0 µg/l
Compostos organofosforados e carbamatos totais em Paration:	100,0 µg/l
2,4 - D:	20,0 µg/l
2,4,5 - TP:	10,0 µg/l

2,4,5 - T:	2,0 µg/l
------------	----------

Art. 7º - Para as águas de Classe 4, são estabelecidos os limites ou condições seguintes:

- a) materiais flutuantes, inclusive espumas não naturais: virtualmente ausentes;
- b) odor e aspecto: não objetáveis;
- c) óleos e graxas: toleram-se iridicências;
- d) substâncias facilmente sedimentáveis que contribuam para o assoreamento de canais de navegação: virtualmente ausentes;
- e) índice de fenóis até 1,0 mg/l C₆H₅OH ;
- f) OD superior a 2,0 mg/l O₂, em qualquer amostra;
- g) pH: 6 a 9.

ÁGUAS SALINAS

Art. 8º - Para as águas de Classe 5, são estabelecidos os limites ou condições seguintes:

- a) materiais flutuantes: virtualmente ausentes;
- b) óleos e graxas: virtualmente ausentes;
- c) substâncias que produzem odor e turbidez: virtualmente ausentes;
- d) corantes artificiais: virtualmente ausentes;
- e) substâncias que formem depósitos objetáveis: virtualmente ausentes;
- f) coliformes: para o uso de recreação de contato primário deverá ser obedecido o Art. 26 desta Resolução. Para o uso de criação natural e/ou intensiva de espécies destinadas à alimentação humana e que serão ingeridas cruas, não deverá ser excedida uma concentração média de 14 coliformes fecais por 100 mililitros, com não mais de 10% das amostras excedendo 43 coliformes fecais por 100 mililitros. Para os demais usos não deverá ser excedido um limite de 1,000 coliformes fecais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês; no caso de não haver, na região, meios disponíveis para o exame de coliformes fecais, o índice limite será de até 5,000 coliformes totais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês;
- g) DBO₅ dias a 20°C até 5 mg/l O₂ ;
- h) OD, em qualquer amostra, não inferior a 6 mg/l O₂ ;
- i) pH: 6,5 à 8,5, não devendo haver uma mudança do pH natural maior do que 0,2 unidade;
- j) substâncias potencialmente prejudiciais (teores máximos) :

Alumínio:	1,5 mg/l Al
Amônia não ionizável:	0,4 mg/l NH ₃
Arsênio:	0,05 mg/l As
Bário:	1,0 mg/l Ba
Berílio:	1,5 mg/l Be
Boro:	5,0 mg/l B
Cádmio:	0,005 mg/l Cd
Chumbo:	0,01 mg/l Pb
Cianetos:	0,005 mg/l CN
Cloro residual:	0,01 mg/l Cl

Cobre:	0,05 mg/l Cu
Cromo hexavalente:	0,05 mg/l Cr
Estanho:	2,0 mg/l Sn
Índice de fenóis:	0,001 mg/l C ₆ H ₅ OH
Ferro:	0,3 mg/l Fe
Fluoretos:	1,4 mg/l F
Manganês:	0,1 mg/l Mn
Mercúrio:	0,0001 mg/l Hg
Níquel:	0,1 mg/l Ni
Nitrato:	10,0 mg/l N
Nitrito:	1,0 mg/ N
Prata:	0,005 m/l Ag
Selênio:	0,01 mg/l Se
Substâncias tensoativas que reagem com o azul de metileno:	0,5 mg/l - LAS
Sulfetos com H ₂ S:	0,002 mg/l S
Tálio:	0,1 mg/l Tl
Urânio Total:	0,5 mg/l U
Zinco:	0,17 mg/l Zn
Aldrin:	0,003 µg/l
Clordano:	0,004 µg/l
DDT:	0,001 µg/l
Demeton:	0,1 µg/l
Dieldrin:	0,003 µg/l
Endossulfan:	0,034 µg/l
Endrin:	0,004 µg/l
Epóxido de Heptacloro:	0,001 µg/l
Heptacloro:	0,001 µg/l
Metoxicloro:	0,03 µg/l
Lindano (gama - BHC):	0,004 µg/l
Dodecacloro + Nonadoro:	0,001 µg/l
Gution:	0,01 µg/l
Malation:	0,1 µg/l
Paration:	0,04 µg/l
Toxafeno:	0,005 µg/l
Compostos organofosforados e carbamatos	10,0 µg/l em Paration

totais:	
2,4 .- D:	10,0 µg/l
2, 4, 5 - TP:	10,0 µg/l
2, 4, 5 - T	10,0 µg/l

Art. 9º - Para as águas de Classe 6, são estabelecidos os limites ou condições seguintes:

- a) materiais flutuantes; virtualmente ausentes;
- b) óleos e graxas: toleram-se iridicências;
- c) substâncias que produzem odor e turbidez: virtualmente ausentes;
- d) corantes artificiais: virtualmente ausentes;
- e) substâncias que formem depósitos objetáveis: virtualmente ausentes;
- f) coliformes: não deverá ser excedido um limite de 4,000 coliformes fecais por 100 ml em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês; no caso de não haver na região meio disponível para o exame de coliformes fecais, o índice limite será de 20.000 coliformes totais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês;
- g) DBO₅ dias a 20°C até 10 mg/l O₂
- h) OD, em qualquer amostra, não inferior a 4 mg/l O₂;
- i) pH: 6,5, a 8,5, não devendo haver uma mudança do pH natural maior do que 0,2 unidades;

ÁGUAS SALOBRAS

Art. 10 - Para as águas de Classe 7, são estabelecidos os limites ou condições seguintes:

- a) DBO₅ dias a 20°C até 5 mg/l O₂;
- b) OD, em qualquer amostra, não inferior a 5 mg/l O₂;
- c) pH: 6,5 a 8,5
- d) óleos e graxas: virtualmente ausentes;
- e) materiais flutuantes: virtualmente ausentes;
- f) substâncias que produzem cor, odor e turbidez: virtualmente ausentes;
- g) substâncias que formem depósitos objetáveis: virtualmente ausentes;
- h) coliformes; para uso de recreação de contato primário deverá ser obedecido o Art. 26 desta Resolução, Para o uso de criação natural e/ou intensiva de espécies destinadas à alimentação humana e que serão ingeridas cruas, não deverá ser excedido uma concentração média de 14 coliformes fecais por 100 mililitros com não mais de 10% das amostras excedendo 43 coliformes fecais por 100 mililitros. Para os demais usos não deverá ser excedido um limite de 1.000 coliformes fecais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais, colhidas em qualquer mês; no caso de não haver na região, meios disponíveis para o exame de coliformes fecais, o índice limite será de até 5.000 coliformes totais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais, colhidas em qualquer mês;
- i) substâncias potencialmente prejudiciais (teores máximos) ;

Amônia:	0,4 mg/l NH ₃
Arsênio:	0,05 mg/l As
Cádmio:	0,005 mg/l Cd
Cianetos:	0,005 mg/l CN
Chumbo:	0,01 mg/l Pb

Cobre:	0,05 mg/l Cu
Cromo hexavalente:	0,05 mg/l Cr
Índice de fenóis:	0,001 mg/l C ₆ H ₅ OH
Fluoretos:	1,4 mg/l F
Mercúrio:	0,0001 mg/l Hg
Níquel:	0,1 mg/l Ni
Sulfetos como H ₂ S:	0,002 mg/l S
Zinco:	0,17 mg/l Zn
Aldrin:	0,003 µg/l
Clordano:	0,004 µg/l
DDT:	0,001 µg/l
Demeton:	0,1 µg/l
Dieldrin:	0,003 µg/l
Endrin:	0,004 µg/l
Endossulfan:	0,034 µg/l
Epóxido de heptacloro:	0,001 µg/l
Gution:	0,01 µg/l
Heptacloro:	0,001 µg/l
Lindano (gama . BHC):	0,004 µg/l
Malation:	0,1 µg/l
Metoxicloro:	0,03 µg/l
Dodecacloro + Nonacloro:	0,001 µg/l
Paration:	0,04 µg/l
Toxafeno:	0,005 µg/l
Compostos organofosforados e carbamatos totais:	10,0 µg/l em Paration
2,4 - D:	10,0 µg/l
2, 4, 5 - T:	10,0 µg/l
2, 4, 5 - TP:	10,0 µg/l

Art.11 - Para as águas de Classe 8, são estabelecidos os limites ou condições seguintes:

- a) pH: 5 a 9
- b) OD, em qualquer amostra, não inferior a 3,0 mg/l O₂;
- c) óleos e graxas: toleram-se iridicências;
- d) materiais flutuantes: virtualmente ausentes;
- e) substâncias que produzem cor, odor e turbidez: virtualmente ausentes;
- f) substâncias facilmente sedimentáveis que contribuam para o assoreamento de canais de navegação: virtualmente ausentes;

g) coliformes: não deverá ser excedido um limite de 4.000 coliformes fecais por 100 ml em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês; no caso de não haver, na região, meios disponíveis para o exame de coliformes recais, o índice será de 20.000 coliformes totais por 100 mililitros em 80% ou mais de pelo menos 5 amostras mensais colhidas em qualquer mês;

Art. 12 - Os padrões de qualidade das águas estabelecidos nesta Resolução constituem-se em limites individuais para cada substância. Considerando eventuais ações sinérgicas entre as mesmas, estas ou outras não especificadas, não poderão conferir às águas características capazes de causarem efeitos letais ou alteração de comportamento, reprodução ou fisiologia da vida.

§ 1º - As substâncias potencialmente prejudiciais a que se refere esta Resolução, deverão ser investigadas sempre que houver suspeita de sua presença,

§ 2º - Considerando as limitações de ordem técnica para a quantificação dos níveis dessas substâncias, os laboratórios dos organismos competentes deverão estruturar-se para atenderem às condições propostas. Nos casos onde a metodologia analítica disponível for insuficiente para quantificar as concentrações dessas substâncias nas águas, os sedimentos e/ou biota aquática deverão ser investigados quanto a presença eventual dessas substâncias.

Art. 13 - Os limites de DBO, estabelecidos para as Classes 2 e 3, poderão ser elevados, caso o estudo da capacidade de autodepuração do corpo receptor demonstre que os teores mínimos de OD, previstos, não serão desobedecidos em nenhum ponto do mesmo, nas condições críticas de vazão ($Q_{crit.} = Q_{7,10}$, onde $Q_{7,10}$, é a média das mínimas de 7 (sete) dias consecutivos em 10 (dez) anos de recorrência de cada seção do corpo receptor).

Art. 14 - Para os efeitos desta Resolução, consideram-se entes, cabendo aos órgãos de controle ambiental, quando necessário, quantificá-los para cada caso.

Art. 15 - Os órgãos de controle ambiental poderão acrescentar outros parâmetros ou tornar mais restritivos os estabelecidos nesta Resolução, tendo em vista as condições locais.

Art. 16 - Não há impedimento no aproveitamento de águas de melhor qualidade em usos menos exigentes, desde que tais usos não prejudiquem a qualidade estabelecida para essas águas.

Art. 17 - Não será permitido o lançamento de poluentes nos mananciais sub-superficiais.

Art. 18 - Nas águas de Classe Especial não serão tolerados lançamentos de águas residuárias, domésticas e industriais, lixo e outros resíduos sólidos, substâncias potencialmente tóxicas, defensivos agrícolas, fertilizantes químicos e outros poluentes, mesmo tratados. Caso sejam utilizadas para o abastecimento doméstico deverão ser submetidas a uma inspeção sanitária preliminar.

Art. 19 - Nas águas das Classes 1 a 8 serão tolerados lançamentos de desejos, desde que, além de atenderem ao disposto no Art. 21 desta Resolução, não venham a fazer com que os limites estabelecidos para as respectivas classes sejam ultrapassados.

Art. 20 - Tendo em vista os usos fixados para as Classes, os órgãos competentes enquadrarão as águas e estabelecerão programas de controle de poluição para a efetivação dos respectivos enquadramentos, obedecendo ao seguinte:

a) o corpo de água que, na data de enquadramento, apresentar condição em desacordo com a sua classe (qualidade inferior à estabelecida), será objeto de providências com prazo determinado visando a sua recuperação, excetuados os parâmetros que excedam aos limites devido às condições naturais;

b) o enquadramento das águas federais na classificação será procedido pela SEMA, ouvidos o Comitê Especial de Estudos Integrados de Bacias Hidrográfica; - CEEIBH e outras entidades públicas ou privadas interessadas;

c) o enquadramento das águas estaduais será efetuado pelo órgão estadual competente, ouvidas outras entidades públicas ou privadas interessadas;

d) os órgãos competentes definirão as condições específicas de qualidade dos corpos de água

intermitentes;

e) os corpos de água já enquadrados na legislação anterior, na data da publicação desta Resolução, serão objetos de reestudo a fim de a ela se adaptarem;

f) enquanto não forem feitos os enquadramentos, as águas doces serão consideradas Classe 2, as salinas Classe 5 e as salobras Classe 7, porém, aquelas enquadradas na legislação anterior permanecerão na mesma classe até o reenquadramento;

g) os programas de acompanhamento da condição dos corpos de água seguirão normas e procedimentos a serem estabelecidos pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA.

Art. 21 - Os efluentes de qualquer fonte poluidora somente poderão ser lançados, direta ou indiretamente, nos corpos de água desde que obedeçam às seguintes condições:

a) pH entre 5 a 9;

b) temperatura : inferior a 40°C, sendo que a elevação de temperatura do corpo receptor não deverá exceder a 3°C;

c) materiais sedimentáveis: até 1 ml/litro em teste de 1 hora em cone Imhoff. Para o lançamento em lagos e lagoas, cuja velocidade de circulação seja praticamente nula, os materiais sedimentáveis deverão estar virtualmente ausentes;

d) regime de lançamento com vazão máxima de até 1,5 vezes a vazão média do período de atividade diária do agente poluidor;

e) óleos e graxas:

- óleos minerais até 20 mg/l

- óleos vegetais e gorduras animais até 50 mg/l;

f) ausência de materiais flutuantes;

g) valores máximos admissíveis das seguintes substâncias:

Amônia:	5,0 mg/l N
Arsênio total:	0,5 mg/l As
Bário:	5,0 mg/ Ba
Boro:	5,0 mg/l B
Cádmio:	0,2 mg/l Cd
Cianetos:	0,2 mg/l CN
Chumbo:	0,5 mg/l Pb
Cobre:	1,0 mg/l Cu
Cromo hexavelente:	0,5 mg/l Cr
Cromo trivalente:	2,0 mg/l Cr
Estanho:	4,0 mg/l Sn
Índice de fenóis:	0,5 mg/l C ₆ H ₅ OH
Ferro solúvel:	15,0 mg/l Fe
Fluoretos:	10,0 mg/l F
Manganês solúvel:	1,0 mg/l Mn
Mercúrio:	0,01 mg/l Hg
Níquel:	2,0 mg/l Ni
Prata:	0,1 mg/l Ag

Selênio:	0,05 mg/l Se
Sulfetos:	1,0 mg/l S
Sulfito:	1,0 mg/l SO ₃
Zinco:	5,0 mg/l Zn
Compostos organofosforados e carbonatos totais:	1,0 mg/l em Paration
Sulfeto de carbono:	1,0 mg/l
Tricloroetano:	1,0 mg/l
Clorofórmio :	1,0 mg/l
Tetracloroeto de Carbono:	1,0 mg/l
Dicloroetano:	1,0 mg/l
Compostos organoclorados não listados acima (pesticidas, solventes, etc):	0,05 mg/l
outras substâncias em concentrações que poderiam ser prejudiciais: de acordo com limites a serem fixados pelo CONAMA.	

h) tratamento especial, se provierem de hospitais e outros estabelecimentos nos quais haja despejos infectados com microorganismos patogênicos.

Art. 22 - Não será permitida a diluição de efluentes industriais com águas não poluídas, tais como água de abastecimento, água de mar e água de refrigeração.

Parágrafo Único - Na hipótese de fonte de poluição geradora de diferentes despejos ou emissões individualizadas, os limites constantes desta regulamentação aplicar-se-ão a cada um deles ou ao conjunto após a mistura, a critério do órgão competente.

Art. 23 - Os efluentes não poderão conferir ao corpo receptor características em desacordo com o seu enquadramento nos termos desta Resolução.

Parágrafo Único - Resguardados os padrões de qualidade do corpo receptor, demonstrado por estudo de impacto ambiental realizado pela entidade responsável pela emissão, o competente poderá autorizar lançamentos acima dos limites estabelecidos no Art. 21, fixando o tipo de tratamento e as condições para esse lançamento.

Art. 24 - Os métodos de coleta e análise das águas devem ser os especificados nas normas aprovadas pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normatização e Qualidade Industrial - INMETRO ou, na ausência delas, no Standard Methods for the Examination of Water and Wastewater APHA-AWWA-WPCF, última edição, ressalvado o disposto no Art. 12. O índice de fenóis deverá ser determinado conforme o método 510 B do Standard Methods for the Examination of Water and Wastewater, 16ª edição, de 1985.

Art. 25 - As indústrias que, na data da publicação desta Resolução, possuírem instalações ou projetos de tratamento de seus despejos, aprovados por órgão integrante do Sistema Nacional do Meio Ambiente - SISNAMA, que atendam à legislação anteriormente em vigor, terão prazo de três (3) anos, prorrogáveis até cinco (5) anos, a critério do Estadual Local, para se enquadrarem nas exigências desta Resolução. No entanto, as citadas instalações de tratamento deverão ser mantidas em operação com a capacidade, condições de funcionamento e demais características para as quais foram aprovadas, até que se cumpram as disposições desta Resolução.

BALNEABILIDADE

Art. 26 - As águas doces, salobras e salinas destinadas à balneabilidade (recreação de contato primário) serão enquadradas e terão sua condição avaliada nas categorias EXCELENTE,

MUITO BOA. SATISFATÓRIA e IMPRÓPRIA, da seguinte forma:

a) EXCELENTE (3 estrelas) : Quando em 80% ou mais de um conjunto de amostras obtidas em cada uma das 5 semanas anteriores, colhidas no mesmo local, houver, no máximo, 250 coliformes fecais por 1,00 mililitros ou 1.250 coliformes totais por 100 mililitros;

b) MUITO BOAS (2 estrelas): Quando em 80% ou mais de um conjunto de amostras obtidas em cada uma das 5 semanas anteriores, colhidas no mesmo local, houver, no máximo, 500 coliformes fecais por 100 mililitros ou 2.500 coliformes totais por 100 mililitros;

c) SATISFATÓRIAS (1 estrela): Quando em 80% ou mais de um conjunto de amostras obtidas em cada uma das 5 semanas anteriores, colhidas no mesmo local, houver, no máximo 1.000 coliformes recais por 100 mililitros ou 5.000 coliformes totais por 100 mililitros;

d) IMPRÓPRIAS: Quando ocorrer, no trecho considerado, qualquer uma das seguintes circunstâncias:

1. não enquadramento em nenhuma das categorias anteriores, por terem ultrapassado os índices bacteriológicos nelas admitidos;

2. ocorrência, na região, de incidência relativamente elevada ou anormal de enfermidades transmissíveis por via hídrica, a critério das autoridades sanitárias;

3. sinais de poluição por esgotos, perceptíveis pelo olfato ou visão;

4. recebimento regular, intermitente ou esporádico, de esgotos por intermédio de valas, corpos d'água ou canalizações, inclusive galerias de águas pluviais, mesmo que seja de forma diluída;

5. presença de resíduos ou despejos, sólidos ou líquidos, inclusive óleos, graxas e outras substâncias, capazes de oferecer riscos à saúde ou tornar desagradável a recreação;

6. pH menor que 5 ou maior que 8,5 ;

7. presença, na água, de parasitas que afetem o homem ou a constatação da existência de seus hospedeiros intermediários infectados;

8. presença, nas águas doces, de moluscos transmissores potenciais de esquistossomo, caso em que os avisos de interdição ou alerta deverão mencionar especificamente esse risco sanitário;

9. outros fatores que contra-indiquem, temporariamente ou permanentemente, o exercício da recreação de contato primário.

Art. 27 - No acompanhamento da condição das praias ou balneários as categorias EXCELENTE, MUITO BOA e SATISFATÓRIA poderão ser reunidas numa única categoria denominada PRÓPRIA.

Art. 28 - Se a deterioração da qualidade das praias ou balneários ficar caracterizada como decorrência da lavagem de vias públicas pelas águas da chuva, ou como consequência de outra causa qualquer, essa circunstância deverá ser mencionada no Boletim de condição das praias e balneários.

Art. 29 - A coleta de amostras será feita, preferencialmente, nos dias de maior afluência do público às praias ou balneários.

Art. 30 - Os resultados dos exames poderão, também, se referir a períodos menores que 5 semanas, desde que cada um desses períodos seja especificado e tenham sido colhidas e examinadas, pelo menos, 5 amostras durante o tempo mencionado.

Art. 31 - Os exames de colimetria, previstos nesta Resolução, sempre que possível, serão feitos para a identificação e contagem de coliformes fecais, sendo permitida a utilização de índices expressos em coliformes totais, se a identificação e contagem forem difíceis ou impossíveis.

Art. 32 - À beira mar, a coleta de amostra para a determinação do número de coliformes fecais ou totais deve ser, de preferência, realizada nas condições de maré que apresentem, costumadamente, no local, contagens bacteriológicas mais elevadas.

Art. 33 - As praias e outros balneários deverão ser interditados se o órgão de controle

ambiental, em qualquer dos seus níveis (Municipal, Estadual ou Federal), constatar que a má qualidade das águas de recreação primária justifica a medida.

Art. 34 - Sem prejuízo do disposto no artigo anterior, sempre que houver uma afluência ou extravasamento de esgotos capaz de oferecer sério perigo em praias ou outros balneários, o trecho afetado deverá ser sinalizado, pela entidade responsável, com bandeiras vermelhas constando a palavra POLUÍDA em cor negra.

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 35 - Aos órgãos de controle ambiental compete a aplicação desta Resolução, cabendo-lhes a fiscalização para o cumprimento da legislação, bem como a aplicação das penalidades previstas, inclusive a interdição de atividades industriais poluidoras.

Art. 36 - Na inexistência de entidade estadual encarregada do controle ambiental ou se, existindo, apresentar falhas, omissões ou prejuízo sensíveis aos usos estabelecidos para as águas, a Secretaria Especial do Meio Ambiente poderá agir diretamente, em caráter supletivo.

Art. 37 - Os estaduais de controle ambiental manterão a Secretaria Especial do Meio Ambiente informada sobre os enquadramentos dos corpos de água que efetuarem, bem como das normas e padrões complementares que estabelecerem.

Art. 38 - Os estabelecimentos industriais, que causam ou possam causar poluição das águas, devem informar ao órgão de controle ambiental, o volume e o tipo de seus efluentes, os equipamentos e dispositivos antipoluidores existentes, bem como seus planos de ação de emergência, sob pena das sanções cabíveis, ficando o referido órgão obrigado a enviar cópia dessas informações ao IBAMA, à STI (MIC), ao IBGE (SEPLAN) e ao DNAEE (MME).

Art. 39 - Os Estados, Territórios e o Distrito Federal, através dos respectivos órgãos de controle ambiental, deverão exercer sua atividade orientadora, fiscalizadora e punitiva das atividades potencialmente poluidoras instaladas em seu território, ainda que os corpos de água prejudicados não sejam de seu domínio ou jurisdição.

Art. 40 - O não cumprimento ao disposto nesta Resolução acarretará aos infratores as sanções previstas na Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e sua regulamentação pelo Decreto nº 88.351, de 01 de junho de 1983.

Art. 41 - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Deni Lineu Schwartz
Presidente

<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res2086.html> Acesso 21 abril 2010.